

150

anos

HOSPITAL Santo Antônio



*150 anos de história,
olhando para o futuro!*

LAUTH, Ana Paula

Hospital Santo Antônio 150 anos de história, olhando para o futuro/

Ana Paula Lauth. – Blumenau, 2010 150 p.: il.

Entrevistas, Pesquisa e Redação

Ana Paula Lauth

Edição

Presse Comunicação Empresarial

Cristiane Soethe Zimmermann

Fernanda R. Souza Momm

Projeto gráfico

Via Blumenau

Julio Fukakusa

Juliana Borges

Diretor de Arte

Via Blumenau

Eduardo Beltramini

Editor de Arte

Via Blumenau

João Luiz Ferreira

Fotografias

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Arquivo pessoal dos Entrevistados

Arquivo Hospital Santo Antônio

Acervo da Escola Técnica de Saúde de Blumenau (ETS)

Tratamento de Imagens

Via Blumenau

Eduardo Beltramini

Diretoria

Siegfried Heinrich Hildebrand

Gerente Geral

Osionides Conte Martinez

Gerente Técnico

Dilene Jahn Mello Santos

Gerente de Enfermagem

Letícia Hoss Schwaderer

Gerente Administrativo/Financeira

Sumário

Apresentação:	Hospital Santo Antônio: Participação ativa na vida dos blumenauenses.	009
Capítulo 1:	A assistência médica na colônia.	011
Capítulo 2:	A administração entregue ao município.	021
Capítulo 3:	Participação de Dr. Affonso Balsini no Hospital Santo Antônio e outras histórias.	029
Capítulo 4:	Implantação da Escola de Auxiliar de Enfermagem	041
Capítulo 5:	O Hospital Santo Antônio por quem começou a atuar nele na década de 60	063
Capítulo 6:	Incorporação do Hospital Santo Antônio a FURB.	077
Capítulo 7:	Hospital Santo Antônio torna-se Fundação Hospitalar de Blumenau.	085
Capítulo 8:	A história por quem iniciou a atuação no Santo Antônio na década de 70.	093
Capítulo 9:	Nos anos 80: Enchente, novas e importantes mudanças.	109
Capítulo 10:	Inauguração das instalações da UTI Pediátrica e as conquistas dos anos 90.	119
Capítulo 11:	Em 2000, Santo Antônio conquista título "Hospital Amigo da Criança"	149
Capítulo 12:	Uma obra esperada por 12 anos	161
Capítulo 13:	Hospital Santo Antônio: A história segue.	173
Bibliografia.		183

Prólogo

Reunir os 150 anos de história do Hospital Santo Antônio e documentar, em forma de livro não é somente importante, para que se tenha um registro de todo este período, mas para que as futuras gerações tomem conhecimento do que a instituição fez pelo município de Blumenau.

Também, tem a função de fazer com que o hospital seja ainda mais valorizado pelos que já o conhecem. Pois, as constantes lutas e sacrifícios para tornar-se forte e moderno merecem reconhecimento.

Por não haver nenhum material que reúna tantas informações dos períodos vividos pelo Hospital Santo Antônio houve dificuldade, tratando-se diversas vezes de uma busca quase investigativa por dados do passado do hospital.

Durante três meses intensa pesquisa foi realizada no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, no Acervo da Escola Técnica de Saúde de Blumenau (ETS) e através de materiais, cedidos por pessoas que tem, ou tiveram envolvimento com o hospital. Documentos e fotografias traziam à tona a biografia que era escrita.

Além disso a história, também, é contada por meio de relatos de quem participou de momentos marcantes da instituição. Foram realizadas quase 50 entrevistas.

Pessoas que viveram e muitas que ainda vivem o dia-a-dia do Hospital Santo Antônio mostram a realidade do tempo em que estiveram envolvidas. Algumas trazem até mesmo fotos dos arquivos pessoais, para ilustrar a experiência no hospital. Outras imagens foram adquiridas, através do Arquivo Histórico de Blumenau e outros acervos.

Comemorar o aniversário de 150 anos do Hospital Santo Antônio com um presente como este livro é uma honra e um orgulho que só deve ser agradecido.

Siegfried Heinrich Hildebrand

Apresentação

Hospital Santo Antônio: Participação ativa na vida dos blumenauenses

A diretora de Patrimônio Histórico Museológico da Fundação Cultural de Blumenau, Sueli Petry, relata que a questão da saúde, em Blumenau, sempre foi uma preocupação contínua do fundador, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. “Tanto é verdade que, já em 1852, chegava o primeiro médico à colônia Blumenau, que foi Dr. Fritz Müller”, reforça.

Ela observa que Fritz Müller era formado na área de medicina, porém, dedicou-se com mais atenção à botânica e à ciência. Os outros médicos que vieram a Blumenau para atender às necessidades da colônia, que se destacaram, foram: o farmacêutico Dr. Eberhard e o veterinário que fazia partos, que veio no primeiro contingente de imigrantes de 1850, Guilherme Friedenreich.

A preocupação com a saúde dos colonos era uma constante na vida do Dr. Blumenau. Quando houve o nascimento de uma instituição preocupada com os doentes da colônia, entidade que passou a se chamar Sociedade de Auxílio aos Enfermos da Colônia Blumenau, é que nasce a história do atual Hospital Santo Antônio.

A denominação Hospital Santo Antônio só é adquirida na década de 40, por volta de 1948. “Todas as doenças, a assistência que era dada aos colonos, era feita inicialmente em uma casa muito simples e, à medida que a colônia se transformava em município, foram crescendo as necessidades e demandas”, descreve Sueli.

Havia os médicos particulares, mas, a parte do assistencialismo no setor da saúde foi centralizada no Hospital de Auxílio aos Enfermos, que passou, posteriormente, a denominar-se Sociedade Beneficente. Assim, o município veio trazendo a preocupação com a saúde na colônia.

Sueli Petry ressalta que a participação do Hospital Santo Antônio na vida dos blumenauenses foi intensa. Milhares de pessoas foram atendidas pelos médicos e enfermeiras que ali trabalharam. Havia, nas proximidades deste hospital, uma casa para atender as pessoas nervosas, na época se dizia um hospício. “Se formos estudar a realidade de hoje, atendia pessoas com problemas de depressão, saúde nervosa. Na época, o tratamento era feito no ‘hospital dos loucos’, que ficava próximo ao Hospital Beneficente”.

Com o passar dos anos, devido ao grande número de pessoas que recorriam ao hospital, houve o aumento do número de leitos, o patrimônio cresceu e ganhou realmente uma feição mais sanitária. Muitas doenças foram acometidas na região do grande município de Blumenau e o atendimento deu-se no Hospital Santo Antônio.

Até o início do século XIX todas as atenções na área da saúde estavam centradas para o Hospital Santo Antônio. Tempos depois nasceram outros na cidade: “o hospital católico, que é o Santa Isabel, começa no final do século XIX, por volta de 1895, quando chegam as primeiras Irmãs de caridade e, em 1909, ele flui como um hospital. Um outro hospital que é o Santa Catarina, evangélico. Mas o Hospital Santo Antônio já tem uma história desde o começo da colonização, o atendimento dele à comunidade vem de longa data. Paralelo a isso atendiam os médicos particulares”.

Ela aponta que à medida que a cidade crescia, “a saúde era muito bem servida”, pois havia os hospitais Santo Antônio, Santa Isabel e Santa Catarina. Destaca, ainda, que as classes mais necessitadas buscavam atendimento no Hospital Santo Antônio, enquanto os católicos e os evangélicos buscavam cada um dentro da sua identificação religiosa. Esta era uma questão muito forte. Na década de 40, surgiu o Hospital de Misericórdia, que atendia a região da Vila Itoupava.

O Hospital Santo Antônio teve ainda grande participação, quando aconteciam epidemias, como malária e tifo. “Formava-se uma verdadeira cadeia de atenção, porque a região inteira estava assolada por essas epidemias”.

Sueli Petry destaca ainda a chegada do médico Dr. Afonso Rabe à colônia. Até então o hospital era muito singelo e uma das medidas tomadas por ele quando assumiu o hospital e, ao mesmo tempo, ocupou o cargo de prefeito interino de Blumenau foi ampliar as instalações do Santo Antônio.

Ela exalta a participação ativa do Hospital Santo Antônio na vida dos blumenauenses desde o tempo da colonização e ressalta que a instituição ainda hoje contribui, sempre priorizando a qualidade. “Isso é muito forte, constata-se facilmente. O hospital teve momentos difíceis, mas sempre procurando superá-los para vencer etapas e atender bem a população”.

Capítulo 1



Assistência Médica na colônia



Sede antiga

Durante o início da colonização do município, o fundador Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau dedicou atenção especial à assistência dos imigrantes. As dificuldades, perigos de acidentes, afogamentos, mordidas de animais, picadas de insetos, epidemias e doenças tropicais, exigiam um tratamento que fosse além da assistência caseira.

A colônia Blumenau, fundada em 1850, teve como primeiro médico o imigrante Carlos Guilherme Friedenreich, veterinário com grande prática em medicamentos humanos, também era homeopata e obstetra, diplomado e muito hábil. Dois anos mais tarde, chega da Alemanha Fritz Müller, recém formado em medicina. Porém, Fritz Müller preferiu não exercer a profissão na qual se formou.

O próprio Dr. Blumenau fora prático em farmácia, mas também não chegou a empregar as virtudes curativas dos sofrimentos alheios. Franz Keiner, farmacêutico vindo em 1853, e Carlos Guilherme Friedenreich por vários anos deram conta de atender a população da colônia, sempre aconselhados, quando não orientados, por Fritz Müller e por Dr. Blumenau.

Em 1857, Dr. Bernardo Knoblauch foi contratado por Dr. Blumenau como médico da colônia. Ele recebia dois contos de réis por ano e exerceu a função até 1871, em virtude do falecimento, aos 37 anos. Foi então substituído por Dr. Carlos Tobias Bechstein.

A pedagoga Sônia de Fátima Gomes, trineta do Dr. Bernardo Knoblauch, mora em Rio do Sul expressa a ligação afetiva que possui com o Hospital Santo Antônio. Ela declara que o hospital traz um pouco da história de um antepassado da família.

A cidade crescia cada vez mais. Em 1860 a população de Blumenau era de 947 habitantes. Já em 1861, segundo registros do Arquivo Histórico de Blumenau, possuía 1.531 moradores.

Consciente da necessidade de um atendimento médico hospitalar eficiente, em 1860, Dr. Blumenau, apresentou um orçamento que previa a construção de um “hospital e arranjos internos de enfermaria, camas, roupas”. Mesmo sem ser atendido, ele seguia insistindo.

Em 22 de agosto de 1860 instituiu-se,

HOSPITAL MUNICIPAL

Trecho do ofício dirigido pelo Dr. Blumenau ao Ministro da Agricultura, em 16 de setembro de 1863:

".....Igualmente sempre mais necessária se torna a edificação e arranjo de um hospital para os gravemente enfermos, que frequentemente se dão logo depois da chegada e dificilmente se podem curar, ou ainda falecem por causa do desassossego que naturalmente não deixa de reinar nas casas de hospedagem e entre seus temporários inquilinos. Bem sei -- quanto nas atuais circunstâncias financeiras do país é difícil satisfazer a essas necessidades e por esta razão atrevo-me em apresentar a benevolenta consideração de V.Excia. um expediente que, acaso, pode promover, digo remover, pelo menos uma parte das dificuldades. Consiste em reservar e destinar para estas necessidades o produto das vendas de terras, que, na Colônia se realizar....."

(Cópia do ofício supra na pasta nº 2, Ano 1863)

Em correspondência do Pastor Oswaldo Hesse (ROH) para o "Colonie Zeitung", de Joinville há a seguinte observação (Nº 39, de 26 de setembro de 1863):

"....Uma Sociedade de Enfermos (Kranken-Verein) vai se aniquilando sobretudo pela rivalidade entre Alopátia e homeopatia. Mas, há pouco, - e isso é o mais importante, fui informado por fonte fidedigna que esta em vista a construção próxima de um hospital"....

(O pastor Hesse estava ao par dos planos e fatos do Dr. Blumenau, de sorte que é mais que provável que esta última correspondência tenha se originado do ofício de 16 de setembro)

Trecho do ofício dirigido, em 16 de setembro de 1863, por Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau ao Ministro da Agricultura, solicitando a edificação de um hospital.

a partir de uma organização fundada pelos imigrantes, a "Kranken Unterstutzungsverein" - Sociedade de Mútua Assistência em Enfermidades. Os colonos eram atendidos pelo médico nas residências, o que tornava cada vez mais essencial a construção de um hospital, que continuava a ser, constantemente, solicitado por Dr. Blumenau.

A sociedade se constituiu para prestar socorro aos associados em caso de doença, recebendo como contribuição anual 12 mil

réis por cada família, oito mil réis por pessoa solteira e quatro mil réis por cada filho maior de 14 anos, ou empregado, pagáveis no início de cada ano. Garantia aos membros o fornecimento gratuito de remédios e procurava conseguir abatimentos nas gratificações do médico. Ficavam excluídos do pagamento, conforme os estatutos da Sociedade, enfermos sífilíticos, ou os que se entregavam à "bebedeira habitual".

Foi no ano de 1870, sem obter resposta

SOCIEDADE AUXÍLIO DOENÇA

Por incumbência e em nome do "Culturverein" convidamos com este os moradores de nossa colônia de participar na fundação de uma "Sociedade Auxílio Doença".

Esta Sociedade trará os seguintes benefícios aos seus associados:

- 1) Medicamentos livres, sob o que se entende os remédios exclusivamente receitados pelo médico.
- 2) A Metade dos custos do tratamento médico. Como o Dr. Rechsteiner se prontificou em rebaixar sua taxa por 1/3 para os associados, e como dos 2/3 restantes a sociedade assume a metade, os associados só terão que pagar ao médico 1/3. Das visitas médicas a sociedade assume só uma certa distância a ser constatada da residência do médico a residência do paciente, o resto corre por conta deste.
- 3) Os que ali não têm o necessário cuidado, internamento no Hospital. Para a construção de um hospital, por nossa solicitação ao Conselho Colonial, já nos foi autorizado um Conto de Reis e mais 500 Reis, uma herança doada pelo falecido Bosje, estão igualmente a disposição para este fim.

Como contribuição como associado foi até agora estipulado: para pessoas só e famílias de só 2 pessoas, 2 milreis, para outro membro da família 500 Reis.

Como contribuição mensal foi até agora aceito: 320 Reis para pessoas só, 280 reis para famílias de só 2 pessoas e 160 Reis em famílias de mais de 2 pessoas, para cada membro da família.

Por uma contribuição mensal que não pode ser pesada nem ao mais pobre, já que por um trimestre a contribuição não chega a ser o que ele ganha num dia, cada um pode garantir-se a um auxílio médico. Uma única só doença e disto não estamos livres. Ihe sairia bem mais caro do que a contribuição por alguns anos.

As contribuições serão calculadas tão mais baixas quan-

to mais alto forem os números de associados. Nós esperamos que os associados compreendam a utilidade desta Sociedade e que a participação seja bem ativa.

Quem pretende participar queira apresentar-se a um dos abaixo assinados, mediante o pagamento de um Milreis. O recibo sobre este 1 milreis servirá como cartão de ingresso na Assembléia Geral que será convocada tão logo se apresentarem 50 homens autônomos como associados. Nesta assembléia serão estabelecidas em definitivo os estatutos da sociedade. Quem então não estiver de acordo com estes estatutos, pode pedir seu desligamento e receberá de volta o 1 milreis pago, que são acreditados aos associados.

Blumenau, 01 de agosto de 1872.

FRITZ MÜLLER

VICTOR GARTNER.

Inscrições com os senhores:

..... (ilegível)

TRADUÇÃO: Edith Sophia Bimer

Blumenau, 20 de junho de 1991.

Documento emitido por Fritz Müller e Victor Gartner, em 1872, comunicando aos moradores da colônia a participação na fundação de uma Sociedade Auxílio Doença, descrevendo benefícios aos associados.

positiva pelo governo da província em relação ao hospital, que Dr. Blumenau mandou erguer um barracão para abrigar a casa de saúde da colônia, à rua Itajaí. Nascia, assim, o que viria a ser a sede do Hospital Santo Antônio.

O primeiro barracão durou apenas quatro anos. De construção simples e frágil, ruiu durante um forte temporal em 22 de fevereiro de 1874. Em seguida foi iniciada a construção de um hospital apropriado. A

edificação foi concluída em 1876 e, neste mesmo ano, foram realizadas 16 cirurgias.

A construção era toda de carpintaria, com frontal de tijolos e coberta de telhas e muro, com portão cercando todo o edifício. E contava com enfermaria, cozinha, latrina, depósitos de cadáveres e pertences. Foi denominado de Hospital de Caridade.



Hospital de Caridade, concluído em 1876

A partir da criação desta unidade de auxílio aos enfermos, tem início a história institucional da medicina em Blumenau. Em 1876 também foi levantada a Casa de Detenção para Alienados, conhecida como “hospital de loucos”. A obra, que abrigava doentes mentais que não podiam se deslocar ao manicômio de Florianópolis, foi concluída em 1877.



Casa de Detenção para Alienados

Colonie – Zeitung, deste período, contendo informações sobre a saúde dos médicos contratados, ao término da construção do hospital. A notícia fala sobre o tratamento de 75 pessoas pelo médico Dr. Francisco Valloton e diz que “os médicos contratados precisam de mais cuidados profissionais do que os próprios colonos”.

Esta edificação foi demolida em 1943, quando se iniciou a implantação do atual Hospital Santo Antônio que, nos anos seguintes, sofreu diversas modificações, ampliações e melhorias.

Até 1879, toda assistência médica era gratuita, porém, neste ano foi permitido ao hospital receber pagamentos dos doentes que tinham mais posses. As despesas

Há um artigo extraído do Jornal

HOSPITAL "SANTO ANTÔNIO"

Do "Colonie-Zeitung", nº 21, de 23 de maio de 1874:

"Finalmente temos novo médico da Colônia (o Dr. C.Fr.Jebe foi nomeado pelo presidente da província, em fevereiro) e com êle a "Krankenunterstuetzungsverein" ~~pôde~~ que há muitos anos vinha mancando, ~~tem~~ pôde receber nova vida. Os médicos até agora contratados para a Colônia precisavam mais de cuidados médicos do que os próprios colonos. Da juventude do novo médico ~~espera~~ contam com cuidados não apenas os moradores da sede mas também os colonos dos pontos mais distantes da Colônia".

(Quando o correspondente fala de que os médicos até então contratados precisavam mais de cuidados profissionais do que os próprios colonos, foi porque os anteriormente contratados morreram pouco depois, como, aliás, também sucedeu com o Dr.Jebe) O Dr. Claus Fr.Jebe faleceu em dezembro desse mesmo ano de 1874. Faleceu de um tumor no ouvido)

Do mesmo jornal, nº 12, de 20 de março de 1875:

"O estado sanitário da Colônia (refere-se ao ano de 1874) não foi satisfatório, pois apareceram doenças de tôda sorte, em virtude das condições meteorológicas, como especialmente desinterias. O hospital está terminado e entrará dentro de pouco em funcionamento" (Relatório de 1874)

Do mesmo jornal, nº 10, de 10 de março de 1877:
(Dados extraídos do relatório da Colônia:) "O novo hospital está tendo uma atuação abençoada para a Colônia e assim também o novo médico, Dr.Valloton. 75 pessoas foram tratadas num ano no Hospital. Um hospício para dementes teve a sua construção iniciada".

Artigo extraído do Jornal Colonie - Zeitung, contendo informações sobre saúde dos médicos contratados no término da construção do hospital.

com a administração e conservação do hospital eram arcadas pela diretoria da colônia. Também no ano de 1879, o Governo da Província reconheceu os estatutos

da Sociedade de Mútua Assistência em Enfermidades.

A colônia de Blumenau foi emancipada

Cabeçalho dilacerado, verificando-se, apens, o ano de 1879.

Tendo-se, pelo longo uso, gasta uma porção de objetos do serviço do Hospital e tornando-se indispensável renová-los, solicito respeitosamente autorização para comprar para este fim:

31 lençóis de pano americano a 2\$2000	Rs. 68\$200
8 camisas para homem a 2\$000	16\$000
6 ditas para adolescentes a 1\$5000	9\$000

Permito-me de acrescentar que, tendo-se desde 1º de julho até agora realizado, no hospital e de enfermos que tiveram a pagar e pagaram seu tratamento, a quantia de Rs. 113\$600, que hoje foi recolhida ao cofre da diretoria e tem de entrar no do Estado, ou da Tesouraria, a despesa supra e muito urgente, fica mais que coberta.

Deus guarde a V. Excia.

Ilmo. e exmo. sr.

Dr. Joaquim da Silva Ramalho

Primeiro vice-presidente desta província.

O Diretor Dr. H. Blumenau

Carta emitida pelo diretor da colônia de Blumenau Dr. Hermann Blumenau para Dr. Joaquim da Silva Ramalho primeiro vice-presidente da província - solicitando autorização para comprar novos objetos para o serviço do Hospital Santo Antônio.

em fevereiro de 1880. E a diretoria do Hospital de Caridade foi dissolvida, requerendo Dr. Blumenau que a administração do hospital fosse entregue à Sociedade de Mútua Assistência em Enfermidades, que permaneceu no controle durante 34 anos. A entrega foi autorizada em 16 de dezembro de 1882, pela Portaria nº 98, do Ministério da Agricultura.

Em 02 de fevereiro de 1882, efetuou-se a transferência, juntamente com o dinheiro em caixa da colônia, no total dois contos de réis, com a condição de serem adquiridas duas apólices do governo, de um conto de réis cada uma e cujos juros de 5% deveriam ser

empregados na assistência aos indigentes. Depois de dez anos essas apólices seriam propriedade da Sociedade.

Na administração do hospital, a Sociedade realizou inúmeras melhorias, entre elas: construção de um novo edifício em frente ao antigo, reforma da Casa de Alienados e transformação dela em asilo, implantação de uma nova cozinha, instalações para banho, construção de um poço e de um forno. Instalações sanitárias e canalização da água do ribeirão do Morro do Aipim.

Foram médicos do hospital neste

**Auto da entrega do Hospital da extinta
Colônia Blumenau à Sociedade Beneficente
de Mutuos Socorros em Enfermidades, exis-
tente na Villa do mesmo nome.**

Histórico e valioso
documento, cedido
à revista "O Vale
do Itajaí" pelo Sr.
Victor Probst.

Aos dous de Fevereiro de mil oitocen-
tos oitenta e dous, achando-se reunidos no
predio do Hospital da extinta colonia Blu-
menau o Dr. Hermann Blumenau, ex-director
e competentemente autorizado pelos Aviso
do Ministerio d'Agricultura numero noventa
e oito de dezeseis de Dezembro ultimo, diri-
gido á Presidencia d'esta Provincia, e offi-
cio d'esta de vinte um do mesmo mez; Julio
Baumgarten como Presidente, Victor Ga-
ertner como Secretario, Assessor e Substi-
tuto do Presidente no caso de impedimen-
tos e Henrique Probst como Thesoureiro da
Sociedade Beneficente de Mutuos Socorros
em Enfermidades d'esta Villa de Blumenau,
competentemente autorizados pela resolu-
ção tomada na Assembleia geral de vinte
e dous de Janeiro ultimo, da mesma Socie-
dade: Augusto Blomeyer, como Enfermeiro
do Hospital e numero de socios da referida
Sociedade, e tendo o mesmo Doutor decla-
rado que em virtude das citadas autorisa-
ções e pelo presente acto fizesse entrega,
á mesma Sociedade, do predio do Estado,
denominado "Hospital", com todas as suas
pertencas e o inventario movel existente,
afim de que elle continue a ser utilizado no
serviço a que primitivamente foi destinado,

do tratamento dos enfermos, e d'ora em di-
ante fique sob a administração da referida
Sociedade, comtanto que d'esse facto ne-
nhuma despeza absolutamente resulte para
o Estado, e os representantes da mesma,
acima relatados, que recebião, como de fa-
cto tivessem recebido o mesmo Hospital,
sugueitando se á condição mencionada e con-
siderando como obrigação legal e sagrado
dever, conservar o utilissimo instituto do
mesmo ao seu primitivo fim e o predio no
melhor estado possivel, houve-se por reali-
sada essa entrega e se escreveu o presente
auto em dous originaes, que vão assigna-
dos pelas partes, o enfermeiro e numero de
socios da Sociedade, ficando um depositado
no archivo da mesma e o outro na Colle-
ctoria das Rendas Geraes d'esta Villa.

Villa de Blumenau, 2 de Fevereiro de 1882

(seguem-se as assinaturas)

Dr. H. Blumenau, Julio Baumgarten, Victor Gär-
tner, H. Probst, Augusto Blomeyer, Antonio Har-
tmann von Hartmthal, Augusto Broeker, Louis
Sachteben, Hermann Baumgarten, Carl Frieden-
reich, Augusto Gloeden Junnior, Francisco Lun-
gershemfen, Hermann Rüdiger, Carl Meyer, G.
Spieveing, Henrique Avé-Lallemant, Dr. Fran-
cisco Vallotton.

("O Vale do Itajaí" - Nº 64 - Ano VI
Setembro 1950)

Auto de entrega do hospital da ex-colônia Blumenau para Sociedade Beneficente de Mútuos Socorros em Enfermidades - Vila Blumenau, feita pelo Dr. Blumenau, autorizando o Ministério da Agricultura aviso nº 98 de 19.12.1881, conforme aviso da Presidência do Estado de 21.12.1881 para Sociedade Beneficente com interesse na continuidade de funcionamento e resultado das despesas sob responsabilidade da Sociedade.

período: Dr. Francisco Valloton, Dr. Bonifácio Cunha e Dr. Hugo Gensh.

extraídas da caderneta de notas de Augusto Zittlow a "Kranken Unterstützungsverein" possuía provavelmente 69 sócios.

No ano de 1907, conforme anotações

KRANKENVEREIN

Da página 76 e seguintes da Caderneta de notas de Augusto Zittlow (1907) constavam os seguintes nomes, provavelmente dos sócios:

- | | |
|-------------------------|----------------------------|
| 1 - Anton Reinhold | 41 - Odebrecht Emil |
| 2.- Buddag Carl | 42 - Probst Caroline Witwe |
| 3 - " Ferdinand | 43 - " Julius |
| 4 - " Gustav | 44 - " Richard |
| 5.- Baumgarten Hermann | 45 - Rischbieter Carl |
| 6 - " Walter | 46 - " Wilh. Witwe |
| 7 - Baumgart Gustavo | 47 - Riedel Hugo |
| 8 - Blohm Friedrich | 48 - Rothbart Fritz |
| 9 - Bettcher Luiz | 49 - " Carl |
| 10 - Busch F.G. | 50 - Ruediger Hermann Jr. |
| 11 - Butzke Wilhelm | 51 - " Senior |
| 12 - Clasen Heinrich | 52 - " Oskar |
| 13 - " Rudolf | 53 - " Julius |
| 14 - " Max | 54 - " Rudolf |
| 15 - Dietrich Christian | 55 - Passig Dettlef |
| 16 - " Franz | 56 - Schneider Erwin |
| 17 - " Hermann | 57 - Stutzer Otto |
| 18 - Federsen P.Ch. | 58 - Sachtleben, Hermann |
| 19 - Frank Aug. | 59 - Siebert Richard |
| 20 - Grevsmuehl Eugen | 60 - " Witwe |
| 21 - " Wilh. | 61 - Schrader Alwin |
| 22 - Gaertner, Victor | 62 - Scheefer Wilhelm |
| 23 - " Erich | 63 - " Richard |
| 24 - Gauche Hermann | 64 - Specht Friedrich |
| 25 - Germer Artur | 65 - Salinger Gustav |
| 26 - " Eugen | 66 - Wehmuth Otto |
| 27 - Holetz Richard | 67 - " Max |
| 28 - " Carl | 68 - Zittlow August |
| 29 - Husadel Paul | 69 - Buechler August |
| 30 - Hacklaender Gustav | |
| 31 - Hindelmeyer Georg | |
| 32 - Haertel, Ernst | |
| 33 - Jennrich Otto | |
| 34 - Kuenser Karl | |
| 35 - Katz Siegfried | |
| 36 - Kleine Agnes Viúva | |
| 37 - Krueger Franz | |
| 38 - Laczinski Leo | |
| 39 - Lindholm Aldo | |
| 40 - Mummelthey Pastor | |

Documento em que constam os nomes dos prováveis sócios do Hospital Santo Antônio.

Capítulo 2



*Administração
entregue ao município*



Capela



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

13.16.1.5

doc-02

LEI Nº 11145 de 7 de outubro. 1916

Autorizando o Governo a entregar a Administração do "Hospital de Blumenau" à Sociedade de Mutua Assistência em Enfermidades.

O Coronel Felipe Schmidt, Governador do Estado de Santa Catarina.

Faço saber a todos os habitantes deste Estado que o Congresso Representativo decretou e eu sanciono a Lei seguinte:

Art. 1.º- Fica o Congresso autorizado a entregar a administração do "Hospital de Blumenau" à sociedade de Mutua Assistência em enfermidades", daquela cidade, mediante as condições seguintes:

§ 1.º- A organizar-se de acordo com a legislação federal que rege as sociedades civis.

§ 2.º- A sujeitar à aprovação do governo os seus Estatutos e Regimento Interno, bem como quaisquer modificações que lhes sejam feitas.

§ 3.º- A submeter-se às leis estaduais que regulam os estabelecimentos de assistência pública, bem como à fiscalização das autoridades do Estado.

§ 4.º- A construir sem onus para o Estado, dentro de 5 anos um hospital moderno, ou qualquer outro estabelecimento de assistência como sejam: orfanato, hospício de alienados, asilo para cegos, etc.

Art. 2.º- No caso de dissolução da Sociedade, todos os seus bens atuais e futuros reverterão para o Estado.

Art. 3.º- Revogam-se as disposições em contrário.

O Secretário Geral dos Negócios do Estado assim a faça executar.

Palácio do Governo, em Florianópolis, 7 de outubro de 1916.

Felipe Schmidt
Aulvio C. Adcci.

Lei nº1145, de 1916, emitida pela Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, autorizando o governo a entregar a administração do hospital de Blumenau a Sociedade de Mútua Assistência em Enfermidades.

Em 07 de fevereiro de 1916, o governo do Estado resolveu intervir na administração do hospital, nomeando uma diretoria de sete membros. No entanto, houve protesto da Sociedade Beneficente de Mútuos Socorros em Enfermidades, que a recuperou em outubro do mesmo ano, quando uma Assembleia garantiu-lhe este direito. Segundo jornais da época, a partir deste ano, as paixões políticas começaram a influenciar a administração hospitalar.

No ano de 1918, pela Lei nº 1.224, de 28 de outubro, a Assembleia Estadual autorizou o governo a entregar a administração do hospital à Superintendência do Município, a fim de que a transformasse, dentro de cinco anos, sem ônus para o Estado, em um hospital de alienados e, se tal não fosse conveniente, se construísse o hospício em outro local, podendo vender o hospital para empregar o produto na construção de um novo estabelecimento.

Nesta ocasião o hospital passou a ser dirigido por uma comissão, presidida pelo juiz de direito Pedro Silva.

Em 1º de abril de 1920, a administração foi entregue a uma Mesa Administrativa nomeada para o quadriênio 1920 – 1924, composta pelos senhores: Amadeu Felipe

Luz, presidente; Fides Deeke, secretário; Hermann Hering, tesoureiro; Paulo Husadel, Alwin Schrader e Arthur Rabe, suplentes.

Mas, em 1924, o governador do Estado, Hercílio Pedro da Luz, entregou a administração completa do hospital ao governo do município. A ata de entrega oficial foi lavrada em 04 de fevereiro de 1924. O Decreto nº 1.695, de 05 de janeiro de 1924 dizia o seguinte:

“O Engenheiro Civil Hercílio Pedro da Luz, Governador do Estado de Santa Catarina, no uso das suas atribuições e da autorização contida no art. 1º da Lei nº 1.224, de 28 de Outubro de 1918, DECRETA: Art. 1º - Passa a ser administrado pelo Governo Municipal de Blumenau o Hospital da mesma cidade com as obrigações constantes dos parágrafos 1º, 2º e 3º do art. 1º da Lei nº 1.224, de Outubro de 1918. (...)”.

A partir deste documento dissolveu-se a Mesa Administrativa presidida por Amadeu da Luz, transferindo para o Poder Público Municipal a conservação do hospital.

Naquela época, os casos clínicos eram atendidos por um médico chamado Francisco Kübel, que seria substituído, em razão de seu falecimento no ano de 1931, pelo jovem médico Afonso Rabe, que teve importante participação na história do Hospital Santo Antônio.

Afonso Rabe, filho de Elvira e Arthur Rabe, nasceu em Massaranduba em 26 de maio de 1906. Estudara nos colégios Santo Antônio e Luiz Delfino, em Blumenau, tendo-se graduado no curso de medicina pela Universidade do Rio de Janeiro, no ano de 1929. No ano seguinte, embarcou a serviço no transatlântico "Raul Soares". Voltou a Blumenau em 1931, quando começou a trabalhar no Hospital Santo Antônio. Ele também assumiu a Prefeitura Municipal em 28 de junho de 1941.



Afonso Rabe

Durante a década de 30, o hospital promoveu vários eventos sociais com objetivo de angariar fundos para manutenção. A historiadora Edith Kormann (in "Blumenau: artes, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)", 2ª Ed., vol. 2, p.77) cita, por

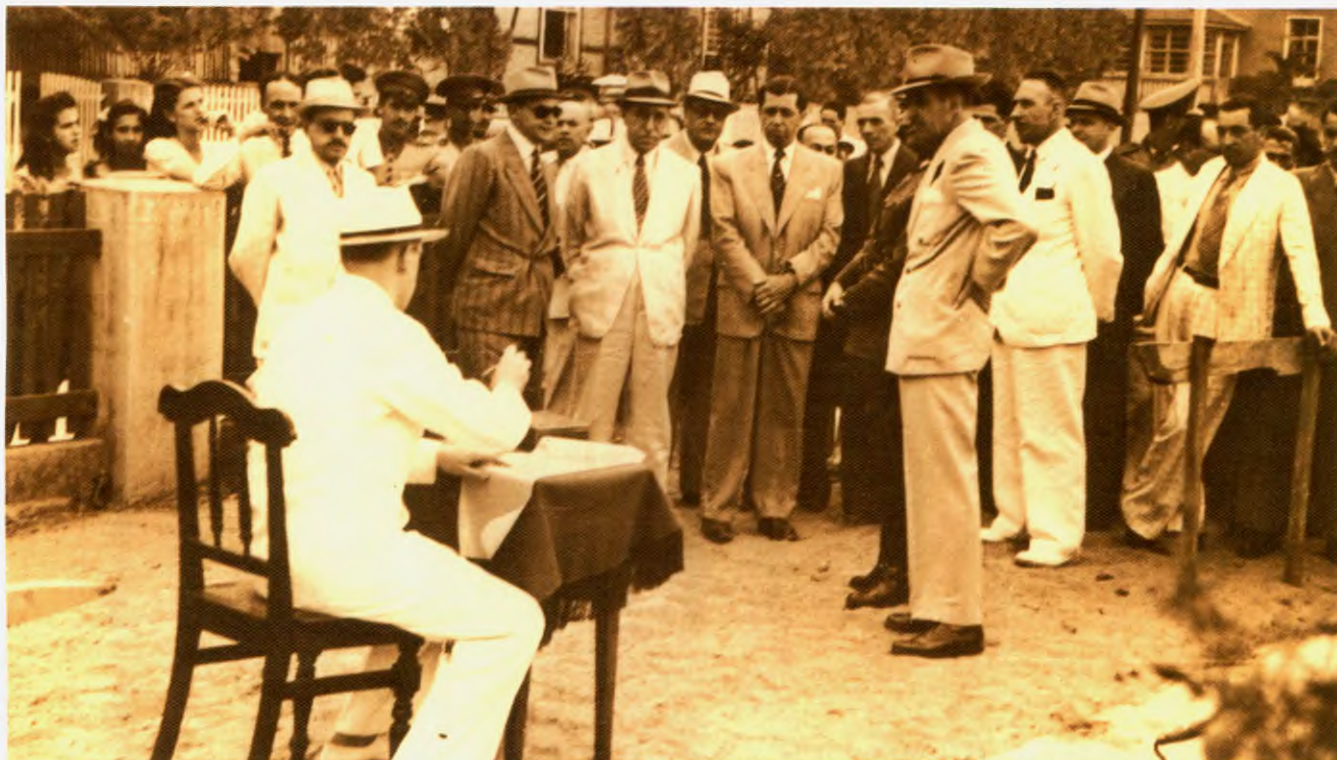
exemplo, um grande concerto e baile realizado em 04 de agosto de 1933, pela Sociedade Dramático Municipal "Frohsinn" e pela Sociedade de Canto Concórdia.

Em 24 de março de 1936, a enfermagem e a administração interna do Hospital Municipal foram entregues às freiras da Irmandade de São Francisco, sediada em Angelina, Santa Catarina. A primeira Chefe de Enfermagem foi a Irmã Martha Locks, filha de Henrique Bernardo Locks e Margarida Peters. Formada pela Escola de Enfermagem Madre Leônia, de Curitiba, no Paraná; Irmã Martha serviu o hospital até 27 de agosto de 1973. As freiras se dedicaram com extremo carinho aos doentes do hospital até aproximadamente a década de 80.

Em 1943, ainda durante a administração do Dr. Afonso Rabe, foi lançada a pedra fundamental do novo hospital, após a demolição do antigo que já se encontrava em completa ruína. Este novo hospital, de aspecto moderno e com instalações adequadas, não ficou concluído. Foram adquiridas mais duas áreas de terras vizinhas, necessárias à ampliação.

A Sociedade Beneficente e Hospitalar de Blumenau encarregou-se da construção da lavanderia e da montagem cirúrgica, doando ao hospital, além disso, uma moderna tenda de oxigênio na época.

A lei municipal nº8 de 08 de abril de



Lançamento da pedra fundamental do novo hospital, em 25 de novembro de 1943. Na foto estão: Dr. Afonso Rabe (chapéu branco), interventor Nereu Ramos e Bruno Hildebrandt (sem chapéu e terno branco), prefeito em 1947.

1948 mudou o nome de “Hospital Municipal” para “Hospital Santo Antônio”. No Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva constam informações que a primeira diretora da época foi a senhora Luiza Van Dal, sogra de João Manoel de Borba e avó do desembargador João de Borba. O médico nesse tempo era Dr. Bonifácio da Cunha.

E em 1950, sob a administração do

Prefeito Frederico Busch Jr., iniciaram-se as construções de novas áreas como: maternidade, pediatria, otorrinolaringologia e um pavilhão para quartos particulares.

Em 12 de dezembro de 1952 foi emitida uma certidão, pelo Prefeito Municipal Hercílio Deeke que declarava o Hospital Santo Antônio como instituição legalmente constituída com personalidade jurídica.



Construção do Hospital Santo Antônio em 1944, após demolição do antigo, que estava em ruínas.



Construção das novas áreas do Hospital Santo Antônio como Maternidade e Pediatria, em junho de 1953.



PREFEITURA MUNICIPAL
DE BLUMENAU
STA. CATARINA

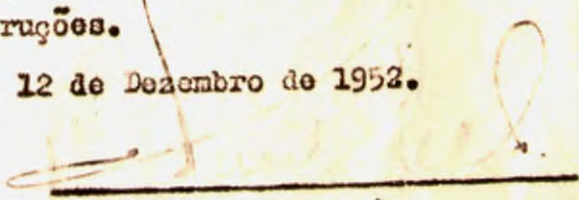
13.16.1.5
doc-05

CERTIDÃO DE QUE A INSTITUIÇÃO SE ACHA LEGALMEN-
TE CONSTITUIDA, COM PERSONALIDADE JURÍDICA.

O Hospital Municipal "SANTO ANTONIO" é uma instituição oficial. Foi construído em 1876 pelo Diretor da então Colônia, Dr. Hermann Blumenau, por autorização do Governo Imperial (Aviso do Ministério da Agricultura, de 27-4-1873). Em 1882 (portaria nr. 93, de 16-12-1882, do Ministério da Agricultura), foi entregue a sua administração à Sociedade de Mútua Assistência em Doenças. Em 1916 passou à administração do Estado. Em 1924 (decr. nr. 1695, de 5-1-1924) foi entregue ao Município, que o administra até hoje.

O Hospital é mantido pela Prefeitura com dotação orçamentária. Recebe ainda uma subvenção anual federal de Cr\$... 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros), a quota do Fundo de Assistência Hospitalar e, em 1951, cem mil cruzeiros (Cr\$ 100.000,00) para auxílio às novas construções.

Blumenau, 12 de Dezembro de 1952.


(Hercílio Deeke)
Prefeito Municipal.

Certidão emitida pelo Prefeito
Municipal Hercílio Deeke, em 1952.

Capítulo 3



*Participação de
Dr. Affonso Balsini no
Hospital Santo Antônio
e outras histórias*



Enfermaria

O médico Affonso Balsini nasceu, em 1913, em Blumenau. Graduou-se pela antiga Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 1941, quando retornou a Blumenau, vindo a ser chefe do combate à malária. Retirou-se do serviço poucos anos depois, dedicando-se, então, até ao fim da vida à causa da medicina, especialmente à pediatria e ao sistema hospitalar.

Deve-se a Affonso Balsini quase todo desenvolvimento do Hospital Santo Antônio, do qual foi diretor por longos anos. Além disso, foi quem criou, pioneiramente, a Escola de Auxiliar de Enfermagem, que ficava anexa à instituição. Também foi ele quem, praticamente, sozinho idealizou e dirigiu o prédio do Hospital Infantil no Santo Antônio.

Além disso, foi co-fundador e presidente da APAE de Blumenau e membro de inúmeras comissões de serviços dedicados ao interesse do município.

Liderou a extinta União Democrática Nacional (UDN) até 1965, quando o partido teve fim. Dr. Affonso Balsini possuía prestígio na cidade e conseguiu eleger-se por três mandatos para a Câmara Municipal de Blumenau. A primeira vez em 23 de novembro de 1947; depois em 07 de outubro de 1962 pela UDN; e novamente em 15 de novembro de 1966 pela também extinta ARENA, afastando-se da política, logo após as eleições de 1969.

O médico pediatra Affonso Balsini

faleceu, em 23 de janeiro de 1983, aos 69 anos, em consequência de um edema pulmonar, depois de estar internado por dez dias no Hospital Santo Antônio.



Médico pediatra Dr. Affonso Balsini

A atuação de três gerações no Hospital Santo Antônio

A história do Hospital Santo Antônio se confunde com a da vida de Zenaide Bittencourt. Desde que nasceu, no ano de 1950 até 1999, ela morou na rua Gertrud Sierich, que fica próxima ao hospital. A mãe de Zenaide, Filomena Kinschikowski, foi morar na residência depois de casada.

Antes disso, dos 14 aos 17 anos, Filomena trabalhava e morava no hospital, pois sua família não era de Blumenau e

possuía poucos recursos. Filomena atuava como enfermeira e atendente da instituição que, na época, se chamava Hospital Municipal. “Naquela época, eles faziam de tudo, limpavam quartos, serviam os pacientes, faziam curativos”, observa Zenaide.

Naquele tempo, quando havia um parto no hospital tinha que vir de bicicleta da rua Itajaí até a Maternidade Johannastift, localizada na Alameda Rio Branco, para buscar uma maleta com material para o procedimento.

Outra memória compartilhada por Filomena é de ter que aplicar injeção, prescrita pelos médicos, mensalmente, em moças da cidade e somente anos depois saber do que se tratava. “Eram moças que trabalhavam em boates de Blumenau”.

Para incluir o período em que trabalhou no hospital, na aposentadoria, Filomena teve que recorrer ao depoimento de colegas, funcionários e enfermeiros da época em que atuou lá, pois o incêndio ocorrido na Prefeitura Municipal de Blumenau, em 1958, destruiu toda a documentação.

Filomena saiu do Hospital Santo Antônio vestida de noiva para se casar. Após o casamento foi morar à rua localizada atrás do hospital e teve quatro dos cinco filhos naquela casa de saúde. Entre eles, Zenaide.

Zenaide cresceu na região e tem diversas lembranças da infância nos arredores do Santo Antônio. As aulas de

doutrina eram ministradas na instituição, pelas freiras que pertenciam à Congregação Religiosa Irmãs Franciscanas de São José. A doutrina acontecia onde depois foi instalada a sala de enfermagem.

Todo domingo às seis horas da manhã era dia de ir à missa na capela que ficava dentro do hospital. Os pais de Zenaide, junto com a comunidade local, ajudaram na construção da capela. Anos depois Zenaide levava as filhas à missa no mesmo local.

Um funcionário do hospital marcou a infância dela. Era um alemão grande e forte conhecido como “enfermeiro Pfeiffer”. O enfermeiro atendia no Pronto Socorro. Naquela época, o médico só era chamado, quando o caso era grave. Como as crianças se machucavam muito, brincando nos morros das redondezas da rua Itajaí era ‘Seu Pfeiffer’ quem sempre as atendia.

Quem também tem recordações do “enfermeiro Pfeiffer” é o funcionário aposentado do Hospital Santo Antônio, Gercino Evaristo. Quando Evaristo iniciou no hospital, em 1960, o enfermeiro deveria ter aproximadamente 60 anos. Pfeiffer trabalhava e residia no próprio hospital, era um alemão, que durante a Segunda Guerra Mundial teria fugido para o Brasil e aqui permaneceu como refugiado. Prestava todo tipo de atendimento, transportava doente na maca, colocava na cama, transportava tubos de oxigênio e outros serviços que necessitassem de força bruta. Chefe de Pessoal do Hospital

Santo Antônio, foi Evaristo quem contratou e conseguiu registrar Ernesto Pfeiffer como funcionário do hospital na década de 70. “Anteriormente ele só trabalhava por abrigo e comida. Tive que traduzir os documentos dele que eram todos em alemão. Acredito que ele tenha ficado no hospital até morrer”, ressalta Gercino.

Havia momentos em que as Irmãs participavam das brincadeiras e, apesar de rígidas, as freiras nutriam carinho pelas crianças. “As freiras faziam presépio vivo e as crianças eram os personagens”, lembra Zenaide. Ela guarda uma foto, tirada nas dependências do hospital, em que as freiras organizaram um batizado de bonecas para as crianças moradoras da região. Algumas delas, futuros médicos de Blumenau que viriam a atuar no hospital. A própria Zenaide trabalhou no Hospital Santo Antônio dos 18 aos 21 anos.



Foto tirada no Hospital Santo Antônio. Freiras organizaram um batizado de bonecas para as crianças moradoras da região.

Antes dela, outra filha de Filomena, Norma Souza, também trabalhou no hospital, dos 13 aos 18 anos. Sobre a passagem da

irmã pelo hospital, Zenaide guarda uma história engraçada. Um vizinho possuía um galo no quintal e, quando cantava, o bicho incomodava funcionários e pacientes. Norma fazia plantão à noite e foi testemunha de quando alguns funcionários combinaram de matar o galo de madrugada e fritá-lo para uma refeição. Só não contavam que na mesma noite, depois de tudo preparado, haveria o falecimento de um médico que seria velado no hospital. Ao chegarem ao velório, as pessoas comentavam sobre o cheiro de fritura pelo ar.

Zenaide foi trabalhar no HSA, porque era secretária do pediatra Affonso Balsini, no consultório que ele possuía no Centro de Blumenau. Ele também atendia no Santo Antônio e quando o médico transferiu o consultório para o hospital ela o acompanhou. Tornou-se, então, atendente dos consultórios da instituição.

A convivência com todos os funcionários era muito harmoniosa. “Havia uma época em que Dr. Affonso Balsini brincava que a Pediatria possuía a ‘ala dos artistas’, pois havia ao mesmo tempo crianças internadas com os nomes: Jerry Adriani, Vanderlei Cardoso, e outros famosos”. Durante diversos anos o pediatra batalhou pela construção de cada ala do hospital.

Uma das duas filhas de Zenaide nasceu no Santo Antônio, a jornalista Clarissa Bittencourt. Ela também passou parte da infância residindo à rua Gertrud Sierich,

localizada atrás do HSA. E, depois de formada, atuou por quase quatro anos como Assessora de Comunicação do hospital.

Pela proximidade da residência em que morava com o Hospital Santo Antônio, Zenaide pôde prestar um serviço importante para a comunidade blumenauense durante a enchente de 1983. Por possuir uma das poucas linhas telefônicas na cidade, anunciou em uma rádio que as pessoas que tivessem parentes internados poderiam receber informações através daquele número. Então ia até o hospital solicitar notícias dos pacientes e depois passava para a rádio anunciar. Havia parentes de pessoas de outros municípios e era impossível chegar até ao hospital, que estava ilhado. A rádio ficava no ar 24 horas, dando notícias.

Durante a enchente, a Construtora Hahne também fez e doou os caixões que serviram para enterrar os corpos de quem falecia no jardim do hospital, ao lado da capela.

Zenaide observou todas as mudanças e acompanha o crescimento do Hospital Santo Antônio. Avalia o reflexo positivo, vindo das últimas administrações municipais. “Na minha época quem utilizava o hospital eram os ‘DP’ ou usuários do INPS”, diz. Ao mencionar ‘DP’, ela se refere a como era chamado quem não tinha dinheiro para o tratamento, mas mesmo assim era atendido. A sigla significava “Deus Paga”.

A “época de ouro” do Hospital Santo Antônio

Em 1955, Rosinha Tomino tinha 16 anos e morava em Florianópolis. Ela veio para Blumenau, porque conseguiu um emprego na Prefeitura por meio de uma freira que pertencia à Congregação Religiosa Irmãs Franciscanas de São José. No dia 20 de abril do mesmo ano, foi designada a trabalhar como funcionária no setor administrativo do Hospital Santa Antônio, na tesouraria.

A função de Rosinha, na tesouraria, era receber os pagamentos, fechar o caixa no final da tarde e entregar o dinheiro e a prestação de contas para a Madre Superiora. Logo que entrou a Madre Superiora era a Irmã Eriberta.

Os pagamentos eram feitos por Rosinha. Tudo era comprado através do hospital, inclusive os suprimentos para a cozinha. Naquela época se comprava direto dos colonos. O leite era da fábrica Isleb e o hospital possuía, na parte de trás, uma granja e uma horta.

A verba para sustentar a instituição vinha das consultas particulares ou auxílio da Prefeitura e havia convênio com empresas de Blumenau, como Empresa Garcia, Tecelagem União, Rede Ferroviária, Teka e Fábrica de Gaitas Hering. Os funcionários das empresas se internavam e depois todo tratamento era cobrado delas.

As dificuldades financeiras já existiam

no hospital, pois era realizado ali um grande número de atendimento de indigentes, como eram chamadas as pessoas que não tinham condições de pagar.

Rosinha era também responsável pela folha de pagamento dos funcionários do hospital. “Aproximadamente 60 pessoas eram remuneradas pela Prefeitura, sem contar os médicos. Todos os funcionários, inclusive as freiras, tinham salário, e também os médicos que atendiam os indigentes”.

Havia dias em que os funcionários do administrativo tinham que auxiliar no setor de enfermagem, na parte escriturária. Eles faziam fichário do paciente. Era apenas uma vez por mês, funcionava como rodízio. Para atuar na Enfermaria era necessário colocar o uniforme completo da época, um vestido branco, meias, tênis e um chapeuzinho branco.

A exigência era ainda maior, quando os pacientes não podiam se locomover e era preciso fazer a ficha nos quartos. As funcionárias tinham que estar arrumadas e bem penteadas.

Como na época os médicos que possuíam consultório no Hospital Santo Antônio tinham que atender uma cota de indigentes, o serviço na Enfermaria consistia em: preencher os fichários na recepção e encaminhá-los ao profissional especializado. Era feita a ficha da pessoa que não tinha condições de pagar. Chegavam os pacientes do município, ou de fora, então os funcionários

já sabiam quais eram os médicos que iriam atendê-los.

Ninguém ficava sem atendimento. Não havia reclamação e nunca um doente era mandado embora. “Sempre havia um médico de bom coração”, descreve.

Ela classifica o período em que trabalhou no Santo Antônio como “época de ouro”, elogia a organização da instituição e observa que enquanto as freiras estavam lá tudo funcionava da melhor forma possível.

A limpeza era bastante cobrada pelas Irmãs. Todos os dias os corredores, paredes e ladrilhos do hospital eram desinfetados por exigência delas. “Nunca escutei de o Hospital Santo Antônio ter infecção hospitalar na minha época”. Havia uma sala de curetagem, onde, imediatamente, após a execução de um procedimento, uma funcionária entrava para fazer a assepsia.

Na ala da pediatria, as enfermeiras plantonistas acordavam às quatro horas da manhã para limpar as salas e dar banho nas crianças, para quando o médico chegasse estar tudo pronto. Desta forma era difícil haver um óbito de criança. Naquela época quem atuava na parte de obstetrícia era a parteira Irmã Carla.

Rosinha recorda com certo pesar fatos que ocorriam na parte da “enfermagem das gestantes”. “Várias moças ficavam grávidas e a família não aceitava. Então, quando a gravidez começava a aparecer elas ficavam

internadas no hospital com as freiras, e quando ganhavam neném eram obrigadas a deixar as crianças para doação por imposição das famílias". Amigas dela até hoje choram por não terem podido ficar com seus bebês.

Mãe de três filhos, Rosinha se choca ao pensar como a sociedade agia no passado. Hoje percebe a crueldade daquela época. Mas a sociedade não aceitava, se a mulher ficasse grávida, ou casava, ou era excluída de tudo.

Acompanhou ainda o início da Escola de Auxiliar de Enfermagem e aponta que diversas moças entravam no curso e começavam a trabalhar no hospital. A Escola fez com que muitas meninas tivessem uma profissão.

Algumas moças que trabalhavam no hospital residiam lá também, inclusive Rosinha. Era como um internato. Havia um dormitório grande e elas eram submissas às freiras. Havia horário para entrar e sair. "Quando queríamos ir ao cinema tinha que ter a permissão delas".

A punição para qualquer atraso no horário determinado pelas Irmãs era perder a próxima folga. Era muito rígido e elas não desobedeciam. Mas esta educação foi boa e ajudou Rosinha mais tarde a criar os próprios filhos, sabendo impor limites.

Apesar das cobranças, as freiras também organizavam momentos de lazer para as funcionárias, como piqueniques e passeios na região do Encano, próximo à

cidade de Indaial.



Funcionárias do HSA em passeio e piquenique promovido pelas freiras



Rosinha e Madre Heriberta trabalhando no escritório do hospital

Todos eram muito unidos na época em que trabalhou no Hospital Santo Antônio e se davam muito bem. O diretor do hospital naquele tempo era Dr. Ari Taborda Ribas.

Rosinha, também, recorda o enfermeiro Ernesto Pfeiffer, que trabalhava no Pronto Socorro. Ele carregava as macas para o segundo andar do hospital pelas escadas e fazia os curativos nos piores ferimentos, pois tinha muita prática.

Ela trabalhou no hospital até o ano de 1968, depois disso foi transferida para Prefeitura Municipal. Passou praticamente toda a mocidade no HSA, foi trabalhar lá quando era uma menina, com 16 anos, e saiu

casada, com uma filha. A filha de Rosinha nasceu no Hospital Santo Antônio, o médico Abelardo Vianna foi quem realizou o parto.

Um Hospital em fase de adaptação

No ano de 1959 o cirurgião geral e médico legista Lorival Hari Hubner Saade começou a atuar no Hospital Santo Antônio a convite do médico pediatra Affonso Balsini, que era diretor da instituição na época. Faltava no hospital um cirurgião geral que realizasse principalmente cirurgias abdominais.

Dr. Saade conta ter encontrado o hospital instalado, mas em fase ainda de adaptação aos novos tempos. Tiveram que ser feitas muitas modificações e ampliações ao longo dos anos.

Ele lembra outros cirurgiões da época: Benedito Camargo Rocha, Abelardo Vianna e Osvaldo Espíndola; e exalta a atuação dos médicos: Roland Zwicker, Ivo Ollinger, Anna Cechet e Clotar Egon Schroeter.

Naquele tempo, havia várias enfermarias que atendiam indigentes. Não existia assistência médica pelo SUS como há hoje. No Santo Antônio havia diversas enfermarias para homens, mulheres e crianças com um grande número de leitos e essas pessoas eram atendidas gratuitamente.

O hospital atendia pacientes de toda região e o trabalho era bastante intenso. Os médicos brincavam que a rua Itajaí ia até o município de Itajaí, porque o hospital

beneficiava vários pacientes de fora da cidade, pois as pessoas com poucos recursos financeiros da região não recebiam nenhuma assistência. “O Hospital Santo Antônio realizava um trabalho de Santa Casa realmente. Um trabalho fantástico, que muito me encantou”.

Dr. Saade destaca o papel maravilhoso de auxílio à população prestado pelo hospital Santo Antônio, que sempre abriu as portas a todos aqueles que precisavam, sem visar ao lucro.

Para exercer a profissão no Santo Antônio ele recebeu apenas um consultório e uma auxiliar, em troca disso realizava todas as cirurgias na sua área sem cobrar.

Na época não existia em Blumenau médico ortopedista, urologista, neurologista ou anesthesiologista. As Irmãs é que faziam a anestesia no hospital. Depois foram chegando os especialistas. Em Blumenau naquele tempo, eram em torno de 20 médicos apenas, então faziam tudo que estava ao alcance deles.

A área de pediatria, segundo ele, estava muito bem representada pelos médicos Affonso Balsini, Oscar Leitão Filho, Telmo Duarte e também Maurici Nascimento.

Com o passar dos anos eram conquistados recursos para realizar melhorias nas estruturas do hospital. O médico Affonso Balsini, através do prestígio político que possuía, conseguia verbas e

auxílio para as construções de novas obras.

Uma grande realização da época foi a criação da Escola de Auxiliar de Enfermagem, que contribuiu para melhoria do padrão de atendimento do hospital. As auxiliares de enfermagem formadas no Santo Antônio revolucionaram a qualidade no atendimento da instituição. Apesar de dedicadas, as Irmãs Franciscanas de São José não davam conta de todo atendimento.

Dr. Saade lamentou, quando as freiras deixaram o Hospital Santo Antônio. Ele descreve a maravilhosa convivência com elas e elogia o atendimento que prestavam aos pacientes.

Como não existiam convênios na época, as consultas ou eram particulares ou gratuitas, pois muitos pacientes não possuíam recursos. Havia uma época em que Dr. Saade recebeu muitos perus como pagamento, era a maneira de a pessoa sem recursos mostrar gratidão e retribuir o atendimento.

Outro fato curioso que recorda é de ter que operar uma senhora viúva que morava sozinha e era apegada ao seu animal de estimação, um papagaio. “Para se submeter à cirurgia ela impôs a seguinte condição: ‘se eu não trazer meu papagaio não opero’. Aí criou-se um problema, mas ela foi radical”. Dr. Saade foi então conversar com o diretor do hospital, Dr. Affonso Balsini, e os dois conseguiram um quarto com uma pequena varanda, onde foi colocada a gaiola. “Então

ela aceitou ser operada, porque poderia diariamente alimentar e conversar com seu papagaio”.

Em 1972, Dr. Saade deixou o Hospital Santo Antônio para trabalhar em outra casa de saúde do município. Ele relata que na época era presidente do Conselho Curador da instituição e teve algumas indisposições com o administrador daquele período, o que motivou sua saída.

Mas, ressalta a evolução do hospital em todos estes anos e salienta a implantação da primeira UTI Infantil de Blumenau, um grande passo dado pelo Hospital Santo Antônio. Também exalta a qualidade dos profissionais que atuam na instituição até hoje.

Ele trabalhava no Hospital Santo Antônio, quando fez o concurso para ser professor da Furb, nos anos 70, aconselhado por Dr. Balsini. Inscreveu-se para professor de medicina legal do curso de Direito e foi aprovado.

Atualmente, com 81 anos, Dr. Saade considera-se “semi-aposentado”. Ele foi aposentado compulsoriamente, na Universidade Regional de Blumenau (Furb), onde lecionou por mais de 30 anos. Também se aposentou pelo Estado. Foi ele quem dirigiu a construção do Instituto Médico Legal (IML) de Blumenau que fica junto à faculdade.

Ainda leciona a disciplina medicina legal, no Centro Universitário de Brusque (Unifebe) e trabalha em seu consultório

em um ritmo mais reduzido. “Não pretendo parar”, garante.

Para ele, trabalhar no Hospital Santo Antônio foi uma realização profissional, uma oportunidade para exercer a profissão de

cirurgião e expandir seu serviço. “O Hospital Santo Antônio me deu uma grande chance para me projetar na cidade”. Antes de vir para Blumenau, ele atuou em Pomerode por três anos.

Capítulo 4



*Implantação da
escola de enfermagem*



Escola auxiliar de enfermagem

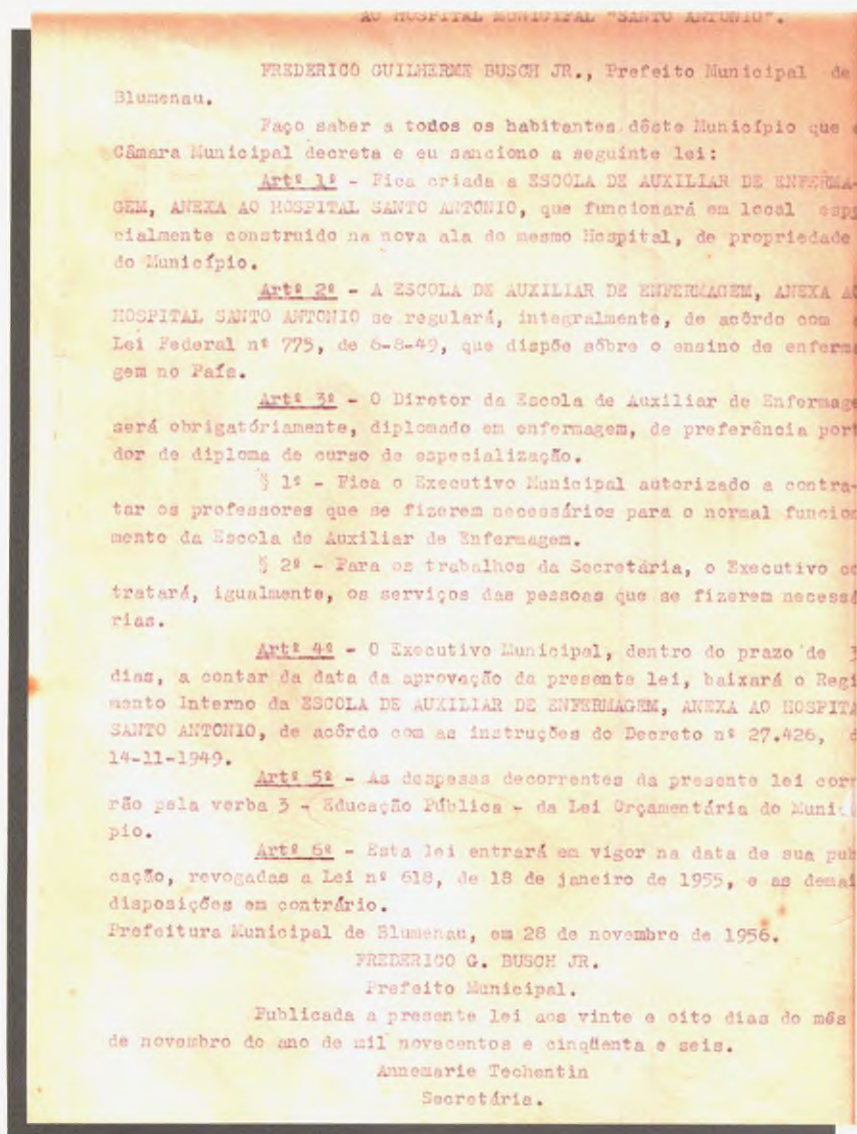
Por sentir necessidade de qualificar uma equipe para auxiliá-lo a exercer a medicina, Dr. Affonso Balsini iniciou, na década de 50, um movimento para construção de uma Escola de Auxiliar de Enfermagem.

Desta forma, incluiu no plano de obras a construção de instalações para o funcionamento da Escola. Enquanto isso, a Madre Provincial Maria Chantal, das Irmãs Franciscanas de São José, enviou a São Paulo e Curitiba algumas freiras para fazer o curso de "alto padrão" em Enfermagem com a intenção de serem futuras professoras.

No dia 28 de novembro de 1956, foi

criada pela Lei Municipal nº 763 a primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem de Santa Catarina, anexa ao Hospital Santo Antônio de Blumenau. Essa realização foi possível após a superação de grandes dificuldades burocráticas que atendessem a todas as exigências do Ministério da Educação e Cultura.

A Escola foi reconhecida pela Portaria Ministerial nº 124, de 13 de abril de 1959 e inaugurada no dia 1º de agosto do mesmo ano, durante a administração do prefeito Frederico Guilherme Busch Jr.



Lei nº 763, que
"Cria a Escola
de Auxiliar de
Enfermagem
anexa ao Hospital
Santo Antônio".

Portaria n.º 124 de 13 de abril de 1959.

Concede autorização para o funcionamento de curso.

O Ministro de Estado DA EDUCAÇÃO E CULTURA, de acôrdo com o disposto no art. 10 da Lei nº 775, de 6 de agosto de 1949, e em vista do que constano processo nº 134.851/56, resolve:

Artigo único - É concedida autorização para o funcionamento do curso de auxiliar de enfermagem da Escola de Auxiliar de Enfermagem anexa ao Hospital Municipal Santo Antônio, mantida pela Prefeitura Municipal de Blumenau, no Estado de Santa Catarina.

Clóvis Salgado
Clóvis Salgado

Proc. 134.851/56
EDG/ambo.

Documento que concede autorização para funcionamento da Escola de Auxiliar de Enfermagem, em 1959.

A primeira turma contava com 13 alunos de Blumenau e outras regiões, o curso teve duração de 18 meses e compreendia estágios práticos. A primeira diretora da Escola foi Irmã Ligória, diplomada em Enfermagem. Ela era auxiliada pelas Irmãs Maria José e Maria Benedita, ambas também possuíam diploma de enfermeira. A secretária da Escola de Auxiliar de Enfermagem na época era Ruth Câmara.



Irmã Ligória (Maria Edite Prim), primeira diretora da Escola de Auxiliar de Enfermagem.

A primeira formatura aconteceu em 08 de março de 1959 e reuniu quatro turmas em um total de 38 alunos.

As formaturas do curso de Auxiliar de Enfermagem eram marcadas por um evento solene. Havia uma missa em ação de graças, que ocorria na Capela do Hospital Santo Antônio, e mais tarde passou a ser na Catedral São Paulo Apóstolo. A colação de grau e entrega dos certificados eram realizadas no salão nobre do Teatro Carlos Gomes.



Missa de formatura do curso de auxiliar de enfermagem na Catedral São Paulo Apóstolo.



Colação de grau e entrega dos certificados, realizadas no Teatro Carlos Gomes.

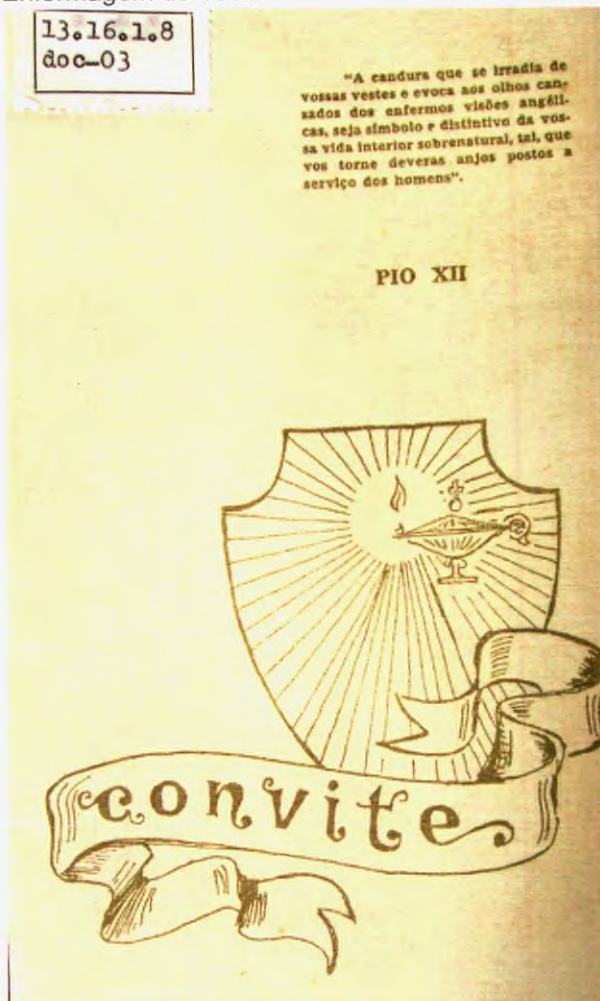


Solenidade de formatura da Escola

A diretoria e os formandos enviavam convites para autoridades e familiares dos alunos. Era um momento muito especial.



Convite para formatura do curso de Auxiliar de Enfermagem de 1966



Convite para formatura do curso de Auxiliar de Enfermagem de 1968

Convite para formatura
do curso de Auxiliar de
Enfermagem de 1969



Convite para formatura
do curso de Auxiliar de
Enfermagem de 1970



Convite para formatura
do curso de Auxiliar de
Enfermagem de 1971



Convite para formatura
do curso de Auxiliar de
Enfermagem de 1977

Colação de Grau dos formandos da Escola de Auxiliares de
Enfermagem, anexa ao Hospital Stc. Antônio, realizada em
2 de março de 1968

P R O G R A M A

13.16.1.8
doc-02

- 1 - Chamada dos convidados de honra.
- 2 - Entrada dos formandos com os padrinhos. (música).
- 3 - Abertura da solenidade pelo Exmo. Sr. Prefeito Municipal - Dr. Carlos Curt Zadrozny
- 4 - Chamada dos formandos.
- 5 - Acender as lâmpadas.
- 6 - Juramento.
- 7 - Apagar as Lâmpadas e descer do palco.
- 8 - Entrega dos Certificados.
- 9 - Entrega do Prêmio "Dr. Fritz Mueller" à aluna Terezinha Hellmann.
- 10 - Discurso do orador da turma - Ivo Gieland.
- 11 - Discurso do Paraninfo - Dr. Eunildo Lázaro Rebêlo.
- 12 - Palavra da Reda. Madre Adélia DD. Provincial das Franciscanas de São José.
- 13 - Palavra livre.
- 14 - Encerramento da solenidade com o Hino Nacional.

*Solenidade de Colação de grau dos formandos
da Escola de Enfermagem em 2/3/68*

Programa da solenidade de colação de grau dos formandos da Escola de Auxiliar de Enfermagem em março de 1968.

Durante o ano letivo de 1965, houve alteração no corpo docente por motivo de transferência na congregação. Neste mesmo ano foi suspensa a matrícula da Escola, pois os professores foram para o Rio de Janeiro realizar uma especialização em Enfermagem, para se aperfeiçoarem. Por este motivo a

turma de 1964 teve que estender o curso até março de 1966.

No relatório do ano letivo de 1965 da Escola de Auxiliar de Enfermagem estão registrados os nomes das freiras que faziam parte do corpo docente daquela época.

C O R P O D O C E N T E

O CORPO DOCENTE é constituído por cinco (5) professoras, Enfermeiras diplomadas, as quais lecionam as seguintes matérias:

Maria Editte Prim (Irmã Ligória), leciona:

HIGIENE EM RELAÇÃO À SAÚDE - ENFERMAGEM EM CIRURGIA
NOÇÕES DE ÉTICA - ALIMENTO E SEU PREPARO.

Martha Locks (Irmã Maria José), leciona:

TÉCNICA DE ENFERMAGEM - ENFERMAGEM EM CLÍNICA MÉDICA
ECONOMIA HOSPITALAR.

Maria Madalena Sehnem (Irmã Celestina), leciona:

ANATOMIA E FISILOGIA - ENFERMAGEM EM OBSTETRÍCIA.

Clara Berkenbrok (Irmã Antonieta), leciona:

ENFERMAGEM EM MOLÉSTIAS TRANSMISSÍVEIS.

Maria Witkowsky (Irmã Maria das Neves), leciona:

ENFERMAGEM EM PEDIATRIA.

Professoras da Escola de Auxiliar de Enfermagem do hospital Santo Antônio em 1965.

Em março de 1970 a Escola foi ajustada, conforme a Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional, ao curso médio, obrigando-se a ministrar durante dois anos, junto às disciplinas específicas de enfermagem, Português, Matemática, Geografia, Ciências e História.

O curso era gratuito e a Escola era mista.

Funcionava em regime de externato, abrindo exceção aos funcionários do Hospital Santo Antônio e aos candidatos que vinham de outras cidades sem ter onde morar e ficavam internos. No início, o curso tinha duração de um ano e meio, depois passou para dois anos com férias regulamentares de um mês, e mais tarde voltou a durar um ano e meio.



Alunos do curso de auxiliar de enfermagem, no refeitório do Hospital Santo Antônio.



Alunos da Escola de Auxiliar de Enfermagem.



Dormitório dos alunos internos do curso de auxiliar de enfermagem.



Biblioteca da Escola de Auxiliar de Enfermagem

A Escola de Auxiliar de Enfermagem do Hospital Santo Antônio possuía ótima aceitação na comunidade e grande prestígio fora do Estado. Inúmeros eram os pedidos de profissionais formados em Blumenau para os hospitais do Paraná e São Paulo.

Em 1972, a Escola não pertencia mais à Prefeitura, mas continuava a ser mantida em grande parte por verbas municipais. Desde a fundação até o mês dezembro de 1972 há registros de que a Escola já havia formado 258 alunos. A diretoria, nesta época, estava entregue à Irmã Fidelis e ao secretário era Antônio Carlos Gottfried.



Salas de aula da Escola de Auxiliar de Enfermagem.

Em julho de 1979, com a Lei Municipal 2.477, a Secretaria Municipal de Educação de Blumenau passou a ser responsável pela Escola de Auxiliar de Enfermagem. A Lei, também, autorizava convênio para o funcionamento da Escola de Auxiliar de Enfermagem no Colégio Sagrada Família. A Escola permaneceu subordinada à Secretaria de Educação até 1996.



PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU
ESTADO DE SANTA CATARINA

LEI Nº 2.477

DISPÕE SOBRE A ESCOLA AUXILIAR DE ENFERMAGEM E DE OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

RENATO DE MELLO VIANNA, Prefeito Municipal de Blumenau.

Faço saber a todos os habitantes deste Município que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - A Escola Auxiliar de Enfermagem, criada pela Lei Municipal nº 763, de 28 de novembro de 1968, deixa de integrar a "FUNDAÇÃO HOSPITALAR DE BLUMENAU", com todo o seu acervo pessoal e patrimonial.

Art. 2º - A Escola Auxiliar de Enfermagem fica subordinada à Secretaria de Educação e Cultura do Município.

Art. 3º - Fica o Poder Executivo autorizado a firmar contrato com a "SOCIEDADE DIVINA PROVIDÊNCIA - COLÉGIO SAGRADA FAMÍLIA", desta cidade, para funcionamento da Escola Auxiliar de Enfermagem.

§ Único - Os termos do contrato referido neste artigo ficam fazendo parte integrante desta lei.

Art. 4º - Fica o Poder Executivo autorizado a proceder às alterações necessárias no Estatuto da "Fundação Hospitalar de Blumenau", aprovado pelo Decreto nº 560, de 25 de março de 1976.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário, especialmente, os arts. 2º quanto à Escola Auxiliar de Enfermagem, 3º, letra "a", 13, 14, 15, 16, letra "a", quanto à Escola Auxiliar de Enfermagem e 17, letras "b" e "a" da lei nº 2.056, de 10 de dezembro de 1974.

Art. 6º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, em 03 de julho de 1979.

RENATO DE MELLO VIANNA

Lei que determina que a Escola de Auxiliar de Enfermagem ficaria subordinada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município, de 1979.

Apesar desta mudança administrativo-financeira, a Escola continuou nas dependências do Hospital Santo Antônio até setembro de 1983, quando a instituição foi

desativada, devido aos prejuízos causados pelas cheias ocorridas naquele ano.

Durante a década de 1983 a 1993, a Escola mudou várias vezes, inclusive para as dependências do Colégio Sagrada Família e para alguns imóveis alugados.

Quando Neusa Terezinha Jacomelli começou a trabalhar na Escola de Auxiliar de Enfermagem, na década de 80, ela funcionava nas dependências do Colégio Sagrada Família. Enfermeira formada pela Universidade Federal de Santa Catarina, Neusa atuou na Escola durante 15 anos.

Ela era funcionária da Secretaria Municipal de Educação e foi encaminhada à Escola pelo prefeito da época, Renato de Mello Vianna. Neusa ministrou diversas disciplinas. Iniciou com obstetrícia, mas deu aulas teóricas e supervisão de estágio de centro cirúrgico, pediatria, clínica médica, ética e introdução à enfermagem. Naquela época fazia parte do corpo docente da escola a diretora, duas enfermeiras e uma técnica de enfermagem. Havia duas turmas, uma de manhã e outra à tarde.

De 1989 a 1993, ela assumiu a direção da Escola de Auxiliar de Enfermagem.

Enquanto ainda atuava na Escola, lembra-se dela ter saído do Colégio Sagrada Família e se instalado novamente no Hospital Santo Antônio. Mas, como a instituição precisou de espaço para aumentar o número de leitos, a Escola voltou para o Sagrada

Família. Algum tempo depois o colégio precisou do espaço, então a Prefeitura alugou uma residência na rua das Missões, que fica no bairro Ponta Aguda, para abrigar a Escola de Auxiliar de Enfermagem. Com a enchente que ocorreu em Blumenau, porém, teve que se mudar de novo. Foram perdidos diversos documentos naquela época.

Em 1993 a Secretaria Municipal de Educação, com o apoio do médico e secretário da época, Maurici Nascimento, inaugurou as novas instalações da Escola de Auxiliar de Enfermagem nos fundos do Hospital Santo Antônio.

Apesar das várias mudanças, a equipe de professores sempre lutou para manter o funcionamento da Escola e o alto nível de formação. Os alunos eram aceitos em qualquer local que fossem disputar vagas, pelo conceituado nível de formação.

Havia em média 30 alunos por turma. Naquele tempo, o curso durava um ano e meio. Os estágios eram feitos somente pela manhã. No primeiro semestre, o aluno recebia aulas teóricas e fazia exercícios em salas de técnica. No segundo e terceiro semestres estagiavam.

Em 1986, quando foi aprovada a Lei que obrigava a profissionalização do atendente de enfermagem, o número de alunos aumentou. Os alunos vinham de todo o Médio e Alto Vale. “A Escola foi vital para rede de saúde da região”.

Até 1992, a formação era apenas para auxiliar de enfermagem. Naquele ano surgiu o curso de formação de Técnico em Higiene Dental (THD). O primeiro coordenador foi o dentista Célio Dettmer. Este foi um marco importante, porque começou a formar profissionais para a rede municipal de odontologia. Blumenau tinha naquela época o ‘Projeto Sorriso’, os técnicos atuavam fazendo orientação e prevenção.

Em 1997, teve início o curso de Atendente de Consultório Dentário (ACD), que, junto com o de THD, foi o primeiro de Santa Catarina. O curso de ACD foi criado para, primeiramente, atender à demanda da própria Secretaria Municipal de Saúde (Semus). A primeira turma se formou em agosto de 1999.

Na década de 90, os professores da Escola começaram a ser encaminhados pela Secretaria Municipal de Saúde.

Em 16 de julho de 1996, o artigo 44 da Lei Complementar 127 da Prefeitura Municipal de Blumenau, determinou que a Escola de Auxiliar de Enfermagem passasse a integrar a estrutura da Semus. A alteração do nome para Escola Técnica de Saúde - ETS foi oficializada em 17 de abril de 1997.

A Escola Técnica de Saúde tornou-se uma instituição especializada em Educação Profissional, conforme prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB.



GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

PORTARIA E/ 032 /SED - 17/04/97

ALTERAR, tendo em vista o que consta do Parecer nº. 082/97/SED/COGEN/DIEM, e conforme o processo PSEC 4708/97-0, a denominação da Escola de Auxiliar de Enfermagem para ESCOLA TÉCNICA DE SAÚDE, integrante da estrutura da Secretaria Municipal da Saúde, município de Blumenau/SC

Professor JOÃO B. MATOS
SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
E DO DESPORTO

*Recebido em 17/04/97
na Diretoria de Educação*

*Luciane Maria Pezzato
Diretora
Port. Nº 3440 - Aut. Nº 6288*

Documento que altera o nome da Escola de Auxiliar de Enfermagem para Escola Técnica de Saúde, em 1997.

Houve necessidade de evoluir para acompanhar as mudanças do Sistema de Saúde e da sociedade. A Escola tornou-se então mais abrangente e moderna. Quem participou deste processo de transição e ampliação da Escola de Auxiliar de Enfermagem foi a professora do curso de enfermagem da Furb, Judite Hennemann Beroncini.

Judite veio do Paraná e começou a trabalhar na Prefeitura de Blumenau no ano de 1995. Atuava, anteriormente, na Escola Técnica de Saúde do governo do Estado do Paraná, chamada Centro Formador de Recursos Humanos.

Em 1995, a Escola de Auxiliar de Enfermagem do Hospital Santo Antônio

era administrada pela Secretaria Municipal de Educação, mas os professores já eram contratados pela Secretaria de Saúde e nessa época a Escola ainda formava auxiliares de enfermagem nos moldes das que surgiram no Brasil inteiro. O perfil do enfermeiro técnico e auxiliar era focado na assistência hospitalar com uma visão de assistência curativa, exercida majoritariamente dentro do hospital.

Desde 1988, quando foi instituído o Sistema Único de Saúde (SUS), a visão de assistência curativa mudou para a de profissional generalista e do trabalho em equipe. Antigamente a assistência no Brasil era focada no médico e no auxiliar de enfermagem, e a maioria nem era auxiliar, mas atendente de enfermagem, sem formação. Por isso os hospitais começaram a formar atendentes em auxiliares ou técnicos, que é um curso de nível médio. Mas, com esta nova visão, o SUS precisava de novos profissionais, a demanda era por um trabalho multiprofissional e de profissionais com uma visão generalista e não só curativa.

A possibilidade de transformar a Escola de Auxiliar de Enfermagem numa Escola Técnica de Saúde foi discutida na época com a diretora de saúde, que era a enfermeira Cláudia Duarte da Silva; o Secretário de Educação, Maurici Nascimento, e o Secretário de Saúde, Luiz Eduardo Caminha. A escola iria então formar vários técnicos de saúde com uma visão voltada para as exigências

do mercado de trabalho e do próprio SUS.

Então a ideia foi aprovada e o projeto elaborado. Judite auxiliou, pois tinha contato com o Ministério da Saúde, já que naquele tempo também prestava assessoria às Escolas Técnicas de Saúde no Brasil. O projeto criava uma Escola Técnica de Saúde do Município, ligada à Secretaria de Saúde, não mais à de Educação, incorporando o curso que era mantido pelo município de Auxiliar de Enfermagem do Hospital Santo Antônio.

Em 1997, a Escola de Auxiliar de Enfermagem saiu do Hospital Santo Antônio e instalou-se na Secretaria de Saúde de Blumenau, que, na época, se localizava, também, à rua Itajaí. Foi ainda incorporado o curso de Técnico em Saúde Bucal e em

seguida feitas complementações no currículo para oferecer Técnico de Enfermagem.

Com isso, tornou-se uma Escola de maior abrangência, que mais tarde foi incorporada à Rede de Escolas Técnicas do SUS (RET-SUS), que é uma Rede institucional criada pelo Ministério da Saúde, para facilitar a articulação técnica e política entre as Escolas Técnicas do SUS e fortalecer a educação profissional de trabalhadores de nível médio em saúde. “Além dela existe apenas mais uma escola no Brasil, que é Escola Técnica de Saúde de Prefeitura, porque todas as outras são do Estado ou do governo federal”, afirma Judite, ao ressaltar o pioneirismo de Blumenau e do Hospital Santo Antônio.



Comemoração dos 40 anos da Escola Técnica de Saúde, em 26 de agosto de 1999.

Em 2001 a ETS foi reconhecida pelo Ministério da Saúde como referência na formação, qualificação e requalificação de recursos humanos em saúde, para Blumenau e região.

Com o passar dos anos, a Escola Técnica de Saúde de Blumenau procurou se aperfeiçoar cada vez mais. Hoje atende os 53 municípios do Vale do Itajaí e oferece oito cursos no total. “De 2005 a 2009 a Escola formou 2.354 alunos, não só em enfermagem, mas diversos cursos nos 53 municípios que atende”, diz Claudia Vilela de Souza Lange, diretora da Escola Técnica de Saúde (ETS).

A sede própria, localizada à rua Dois de Setembro, está em construção com recursos do Ministério da Saúde. A inauguração está prevista para 2010.

A história da Escola de Enfermagem também é contada por alunas do curso que atuaram no Hospital Santo Antônio até se aposentarem. O aprendizado recebido foi dedicado à instituição com amor e profissionalismo.

Quarenta anos de serviços prestados ao Santo Antônio

Foram quarenta anos de serviços prestados ao Hospital Santo Antônio. A dedicação de Nirce Bonatti era tanta que até mesmo a família ficava em segundo plano. Quando se casou, deixou isso claro para o marido e depois para os três filhos,

que também passaram a ter orgulho da instituição, assim como a mãe.

A recompensa para tanto empenho veio no ano de 2002, quando o nome dela foi eternizado dentro da instituição ao batizar uma ala do Santo Antônio. A ala Nirce Bonatti conta com 20 leitos usados para atendimentos de convênios e particulares.

Para escolher o nome da nova ala no Hospital Santo Antônio foi realizada uma eleição. Os funcionários poderiam escolher entre as quatro funcionárias que estavam no hospital há mais tempo. Apesar de nunca ter tido inimigos no Santo Antônio, para ela foi uma surpresa ver que tinha tantas pessoas amigas.

Nirce já havia recebido homenagens do hospital, outras vezes, como a missa ao completar 20 anos de atuação e outra quando fez 40. Ainda guarda algumas placas e menções honrosas, mas se emociona ao saber que há uma ala com seu nome. “Esta ala foi um grande presente do Santo Antônio para mim”.

Nirce mora na cidade de Timbó, distante aproximadamente 40 quilômetros de Blumenau. Ela não conhecia o município, quando, em 1962, aos 16 anos, parou de ônibus em frente ao hospital para ser ajudante de lavanderia.

Em 1963, decidiu fazer o curso de auxiliar de enfermagem incentivada pelas



Irmãs que administravam o Santo Antônio. Após um ano e meio estava formada.

Enquanto ainda estudava morou no hospital. O aprendizado e a convivência com as freiras ajudaram a formar o caráter que possui. Com as freiras aprendeu tudo: responsabilidade, o que é a vida, o que é o amor ao próximo, coisas que a ajudam até hoje em dia.

Depois de formada queria praticar a profissão no interior, foi então para a cidade de Agrolândia. Em 20 de fevereiro de 1967 conversou com as Irmãs, novamente, e retornou ao Hospital Santo Antônio. Iniciou

na Pediatria e imediatamente adorou.

Ela observa que a Pediatria é o setor que mais exige compreensão do ser humano. Não basta cumprir a função para a qual está designada, há necessidade de oferecer apoio, um sorriso de amparo para uma mãe quando o filho está mal. Nirce diz sempre ter-se dedicado de coração às pessoas mais necessitadas.

Foi coordenadora do setor de Pediatria no período noturno, das sete horas da noite às sete horas da manhã. Prezavam por tudo: educação, bem-estar. "Quando comecei no Santo Antônio não tínhamos médico de



Turma do curso de enfermagem 1963



Nirce recebe diploma do curso em 1964



Solenidade de formatura no Teatro Carlos Gomes, 1964



Turma de auxiliar de enfermagem e as freiras - uniforme de formatura



Com as colegas de trabalho, Maria do Carmo Robusto e Ivanir Ribeiro, na entrada da unidade Nirce Bonatti



Nirce Bonatti e Maria do Carmo Robusto com crianças internadas. Foto no Posto da Enfermagem



Missa em homenagem aos 40 anos de profissão. Com os colegas Márcio Moretti e Iraildes, na Capela



Posto de enfermagem da Pediatria. Nirce e os colegas do turno da noite



Nirce e a família na inauguração da ala com seu nome no HSA



Mãe com os filhos internados, foto na sala de recreação da pediatria HSA

plantão e passávamos por apertos muito grandes”. Quando havia necessidade, o médico era chamado por telefone, mas, se o aparelho não funcionava, ia até a casa em frente ao hospital, onde residia o médico Abelardo Vianna, solicitar auxílio.

Quando começou a trabalhar atuava com os médicos Affonso Balsini, Anna Cechet, Maurici Nascimento e depois vieram outros profissionais. A Pediatria funcionava na parte antiga do hospital e depois se mudou para o lado do morro, onde está localizado o restaurante o Frohsinn.

Antigamente, quando fez o curso de auxiliar de enfermagem, no outro lado da rua Itajaí, havia uma casa antiga, onde funcionava um asilo. Posteriormente, Dr. Balsini construiu a Pediatria em uma ala separada naquele local. Então os adultos eram tratados de um lado da rua e as crianças do outro.

Naquela época, chegavam a atender em torno de 60 crianças por dia. Havia o andar para tratamento de crianças de zero a um ano e outro para as de dois a 14 anos. Vários pacientes vinham de Itajaí e outras regiões.

Tempos depois, a ala da Pediatria teve o espaço reduzido, devido às enchentes de 1983 e 1984. Nos períodos de cheias, Nirce permaneceu no hospital em tempo integral, pois não tinha problemas de enchente em sua casa então ficava no Santo Antônio para ajudar. A situação era difícil, havia racionamento de água, de roupas, poucos

funcionários para trabalhar.

Quando havia dificuldades financeiras, todos os envolvidos com o hospital se uniam. Houve uma época em que o hospital fechou, então, os funcionários fizeram passeata nas ruas, movimentos. Entre funcionários e direção sempre houve muito apoio. “Tinha amor pela camisa. O Santo Antônio é um hospital de muito calor humano, que viveu dificuldades e sobreviveu”.

O HSA é referência em pediatria e melhorou ainda mais com a implantação da UTI Infantil, no ano de 1989. “A cidade precisava de uma UTI, naquela época não existia nada disso. Depois a importância do setor foi reconhecida”, diz.

A pediatria do Hospital Santo Antônio sempre foi muito bem conceituada, mas houve um período em que o espaço foi diminuído. Mais tarde, com a implantação da UTI e agora com a construção das novas estruturas está tudo ótimo novamente. Nirce não chegou a trabalhar no novo prédio, erguido em 2007. Ela pediu demissão um mês antes da inauguração.

A decisão de deixar o hospital, tomada quando completou 40 anos de atuação no HSA, foi difícil. Apesar de sentir saudade acredita que estava na hora de parar, porque tem consciência de ter feito aquilo que gostava e com amor.

Nesses 40 anos, Nirce viajou diariamente de Timbó para Blumenau, de

ônibus, para trabalhar. Ela geralmente trabalhava em datas comemorativas como Natal e Ano Novo.

A Pediatria é um setor onde não há sossego e para atuar nele é necessário ter: amor, paciência e determinação. Houve períodos difíceis, quando era preciso trabalhar 24 horas seguidas. “Sentia a responsabilidade da entrega de um filho em nossas mãos. Havia crianças que ficavam meses internadas. Quando comecei não havia direito de acompanhante nos quartos, então as mães visitavam e as crianças ficavam conosco. Mais tarde, a Previdência liberou e foram montadas camas para elas ficarem com os filhos”.

Ao olhar o caminho que traçou ela diz ter a sensação de missão cumprida, sentir-se feliz e realizada.

Forte ligação afetiva com o hospital

Através do contato com as freiras Franciscanas de São José, congregação responsável pelo Hospital Santo Antônio nas décadas de 50 e 60, foi que Zélia Doerner veio para Blumenau estudar na Escola de Auxiliar de Enfermagem da instituição. Ela ficou sabendo do curso no Hospital Maria Auxiliadora, de Presidente Getúlio, onde trabalhava como atendente de enfermagem e resolveu fazer o curso pelo contato que tinha com as Irmãs.

Zélia morou no internato que havia no

próprio hospital. A escola era gratuita, mas ela conta que os alunos eram responsáveis por todos os serviços no HSA. No primeiro ano, faziam a limpeza do hospital e no segundo, atendimento ao paciente e davam medicação. Como Zélia trabalhava anteriormente em hospital já possuía prática. Algum tempo depois, a Prefeitura passou a dar uma ajuda de custo aos alunos. Na turma dela havia mais de 20 alunos.

Era bastante puxado, porque acordavam às cinco horas da manhã e iam dormir às nove horas da noite, só depois que deixavam tudo ajeitado para as atendentes do plantão. Mas, mesmo assim ela afirma que era bom e todos se davam bem.

As freiras eram muito rígidas, as alunas não podiam descer para o setor sem uniforme, nem sair do quarto de bobes no cabelo. E à noite ainda tinham que rezar o terço na capela. Naquela época Zélia tinha 22 anos.

Na turma dela havia apenas dois homens e somente um deles era interno do hospital. As moças dormiam todas juntas em um grande salão e ele tinha um quartinho separado. Era função dele levantar-se à noite para trocar o oxigênio dos doentes.

No ano de 1964, Zélia se formou como auxiliar de enfermagem e ficou trabalhando no Hospital Santo Antônio. Atuou primeiro no setor de Pediatria, depois no setor clínico e cirúrgico, retornou ainda para Pediatria por um tempo, mas, em 1972 iniciou no Pronto

Socorro e ficou lá até se aposentar em 1998.

Desde quando era aluna até o ano de 1972 quem atendia no Pronto Socorro era Ernesto Pfeiffer, conhecido como “velho Pfeiffer”. Quando tinha consulta, quem atendia era a Dra. Anna Cechet, mas ele fazia as suturas. Ele morava em um quartinho nos fundos do hospital, junto às quatro Enfermarias de adultos indigentes - como eram chamados os pacientes sem recursos para pagar o atendimento.

Mesmo depois de formada, Zélia morou no hospital por quase quatro anos. Então alugou um apartamento nas proximidades do HSA com outras seis enfermeiras. Ela trabalhava no período noturno.

Em 1972 participou da supervisão de setores do Hospital Santo Antônio. Quando tinha que chamar o médico para ver o paciente o acompanhava. Mas, depois o Conselho Regional de Enfermagem exigiu enfermeira chefe nos setores e então as professoras do curso assumiram esta função.

Zélia se envolvia pouco com questões administrativas, mas recorda haver uma época em que ficaram quase três meses trabalhando sem receber. “No fim a administração sempre dava um jeito com a Prefeitura para ficar tudo bem”. A convivência com os médicos era harmoniosa. Naquela época a relação entre funcionários,

enfermeiros e médicos era melhor porque o contato era mais direto.

Antigamente havia duas folgas mensais por plantão. Durante os finais de semana quem atendia era uma professora do curso de enfermagem e os alunos, depois houve mudanças e com o tempo o hospital foi evoluindo.

Os casos mais frequentes eram os clínicos. Antigamente o Santo Antônio não atendia muitos acidentes. O Raio-X não funcionava à noite.

Na enchente ocorrida em Blumenau no ano de 1983, Zélia passou praticamente um mês no hospital, porque como a água tinha cercado o local não havia como sair de lá. Ela então ficou atendendo quem estava internado.

Zélia lembra-se de ter presenciado, nesta época, a queda do almojarifado do hospital, levado pelas águas do rio Itajaí-Açu por um grande desbarrancamento. “Estava escuro e o barulho foi assustador”, lembra.

Em 1998, foi difícil tomar a decisão de se aposentar, porque mantinha uma ligação afetiva muito forte com o hospital. “Quando o médico Agobar Fagundes trabalhava no Pronto Socorro ele costumava dizer que eu era ‘patrimônio do hospital’”, recorda com carinho.



Início década 60 enfermeiros recebendo estudantes

As freiras faziam a diferença

Cristina Teresa de Souza era escriturária e sempre sonhou em ser aeromoça. Mas, como essa era uma profissão distante da realidade em que vivia, em Blumenau, ela guardava também o desejo de tornar-se auxiliar de enfermagem.

Os pais foram categoricamente contra a vontade da filha, que teria que parar de trabalhar para estudar o ofício. Ela era de uma família muito humilde. Mas, aos 18 anos, estava decidida e, em 1968, matriculou-se na Escola de Auxiliar de Enfermagem do Hospital Santo Antônio.

Além de não receber salário, ainda pagava com dificuldade a condução que a levava ao curso. Emocionada, lembra que para fazer o uniforme teve que pedir dinheiro emprestado e depois trabalhar para pagá-lo.

Chegava ao hospital para o curso às seis e meia da manhã e ficava até quase

a hora do plantão noturno, que iniciava às sete horas da noite. Cristina não era interna do Hospital Santo Antônio.

As moças aprendiam bastante no convívio com as freiras, que incentivavam o lado espiritual. As freiras transmitiam a humanização no atendimento, pois o hospital recebia pacientes em situações muito precárias.

A ética profissional era pregada pela Irmã Ligória, professora do curso. Outro ensinamento era a preocupação com o conforto do doente. As Irmãs ensinavam às alunas que a primeira tarefa pela manhã era ir de quarto em quarto cumprimentar os pacientes para só depois começar o plantão.

No período matutino aconteciam as aulas práticas e à tarde as teóricas. No final de cada ano as freiras preparavam uma viagem para os alunos do curso.

A profissão era árdua e ela se lembra de várias situações difíceis pelas quais passou durante o estágio como aluna. A inexperiência dos primeiros atendimentos e a primeira morte de um paciente querido.

Após dois anos de curso, em 1970, estava formada. A vontade era de atuar no setor da Maternidade, mas solicitaram que entrasse na Pediatria para cobrir as férias da colega, Nirce Bonatti, e ela gostou tanto, que permaneceu lá até sair do hospital, em 2007.

Ela fazia plantão noturno. Estava sempre atenta e levava a sério os horários de medicação. Isso se deve em parte aos ensinamentos recebidos das freiras. “Elas faziam muita diferença. Hoje em dia, dados acabam muitas vezes sendo mais importantes do que doentes”, observa.

Na Pediatria, o serviço era difícil. Chegavam a cuidar de quase 60 crianças em cinco pessoas, em condições precárias e com pouca tecnologia. Naquela época não existia carteira de vacinação e havia vários casos de sarampo e catapora.

Antigamente, o médico era chamado apenas quando necessário, então a responsabilidade das auxiliares de enfermagem aumentava. Mas as funcionárias eram bastante valorizadas. O índice de óbitos na Pediatria era pequeno e os médicos costumavam falar que era porque a enfermagem no Santo Antônio sempre foi eficiente.

A Pediatria da instituição também sempre possuiu uma competente equipe médica. Cristina comenta que quando foi implantada a UTI Infantil percebeu quantas crianças poderiam ser salvas se a unidade existisse há mais tempo. A modernidade só vem auxiliar, porque dedicação humana o Santo Antônio sempre teve.

Naquele tempo usava-se bastante medicamento via oral e era trabalhoso fazer as crianças tomá-lo. A Pediatria é um setor onde é preciso, além de cuidar dos doentes,

dividir-se entre a família aflita e a rotina burocrática.

Mas, mesmo quando tinha que trabalhar em feriados ou datas comemorativas, era com alegria. Cristina passou diversos Natais e viradas de ano na instituição, mas se sentia feliz.

Ela lembra as dificuldades financeiras pelas quais o hospital passava e diz ter participado dos “altos e baixos do Santo Antônio”. Mas confessa que se fosse necessário viver tudo novamente, viveria. Havia épocas em que não se ganhava o pagamento, mas os funcionários vestiam a camisa e tinham amor à profissão.

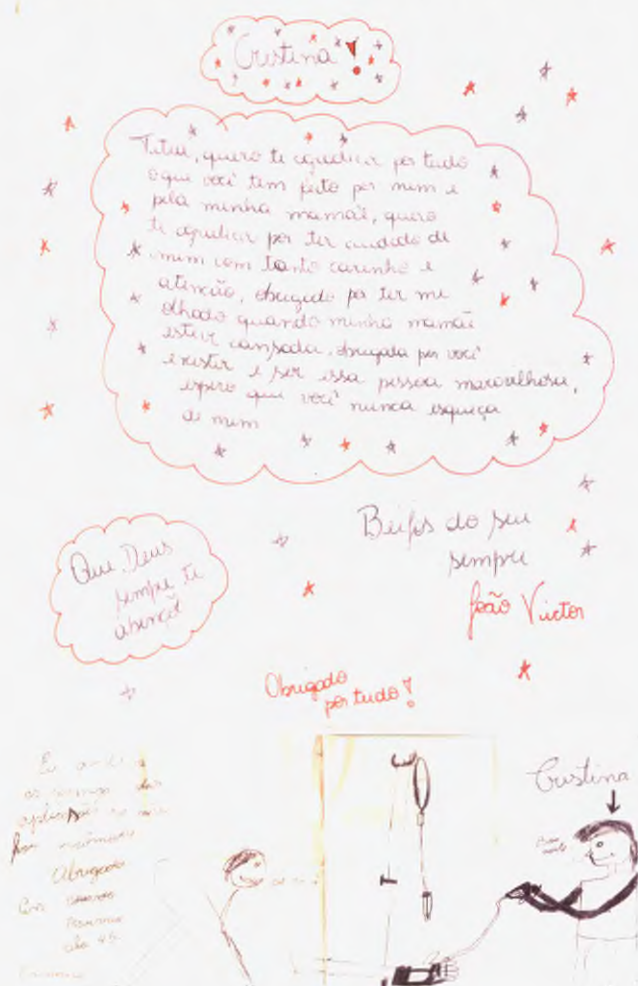
São 37 anos dedicados ao hospital. Em 1995 se aposentou, mas continuou atuando por mais alguns anos. Não chegou a trabalhar no novo prédio, que teve a obra finalizada em 2007. Quando foi tudo renovado, concluiu que pertencia ao outro lado, onde começou.

Cristina trabalhou no Hospital Infantil, que classifica como “o sonho do Dr. Affonso Balsini”, e se diz feliz com as novas estruturas do hospital. Mas ainda lembra exatamente como eram as instalações do antigo. “Havia em média 50 crianças internadas diariamente. Em uma noite, eram internadas de oito a dez crianças”, relata. Eram comuns os casos de desidratação, difteria e anemia.

Ela salienta o benefício trazido após o contrato do hospital com a FURB para os acadêmicos de medicina atuarem

como estagiários, para auxiliar médico e enfermagem.

Com orgulho assinala que ganhava a confiança das crianças para poder tratá-las. Ela possui uma caixa onde guarda com todo carinho placas e homenagens recebidas do hospital. Também, fotografias e bilhetes feitos por crianças e mães com dedicatórias e agradecimentos pelo serviço prestado.



Figuras e bilhetes feitos pelas crianças

Ao deixar o Santo Antônio, Cristina sente que fez sua parte e sabe que ajudou a salvar diversas vidas. "Tem casos em que a gente vê que nossa dedicação fazia diferença, mesmo com a ajuda da ciência, dos médicos, e isso traz felicidade interior".



Cristina entre duas Irmãs, no dia da formatura do Curso



Turma do Curso de Auxiliar de Enfermagem de 1968-1969



Cristina e Irmã Clarina quarto onde ficavam os leitos das crianças

Capítulo 5



*O Hospital
Santo Antônio por quem
começou a atuar nele na
década de 60*



Ambulatório

Durante os últimos 150 anos o Hospital Santo Antônio foi orgulho não somente por iniciar a estruturação da saúde em Blumenau, mas também por ser parte importante na biografia de diversos médicos e funcionários que tiveram a oportunidade de começar a vida profissional na instituição. Por meio das recordações deles é que a história do hospital também é contada.

O início da vida médica

O ginecologista e obstetra Clotar Egon Schroeter trabalhou no hospital de 1962 a 1974.

Ele se formou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, após clinicar por um ano e meio no interior daquele Estado, decidiu estabelecer-se mais perto do pai idoso. Foi então que, no final de 1962, passou a integrar o corpo clínico do Hospital Santo Antônio.

Assim que chegou à cidade procurou os hospitais locais, mas, inicialmente, não conseguiu vaga, apenas um local para consultório cedido pela Prefeitura de Gaspar. De lá internava seus pacientes no Santo Antônio, pois não havia hospitais em Gaspar naquele tempo. Naquela época era diferente, porque eram apenas três hospitais em Blumenau e, praticamente, todos os médicos tinham consultório neles.

O Santo Antônio era considerado o “hospital dos pobres”, e atendia os indigentes.

Os pacientes sem recursos eram internados e colocavam na ficha DP, que significava ‘Deus Paga’.

Nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, os poucos médicos que trabalhavam no Hospital Santo Antônio tiravam férias e viajavam para o litoral e não existia ainda um plantão específico organizado. Os médicos que ficavam na cidade atendiam como podiam. As Irmãs apelavam para os que estavam disponíveis. Como os indigentes tinham menor probabilidade de serem atendidos, gratuitamente, por médicos de outros hospitais, era natural que recorressem ao Santo Antônio.

Dr. Clotar era jovem e tinha energia e disposição para trabalhar. Então, a partir do final do ano de 1962, já morando em Blumenau numa casa com telefone “coisa mais rara do que se pode imaginar hoje”, pôs-se à disposição das Irmãs para atendimento de emergências desses pacientes que não tinham recursos financeiros.

Teve formação prática na faculdade de medicina na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, que, como hospital escola, atendia na maioria indigentes. Naquela época, o serviço público de saúde era mais precário do que hoje e dependia não só de instituições como as Santas Casas em todo o Brasil, como de muitos médicos que atendiam gratuitamente os indigentes. Por ter se formado em medicina neste ambiente e, talvez por índole, Dr. Clotar descreve que

possuía uma tendência pessoal para atender espontaneamente a este apelo, o que, crê, não era tão incomum no seio da profissão.

As freiras o chamavam para tudo o que aparecia. Atendia emergências cirúrgicas, obstétricas e clínicas, muitas vezes, inclusive aos sábados e domingos. Compensando a boa vontade e disposição de Dr. Clotar, a Direção do hospital, no começo de 1963, disponibilizou a ele um consultório dentro do hospital. Teve acesso, então, aos clientes, que em geral procuravam mais o “seu Hospital” do que o “consultório”, e deixou Gaspar, que não tinha hospital, aos pouquinhos, e veio para Blumenau.

Ao comparar a medicina de hoje com a de 50 anos atrás pode-se perceber que, naquele tempo, geralmente o médico escolhia a especialidade somente depois de formado e de atuar em diversas áreas. “Segundo comentário de um paraninfo de turma médica de anos recentes, um aluno aplicado, ao se formar há 50 anos, quando me formei, poderia saber até 75% do que iria utilizar na clínica. Hoje, quando se forma, não tem a possibilidade de saber mais do que 20% do conhecimento médico acumulado como um todo. Antes de entrar na faculdade, muitos já escolhem a especialidade, antigamente era o contrário”, observa Dr. Clotar.

Quando se formou não havia ainda oportunidade generalizada de residência, fora dos grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Saíam da

faculdade ‘formado médico’ e daí iam para o interior, carente de médicos, fazer a parte deles.

O médico contratado pela Prefeitura de Blumenau para atender os indigentes da maternidade do HSA era o Dr. Abelardo Vianna, mas, devido a problema sério de saúde, abriu mão do cargo. Realizavam-se, naqueles primeiros anos, mais de cem partos por mês, a maioria atendida como indigente. Dr. Clotar foi convidado para substituí-lo, então começou a receber pela Prefeitura como responsável pelo atendimento dos indigentes da maternidade. Ganhava por mês pouco mais que a metade de um aluguel de casa para fazer inúmeros partos, mas tinha prazer no seu trabalho e estava convicto de que fazia algo bom.

Nem todos os partos eram feitos pelos médicos, havia também as parteiras, que chamavam os médicos apenas na hora do parto. Elas ficavam o dia todo controlando a evolução. A parteira era fundamental.

A atuação da parteira Nilma Trierweiler, que trabalhou por vários anos no Hospital Santo Antônio, é destacada. Naquela época não havia ultrassonografia, o controle era feito pela ausculta e pelo toque e ela era uma dedicada heroína, fazendo, com conhecimento prático, o trabalho.

Naquele tempo, a cesariana não era tão habitual quanto hoje em dia. Isso leva ao grande número de cesáreas, atualmente, é muito complexo e já merece estudos

inclusive das Sociedades Médicas. Entre os muitos fatores, certa imposição do 'mercado' às pacientes.

Antigamente quando era indicada uma cesariana tinham-se em vista possíveis complicações, não era uma opção aleatória. Os médicos tinham que justificar a indicação perante eles mesmos e perante os conceitos vigentes na medicina.

Dr. Clotar ficava o ano todo de plantão para os pacientes que possuía. Tocava o telefone, saía e ia atendê-los. Certa vez, chegou a se levantar após a meia noite 26 dias consecutivos. Os médicos eram chamados e iam, e isso era normal. Em alguns casos, a assistência social acabava sendo feita por estes profissionais naquela época.

Por possuírem os consultórios concentrados nos hospitais, o contato do médico com o paciente era maior. Nem sempre todo médico tinha secretária, coisa impensável hoje em dia e, nestes casos, era o próprio médico que chamava o paciente na sala de espera, fazia a ficha à mão. Tinha um contato obrigatório com o paciente, o que, automaticamente, contribuía para maior aproximação.

Ele conviveu bastante com as Irmãs que atuavam na maternidade e destaca a afinidade que possuía com a Irmã Sávia. "Ela era dedicadíssima. Éramos quase como irmãos".

Na maternidade, também, eram realizadas curetagens de abortos provocados incompletos. Segundo Dr. Clotar, às vezes chegava uma paciente por dia. "Várias pacientes morreram por complicações decorrentes de abortos provocados". Para evitar essas histórias dramáticas, ele receitava pílula anticoncepcional, que chegou ao Brasil somente pelo ano de 1960, mas ocultava isso das freiras, por ser para elas, na época como ainda hoje, um assunto delicado. O médico ainda ensinava o método da "tabelinha" às pacientes.

Apenas pela metade da década de 1960, depois que os indigentes passaram a ser atendidos por meio do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), o parto de quem era considerada indigente começou a ser pago pelo INPS. Daí começou a ser exigida uma especialidade para o atendimento das áreas de medicina. Então tinha que escolher. Foi assim que ele optou por ginecologia e obstetria.

A política e o hospital

Quando chegou ao HSA, o diretor era o pediatra Dr. Affonso Balsini. Dr. Clotar lembra que ele era também vereador, filiado à União Democrática Nacional (UDN), mas comenta que, mesmo ligado à política, Dr. Balsini era um filantropo, atendia a enfermaria de indigentes da pediatria com idealismo e muita dedicação.

O hospital sempre viveu em dificuldades e Dr. Affonso Balsini apelava para quem

entrava no corpo clínico para o compromisso de também atender gratuitamente, quando fosse o caso. Esses atendimentos eram interpretados por Dr. Clotar, naquela época, como uma retribuição ao 'privilégio' de poder trabalhar no hospital.

O Hospital Santo Antônio era um hospital da Prefeitura que deu assistência muito grande à comunidade. Dr. Clotar ressalta o trabalho dos pediatras Affonso Balsini e Maurici Nascimento e declara que o grande sonho do Dr. Balsini era fazer o Hospital Pediátrico. E ele fez. Só que em 1983 e 1984 vieram as enchentes e desbarrancou parte do hospital, então mudaram o Santo Antônio para o outro lado da rua. "Não sei se ele recebeu o devido reconhecimento", avalia.

Em 1974 Dr. Clotar deixou o HSA para trabalhar na Maternidade Elisabeth Koehler. O convite já tinha sido recusado anteriormente por duas vezes. Ficava num dilema tremendo, porque sentia que era quase uma ingratidão sair do Santo Antônio. Mas, como estava começando a ficar mais velho e o Santo Antônio vivia em crises, aceitou o convite.

A Maternidade Elisabeth Koehler encerrou as atividades seis anos depois que Dr. Clotar começou a atuar nela. Ele foi então trabalhar no Hospital Santa Catarina, mas declara ter sido no Santo Antônio, que passou um dos períodos mais importantes de sua vida médica. "Foi o início de tudo e

a complementação da minha formação na medicina", afirma.

Trabalho e dificuldades divididos no espírito familiar

No ano de 1964, Dr. Maurici Nascimento se formou como primeiro da turma pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Católica do Paraná.

Em 1965 iniciou as atividades no Hospital Santo Antônio de Blumenau. Retornava à cidade natal, a convite do Dr. Affonso Balsini, para trabalhar no serviço de Pediatria. Passou um ano no Hospital Infantil César Pernetta, em Curitiba e, já acostumado ao trabalho em Hospitais Públicos, não tinha ilusões quanto às dificuldades e ao volume de trabalho que enfrentaria.

Além do chefe do serviço, Dr. Affonso Balsini, atuava também no hospital Dra. Anna Cechet, a primeira médica a ter clínica na cidade. O Hospital Santo Antônio, na ocasião, não dispunha de serviços complementares básicos como Raio-X e laboratório. Os exames eram feitos externamente, porém, a clientela era predominantemente de não pagantes. Era o local para onde drenava a classe social desvalida do médio Vale do Itajaí e até da região da foz deste rio.

Valia à pena o espírito de família, porém, que congregavam aqueles que realmente vestiam a camisa do HSA. "Tenho de todos as melhores lembranças: Lourival Saade, Ivo Olinger, Anna Cechet, Clotar

Egon Schroeter, Benedito Camargo Rocha, Osvaldo Espíndola, Oscar Leitão Filho, Celso Hoffmann, mas o diferencial nos era dado pela figura extraordinária do Dr. Balsini e o incansável trabalho diuturno das Irmãs Franciscanas de São José”, aponta.

O trabalho e dificuldades diários eram divididos no espírito familiar e também no entusiasmo da caminhada. As noites não dormidas, os fins de semana perdidos, eram compensados pela certeza do dever cumprido.

Dr. Maurici participou, ativamente, da construção de um sonho do “mestre Affonso”, o Hospital Infantil, o qual descreve como um marco para a pediatria do Vale na época. A obra do Hospital Infantil ficou pronta em 1970. Os quartos estavam sempre cheios e a vinda do Hospital Infantil foi o maior ganho que a instituição teve. Os municípios do entorno de Blumenau acabaram também se capacitando.

Dois colegas mais experientes se juntaram a eles: Dr. Oscar Leitão Filho e Dr. Telmo Duarte Pereira. E novos colegas foram convidados a compor o serviço: “Drs. Conrado Balsini Neto, Sérgio Schaefer, Rodolfo Valentino Schwab e Antônio Carlos Cechinel”.

A história do Hospital Infantil se iniciou com a presença da Enfermeira Ingrid Elsen, vinda do Serviço de Pediatria da Santa Casa de São Paulo, e Irmã Caritas, que estagiara em um hospital na Holanda. Além disto, toda

equipe docente e discente da Escola de Auxiliar de Enfermagem do HSA.

A Escola de Auxiliar de Enfermagem do Santo Antônio foi a impulsionadora da qualificação do serviço de enfermagem em Blumenau e em diversas outras cidades do país, pela qualidade dos professores e dedicação dos alunos. “Vale lembrar que o sonho de Dr. Affonso Balsini e dona Ruth Câmara – idealizadores da Escola de Auxiliar de Enfermagem - deu lugar à realidade com bons frutos”.

De dezembro de 1971 a março de 1973, Maurici Nascimento ocupou a presidência do Conselho Curador da Fundação Hospitalar. Naquela época enfrentou vários desafios. Eram constantes as crises de natureza econômica do Hospital Santo Antônio que, sem recursos próprios, ficava na dependência do poder público, a Prefeitura de Blumenau.

Manter o Hospital aberto foi o desafio proposto ao prefeito Felix Theiss pela auditoria contratada com o Hospital São Camilo, de São Paulo. O prefeito bancou o desafio e fez com que o hospital ganhasse força para se reerguer. O Santo Antônio já havia experimentado situação angustiante, quando foi transferido para a Fundação Universidade Regional de Blumenau para ser Hospital Universitário. Posteriormente, a FURB o devolveu-o à Prefeitura de Blumenau.

Politicamente Blumenau tinha sua convivência com alternância, às vezes, de poder entre União Democrática Nacional

(UDN) e Partido Social Democrático (PSD), posteriormente Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Mas a cidade crescia e os serviços na área médica eram referência em Santa Catarina.

Em 1974, convidado pelo Conselho Curador, administração e corpo clínico do Hospital Santa Catarina, Dr. Maurici passou a integrá-lo, sendo fundador do serviço de Pediatria, onde permanece até hoje.

O Hospital Santo Antônio faz parte das boas recordações que possui. E, na opinião de Dr. Maurici, a instituição deve ainda uma homenagem a Dr. Affonso Balsini, “aquele que foi o sustentáculo do hospital por mais de quatro décadas”.

Dr. Maurici Nascimento assumiu a Secretaria Municipal de Educação por duas oportunidades e em ambas conseguiu beneficiar de alguma forma o Santo Antônio. Na primeira passagem, de 1993 a 1995, devolveu a Escola de Auxiliar de Enfermagem ao Santo Antônio. Ele conta que após as grandes enchentes de 1983 e 1984, a Escola de Auxiliar de Enfermagem, localizada em área próxima ao Rio Itajaí-Açu, no bairro Ponta Aguda, foi seriamente afetada. E relata que estava sem uso parte do prédio onde atualmente se encontra o setor administrativo do Hospital Santo Antônio. Foi realizada junto com a enfermeira Solange Wink e Sr. Inácio Mafra, parceria para ali reinstalar a Escola.

Ainda sobre o caso, Dr. Maurici descreve um fato interessante que ocorreu em dezembro de 2009: “Estando em recuperação cirúrgica, no Hospital Nossa Senhora das Graças em Curitiba, recebi a visita de dois ex-alunos da Escola, hoje enfermeiros naquele hospital, que agradeceram aquele gesto de mudança”.

Na segunda vez que chefiou à pasta, de 2007 a 2010, a Secretaria de Educação, em parceria com a Universidade Regional de Blumenau (FURB) e o hospital, viabilizou a Pedagogia Hospitalar no Santo Antônio, visando ao atendimento pedagógico das crianças internadas no serviço de Pediatria.

O Santo Antônio permitiu o aprimoramento profissional

O médico pediatra, Rodolfo Schwab, foi admitido no Hospital Santo Antônio em 1969. De início atuava como plantonista noturno, atendendo pacientes externos e doentes internados. Por falta de um consultório próprio, durante o dia, o recurso era a utilização de uma sala de curativos, onde recebia seus clientes.

Na época, só existia a parte do hospital localizada à margem do Rio Itajaí. A instituição tinha enfermaria, quartos, uma suíte, consultórios - mas todos ocupados - sala de cirurgia, farmácia, laboratório, refeitório, alojamento para as freiras e enfermeiras, sala para Raio-X, ala pediátrica, berçário, sala de partos e uma capela.

Como hospital, no contexto, o Santo Antônio não era tão bem equipado quanto os demais da cidade. No entanto, primava pela limpeza e excelente corpo de enfermagem. Tudo isso graças à boa administração das Irmãs religiosas e da existência, no próprio hospital, da Escola de Auxiliar de Enfermagem de alto nível. Tanto assim, que muitas das enfermeiras graduadas eram procuradas por todo o Estado e por Estados vizinhos.

A maior dificuldade do Santo Antônio sempre foi financeira; o que impedia os melhoramentos necessários. Mas, “graças à coragem e tenacidade do médico Dr. Affonso Balsini”, construiu-se em frente ao prédio já existente um edifício destinado inteiramente ao serviço de pediatria que era composto por bons consultórios, sala de visita e dois andares para a enfermaria.

Havia, porém, uma dificuldade técnica: o novo hospital não dispunha de todo o equipamento necessário. Assim, dependia muito do hospital antigo. Por exemplo, para fazer um Raio-X do pulmão de uma criança era preciso recorrer ao prédio antigo, onde ficava a sala de radiografia. E como não havia a atual passarela sobre a rua Itajaí, a criança que precisasse de um exame radiológico teria que atravessar a rua movimentada de veículos, no colo de uma enfermeira, enquanto outra enfermeira sustentava o frasco que mantinha o soro contínuo endovenoso da criança; certamente

com riscos de infecção e atropelamento.

Como médico do Hospital Santo Antônio, o período mais marcante para Dr. Schwab foi a década de 70. Por ter sido uma fase de muita atividade: surtos de meningite, desidratação, algumas mortes. Naquela época, também, ocorreu um acontecimento notável: num domingo pela manhã, Dr. Schwab atendeu um menino de uns seis anos de idade, oriundo da vizinhança Ilhota-Gaspar. Com o quadro clínico compatível com o da malária, ao querer comprovar o diagnóstico pelo exame hematológico qual não foi o espanto do médico, ao invés de encontrar o plasmodium (agente da malária), apareceu o tripanosoma cruzi (agente da doença de chagas). O que foi extraordinário, pelos informes que obteve na época, foi o primeiro caso em Santa Catarina. De fato, o menino nunca saíra de Ilhota. Como a doença é adquirida pela picada do barbeiro, certamente, este inseto se fazia presente na região.

Naquele momento, Dr. Schwab foi alertado pelo professor Lothar Kriek, biólogo estudioso, de que um tipo de barbeiro rondava pelo bairro Garcia. Como o barbeiro picou o menino que adquiriu o tripanosoma é outra história. Analisando hoje este fato, foi uma sugestão de ter sido o primeiro caso em Santa Catarina, mas o assunto não foi observado com mais profundidade, para assegurar esta asserção. Naquela época parecia verdade.

Ele trabalhou no Santo Antônio até aposentar-se, aproximadamente no ano 2000, e assinala que a vida como médico no hospital foi gratificante. Permitiu o aprimoramento profissional, aumentou o esforço em estudar os casos difíceis e, ao mesmo tempo, participar do sofrimento dos doentes e seus familiares, em caso de fracasso, bem com da alegria destes, em caso de sucesso. “Em poucas palavras, envolver-me com as pessoas e tentar curá-las de seus males”.

Um grande aprendizado

Quando criança José Ritser sofria de tuberculose. Como era órfão, foi internado num hospital da Lapa, cidade do Estado do Paraná até ficar curado. Fez amizade com as freiras que atuavam na casa de saúde, começou a morar e mais tarde trabalhar lá, como atendente de enfermagem.

Em 1966, incentivado pela diretora do hospital da Lapa, veio para Blumenau cursar a famosa Escola de Auxiliar de Enfermagem do Hospital Santo Antônio.

Ao chegar ao município foi recebido pela auxiliar de enfermagem que estava de plantão, chamada Eleonor. Ritser ficou encantado com a moça e apaixonou-se naquele momento. Foi amor à primeira vista.

Os dois começaram a namorar depois de quase seis meses de conversa. Ritser havia desistido de fazer o curso de auxiliar

de enfermagem, mas tinha começado a trabalhar no hospital. Eleonor teve que passar a atuar em outro hospital, pois as freiras do Santo Antônio não permitiam o namoro. Mas o namoro virou casamento e em 2010 completa 43 anos.

Foi registrado como atendente, mas atuava no Santo Antônio como auxiliar de enfermagem prático. Fazia plantão noturno, arrumava as camas, ajudava os pacientes, fazia troca de oxigênio.

Uma fase marcante para ele foi quando a instituição passou para a Universidade Regional de Blumenau (FURB), em 1968. Foi realizada uma manifestação na praça Dr. Blumenau na época arrecadando fundos para que fosse criado o curso de Medicina.

Outro fato relevante foi a participação na inauguração do Hospital Infantil, idealizado pelo pediatra Affonso Balsini, no ano de 1970. “Ele foi um grande homem para aquele hospital, que deu início e finalizou o projeto do Hospital Infantil”.

Quando o Laboratório de Pesquisas Clínicas e Biológicas do Hospital Santo Antônio foi implantado, no final dos anos 60, Ritser passou a ser funcionário dele. O laboratório era terceirizado, mas ficava anexo ao hospital. A função dele ali era coletar sangue e organizar exames.

Tinha amizade com praticamente todos os médicos e funcionários do hospital. Na década de 80, fez parte da

diretoria do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Blumenau.

No ano de 1987, deixou o Laboratório do Hospital Santo Antônio para fundar a Ritser Turismo e continua atuando na empresa. As primeiras excursões saíram do Hospital Santo Antônio. Começou a organizar tudo lá com as Irmãs e os funcionários.

Ele considera tanto o Santo Antônio, quanto o Hospital da Lapa “escolas” em sua vida. “Foram meu grande aprendizado, pois pude ter contato com muitas pessoas, conviver e desenvolver esta parte de turismo”, observa.

Em 1991, o Laboratório Santo Antônio mudou-se para outro endereço. Passou a atender na Alameda Rio Branco, onde está localizado até hoje. E desde 1992, o Laboratório Equipe de Análises Clínicas Ltda, atende anexo ao Hospital Santo Antônio. Também terceirizado, o Laboratório Equipe venceu uma licitação para ser implantado na instituição.



Ambulatório do Hospital Santo Antônio



Capela do Hospital Santo Antônio



Centro Cirúrgico



Paciente grávida no Centro Cirúrgico do Hospital



Paciente sendo atendido no consultório médico do hospital naquela época



Cozinha do Hospital Santo Antônio



Laboratório de análises do hospital



Panelas da cozinha do Santo Antônio



Lavanderia do Santo Antônio



Atendimento na Enfermaria do hospital da época



Funcionárias trabalhando na lavanderia do hospital



Farmácia do HSA



Incubadora da Pediatria



Corredor onde ficavam os consultórios médicos do hospital



Sala de exames



Internação do setor da Pediatria



Aparelho para realizar exames em pacientes



Quartos da maternidade do hospital



Fachada do Hospital Santo Antônio



Construção de novas estruturas do Hospital Santo Antônio



Vista da colocação de um muro pré-fabricado e galpão no depósito da rua Itajaí



Hospital Santo Antônio em construção



Obra de construção do Pavilhão Infantil do hospital. Governo de Hercílio Deeke, 1965.



Obras do Hospital Santo Antônio

Capítulo 6



*Incorporação do
Hospital Santo Antônio
a Furb*



Quartos

Em 1968, o Hospital Santo Antônio e a Escola de Auxiliar de Enfermagem foram incorporados à Fundação Universidade Regional de Blumenau, passando a fazer parte das atividades do Centro Biomédico. A intenção era criar um curso de medicina no município.



Inauguração do Hospital Universitário, por meio do Hospital Santo Antônio. O mesmo foi doado para a Fundação Universidade Regional de Blumenau.

Quem participou, ativamente, dessa fase vivida pelo Hospital Santo Antônio foi o funcionário Gercino Evaristo. É possível considerar que a ligação de Evaristo com o Santo Antônio se iniciou em 1º de junho de 1968, quando foi admitido por concurso pela então Fundação Universitária de Blumenau (FURB). Menos de um ano depois ele se tornaria funcionário do hospital.

Naquela época, a universidade ainda funcionava junto à Escola Júlia Lopes de Almeida, no bairro Ponta Aguda. Na função de auxiliar bibliotecário, Evaristo logo recebeu uma promoção dentro da universidade. E no início de 1969 foi transferido para o Hospital Santo Antônio, para atuar como chefe de pessoal. Junto com ele também foram o

professor Antônio Moacir Pereira e Mario dos Santos. Eles ocuparam os cargos de administrador e contador, respectivamente.



Professor Antônio Moacir Pereira e Gercino Evaristo trabalhando no gabinete do hospital

Ainda nesse período, a Fundação Universitária de Blumenau foi transferida para a nova sede à rua Antônio da Veiga, onde se localiza atualmente. Nessa fase já possuía o nome de Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Tinha na administração o reitor Martinho Cardoso da Veiga e o reitor administrativo Milton Pompeu da Costa Ribeiro.

O Hospital Santo Antônio pertencia ao município de Blumenau e foi doado à universidade para implantação do curso de Medicina, com o nome de 'Fundação Hospitalar de Blumenau'. Na época, o médico Affonso Balsini atuava na diretoria, o corpo clínico era composto pelos demais médicos, mas a administração pertencia à Congregação Religiosa Irmãs Franciscanas de São José. Com a incorporação da FURB ao hospital houve cancelamento do que era mantido com a Congregação e as freiras passaram a ser empregadas, todas com carteira assinada.

A chefe de pessoal anterior a Evaristo era Bernadete Depin. Assim que ele chegou permaneceu por alguns dias com ela até entender bem como o setor funcionava.

Naquele período, o hospital tinha cerca de 160 empregados. Na administração havia a Superiora, Madre Crescência, e mais doze Irmãs distribuídas em setores estratégicos, todas como chefes de cada setor: secretaria, lavanderia, cozinha, farmácia, capela, enfermagem e limpeza. Os demais empregados eram subordinados às Irmãs.

No início da transição da FURB para o Hospital Santo Antônio houve alguns problemas a serem enfrentados. Quando os funcionários da universidade chegaram com a ordem para administrar o hospital tiveram atritos com as freiras, porque eram elas que mandavam no Santo Antônio. Mas, num determinado momento, elas cederam e decidiram ser subordinadas ao administrador, professor Antônio Moacir Pereira, pois perceberam que eles estavam lá para realizar melhorias. O professor Antônio Moacir Pereira tinha muito jogo de cintura, sempre negociava com a Madre Superiora para não entrar em atrito. Se fosse preciso chamar atenção de algum funcionário, falava com ela primeiro e pedia para que ela conversasse com a pessoa.

Já Evaristo, algumas vezes não conseguia evitar o atrito. Ele lembra, quando

a Madre chegou pedindo que demitisse uma funcionária por justa causa. Questionou a ela o motivo da demissão. No início a Madre se recusou a dizer, mas depois contou ter visto a funcionária chegando de carona com um viajante, como eram chamados os representantes de remédios na época. Não era a primeira vez que a Madre via a funcionária chegar de carona e como havia as moças do curso de enfermagem no hospital, ela se preocupou que o fato servisse como mau exemplo. Ele então teve que explicar à Madre que demitiria a funcionária, mas que aquilo não era justa causa, pois o motivo não estava no mau serviço.

O hospital funcionava no mesmo local onde está atualmente, possuía dois andares e a entrada principal era na parte central do edifício. As instalações estavam divididas em: portaria e recepção, secretaria, setor de contas médicas, contabilidade, administração, setor de pessoal, farmácia, laboratório clínico - que apesar de funcionar dentro do hospital, pertencia ao Dr. Júlio César da Luz -, pronto socorro, necrotério, lavanderia, sala de costura, cozinha, refeitório, capela, caldeira movida a lenha, maternidade, e mais quatro alas de internamentos além de consultórios médicos.

Os consultórios médicos na época pertenciam aos doutores: Ivo Olinger, clínico geral; Anna Cechet, ginecologista; Clotar Schroeter, obstetra e ginecologista; Lourival Hari Hubner Saade, clínico geral

e cirurgião; Agobar Fagundes, cirurgião; Hega Mathias Mayer, neurologista; José Garcia, otorrinolaringologista. Havia ainda os pediatras Maurici Nascimento, Conrado Balsini, Caetano de Figueiredo, entre outros. O Hospital Infantil, no outro lado da rua, ainda era só um projeto para o futuro.

No segundo piso, o hospital possuía uma clausura, o que sempre chamou a atenção de Evaristo. O local servia de residência para as Irmãs e alojamento para as empregadas internas e para as alunas da Escola de Auxiliar de Enfermagem. Todas as freiras moravam lá e a escola funcionava como um internato.

Anos mais tarde, quando Evaristo era presidente do Sindicato dos Empregados em Hospitais de Blumenau, alguns auxiliares de enfermagem formados no curso do Hospital Santo Antônio o procuravam para conseguir a aposentadoria. Com 25 anos de serviço já era possível se aposentar, então, quando faziam 23 anos queriam saber como juntar os dois anos de curso para antecipá-la. Mas, como eles estavam lá como alunos e não empregados e não tinham registro, não era considerado.

Nos anos 70 um polêmico caso ocorreu no Hospital Santo Antônio. Na função de chefe de pessoal cabia a Evaristo contratar e demitir empregados, sempre autorizado

pelo administrador e pela Madre Superiora do hospital. Certa vez foi solicitado que demitisse uma funcionária da recepção. Preparou então o aviso prévio, chamou a moça a sua sala, informou o que estava acontecendo e pediu para ela assinar o aviso, que dentro de 30 dias seria demitida. Estava tudo acertado, mas quando se preparava para encerrar o expediente, entrou em sua sala um médico pedindo satisfação sobre o que estava ocorrendo com a moça. “Informei que havia recebido instruções para preparar a demissão e que as ordens seriam da direção do hospital, ele exibindo um revólver, disse que iria me matar se eu não revertesse aquela situação. Levei o fato aos meus superiores que tomaram as providências cabíveis. Não me preocupei com o ocorrido, porque conhecia o médico e o tinha como uma pessoa normal, porém alguns meses depois o homem brigou com a família e trancou-se em casa com os dois filhos, enquanto a esposa estava em outro local. Ele exigia a presença da mulher em casa, dizendo que pretendia matar toda a família. A polícia foi chamada e não deixou a mulher entrar, ele não vendo outra solução matou os dois filhos e suicidou-se em seguida”, relata.

Somente após este fato é que Evaristo se deu conta do perigo que havia corrido meses antes. “Era um médico conceituado, mas eu o conhecia apenas do hospital. Em 1969 eu e minha esposa inclusive havíamos feito uma viagem com o médico para a Serra Gaúcha e Porto Alegre junto com as

alunas do curso de Auxiliar de Enfermagem e algumas Irmãs do hospital”.

Outro fato marcante que atrelou a vida dele ao Hospital Santo Antônio foram as constantes internações da mãe, por crises de asma, durante mais de 15 anos. Eram 15 dias em casa e uma semana no hospital, até que no dia 31 de maio de 1980, quando o táxi que a trazia mais uma vez ao hospital chegou tarde. “Ela, finalmente, descansou, segundo as palavras das Irmãs e das enfermeiras que sempre a atendiam”. Dr. Maurici Nascimento tentou curar a mãe de Evaristo da asma. Apesar de pediatra ele fez esta especialização, pois a mãe do próprio médico morreu por complicações decorrentes da doença. “Ele fez de tudo, mas não conseguiu salvá-la”.

No mesmo ano em que começou a trabalhar na FURB, em 07 de dezembro, Evaristo casou com Maria da Graça Alves. E em 1971 nasceu a única filha do casal, Kátia Regina Evaristo, em parto realizado no Hospital Santo Antônio, pelo médico Clotar Egon Schroeter. A filha dele apresentou quadro de asma na infância. O pediatra da menina também era Dr. Maurici que, ao perceber a doença herdada disse a Evaristo: “o que não fiz por sua mãe e pela minha farei por sua filha que ainda é pequena”. E o médico conseguiu curá-la.

Evaristo está aposentado há 13 anos

do Hospital Santo Antônio. Houve , porém, um período em que pediu afastamento da instituição para lutar pela categoria dos trabalhadores da saúde. Em maio de 1972 foi assinado documento que o afastava da função de chefe de pessoal, para que pudesse se dedicar ao Sindicato dos Enfermeiros e Empregados em Hospitais e Casas de Saúde de Blumenau.

A decisão de defender os trabalhadores da saúde nasceu, ao perceber que as dificuldades surgiam, cada vez, que um empregado que trabalhasse mais de um ano no Santo Antônio era demitido. Nesses casos, Evaristo tinha que levar a demissão para ser homologada no sindicato da categoria. Como não havia nenhum sindicato do setor de saúde, os documentos eram levados até o Sindicato dos Comerciários. Certa vez eles disseram que não iriam mais fazer as homologações.

Havia aproximadamente 600 funcionários da saúde em Blumenau, naquela época, então ele teve a ideia de criar um sindicato para representar a classe e homologar as rescisões. Assim que foi criado o sindicato e ele foi eleito presidente começaram os problemas, porque como funcionário do hospital demitia e como presidente do sindicato homologava. Foi então que surgiu a ideia do pedido de licença ao Dr. Affonso Balsini.



ILMO. SR. Dr. Affonso Balsini
MD, Diretor da Fundação Hospitalar de Blumenau

O abaixo assinado, funcionário dessa Fundação Hospitalar, e também Presidente do Sindicato das Enfermeiras e Empregadas em Hospitais e Casas de Saúde de Blumenau, com sede a Rua .. Mal. Floriano Peixoto, 413, nesta cidade, sentindo no momento a necessidade de prestar assistência em sua sede social diariamente no período da manhã, vem mui gentilmente solicitar a V. Sa. se / digno conceder sua dispensa nesse horário, permanecendo no entanto no desempenho de suas funções no expediente da tarde.

Nestes Termos
Fede Deferimento
Blumenau, 07 de Abril de 1972.
Gercino Evaristo
Gercino Evaristo

Deferimento: - Considerando o exposto no Art. 543 parágrafo 3º da Consolidação das Leis do Trabalho, que dispõe sobre licença de dirigente sindical sem remuneração, esta Fundação resolveu conceder - la em tempo integral, sem remuneração e por prazo indeterminado , em vigência a partir do dia 20 de Maio de 1972.

Blumenau, 08 de Maio de 1972.

Dr. Affonso Balsini

Documento em que Evaristo solicita dispensa ao Hospital Santo Antônio para atuar no Sindicato

Optou pelo sindicato ao hospital por ser contra injustiças. E no sindicato teria possibilidade de corrigi-las. Quando em 1971 se propôs a criar o sindicato, foi porque em todo país os profissionais estavam desamparados. Ele ficou no cargo até 1978. Nessa época as viagens eram constantes. A mulher e a filha o acompanhavam por todo Brasil.

Para criar o sindicato ele foi a Florianópolis pegar o modelo do estatuto, foi assim que descobriu a existência de uma federação no Rio de Janeiro. Em 1972, foi o segundo secretário na Federação Nacional do Rio de Janeiro e, posteriormente, foi chamado para ser diretor da Confederação, em Brasília. Ele ainda se orgulha por ter

participado da fundação do Grupo Saúde, que está no artigo 570 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). "Mudamos a Lei que dispõe sobre o quadro de atividades e profissões", exalta.



Gercino Evaristo, esposa Maria da Graça e filha Kátia em viagem.

Nos meses de fevereiro a abril de 1974, Gercino Evaristo acompanhou um grupo de 18 sindicalistas chilenos em exílio, após o golpe militar ocorrido no Chile, aos Estados Unidos, por convite do Departamento de Estado Americano, para participar de um curso de 'Princípios Democráticos do Sindicalismo'.

Entre 1975 e 1983, montou uma unidade assistencial sindical que unia cinco sindicatos

de categorias diferentes em uma sala. E, em 83, foi comprada uma casa, na Alameda Rio Branco, onde até hoje está instalada a sede do Sindicato dos Enfermeiros e Empregados em Hospitais e Casas de Saúde de Blumenau que, atualmente, se chama Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Blumenau.

De 1979 e 1990 Evaristo foi presidente da Federação Estadual dos Empregados em Hospitais de Santa Catarina, com sede em Florianópolis. Também de 1979 a 1992 foi Ministro Classista Suplente, no Tribunal Superior do Trabalho, em Brasília. E a partir de maio de 1992 a 1995 exerceu a função de Juiz Classista na primeira Junta de Conciliação e Julgamento de Blumenau.

Em maio de 1995, retornou para o Hospital Santo Antônio, pois não foi reconduzido ao cargo no Ministério. Foi necessário fazer uma carta de apresentação, contando quem era, onde esteve e porque queria voltar. Passaram-se 23 anos e as pessoas que trabalhavam lá já eram outras. Foi então recontratado, mas ficou à disposição do sindicato, onde era encarregado de homologar rescisões de contratos de trabalho de toda região.

Em julho de 1996, foi chamado pela juíza Júlia Mercedes Curi Figueiredo para retornar ao Ministério. Atuou, então, como Ministro Classista no Tribunal Superior

do Trabalho, nomeado pelo presidente da república José Sarney, sempre representado os trabalhadores. Em 25 de fevereiro de 1997, aposentou-se, após 35 anos de trabalho.

ILMO. SR.
PAULO DE LA PERA
M.D. DIRETOR DA FUNDAÇÃO HOSPITALAR DE BLUMENAU
NESTA

Senhor Diretor,

Na qualidade de funcionário dessa Fundação Hospitalar desde 01 de Julho de 1968, venho a presença de V.Sa. prestar satisfação de minha situação funcional dos últimos 23 anos em que permaneci afastado / das minhas atribuições de Chefe de Pessoal, função que exercia em 20 de maio de 1972, quando me foi concedida licença para exercer o cargo de Presidente do Sindicato dos Enfermeiros de Blumenau, em conformidade com o / art. 543, parágrafo 2º da Consolidação das Leis do Trabalho.

Devo informar que nos últimos 23 anos exerci as seguintes funções: de maio de 1972 à dezembro de 1979 Presidente do Sindicato dos Enfermeiros de Blumenau; a partir de janeiro de 1980 até dezembro de 1990 Presidente da Federação Estadual de Empregados em Saúde, com sede em Florianópolis. No triênio maio de 1979 a maio de 1992 fui Ministro Classista Suplente, no Tribunal Superior do Trabalho, em Brasília e a partir de 2 / de Maio de 1992 à 01 de Maio de 1995 exerci a função de Juiz Classista / Representante dos Empregados na 1ª Junta de Conciliação e Julgamento de Blumenau, conforme atos de nomeação, anexos.

Agora, com o término do mandato de Juiz Classista, devo me apresentar para assumir as minhas funções nessa Fundação da qual estive / licenciado nos últimos 23 anos, e o faço neste momento, me colocando a disposição de V.Sa., lembrando que continuo fazendo parte da Diretoria do Sindicato e da Federação Estadual, porém não mais como Presidente.

Respeitosamente,
02/05/95
Gercino Evaristo

Documento em que Evaristo explica sua situação funcional nos últimos 23 anos para poder voltar a atuar no HSA



Gercino Evaristo e Osnildo Gesser Muller, funcionários em comemoração do hospital.

Capítulo 7



*Hospital Santo Antônio
torna-se fundação
Hospitalar de Blumenau*



Maternidade

Em 1971, o Hospital Santo Antônio, a Escola de Auxiliar de Enfermagem e o Hospital Infantil foram desligados da Universidade Regional de Blumenau (Furb).

As obras do Hospital Infantil do Santo Antônio haviam sido concluídas em 1970. A capacidade de 80 leitos foi distribuída em 12 enfermarias, 20 quartos, Pronto Socorro Infantil e Consultórios Pediátricos.

O desligamento da FURB ocorreu devido à criação da Fundação Hospitalar de Blumenau, pela Lei Municipal nº 1.761, de 18 de junho, de 1971. Entidade de direito público, a Fundação foi dirigida por um Conselho Curador, nomeado pelo prefeito Evelásio Vieira.

Os membros do Conselho Curador do hospital, nomeados para o prazo de dois anos, foram os seguintes: Sérgio Vicente Schaefer, representando o poder Executivo; Alfonso dos Santos Theiss, representando o poder Legislativo; professor Orlando Ferreira de Mello, representando a Associação Comercial e Industrial; professor Milton Pompeu da Costa Ribeiro, representando a Fundação Universidade Regional; Afonso Rabe, representando a Associação Catarinense de Medicina Seção Regional

de Blumenau; Irmã Maria Crescência, representando a comunidade religiosa; Irmã Fidelis, representando Escola de Auxiliar de Enfermagem anexa ao Hospital Santo Antônio; Lourival Hari Hubner Saade e Maurici Nascimento; representando o corpo clínico do Hospital Santo Antônio.

Para se adequar às necessidades, a Fundação sofreu reestruturações ao longo dos anos e passou de entidade com personalidade jurídica de direito público para direito privado. A Lei que transforma a Fundação em entidade assistencial de direito privado é a nº 2.056, de 10 de dezembro de 1974, que “Reestrutura a Fundação Hospitalar de Blumenau e revoga a Lei nº 1.761, de 18 de junho, de 1971, e o decreto nº113 de 24 de agosto de 1971”. Com isso todos seus colaboradores passaram a ser contratados pela Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, não sendo mais funcionários públicos.

A Fundação Hospitalar de Blumenau foi declarada de Utilidade Pública Municipal, Estadual e Federal, conforme as respectivas Leis: nº 1812, de 09 de dezembro de 1971; nº 6345 de 11 de julho, de 1984 e nº 94364 de 22 de maio de 1987.



Conselho Curador do Hospital Santo Antônio – homenagem à Irmã Matilde – junho de 1977

Durante as décadas de 1970 a 1972, Felix Theiss foi Secretário de Finanças na gestão do prefeito Evelásio Vieira. Desde aquele tempo o Hospital Santo Antônio já passava por crises. Havia uma crise horrível de caixa, funcionários não pagos, pontualmente, e era impossível comprar o essencial.

Naquela época não era possível ter todos os recursos necessários para sustentar um hospital que atendia toda classe menos favorecida financeiramente, não apenas de Blumenau.

Ainda hoje o Santo Antônio atende toda a região. Mas, atualmente, existem

as cooperativas médicas e o hospital não depende apenas de dotações orçamentárias. Hoje quase 30% das receitas do Santo Antônio já são via essas cooperativas.

De 1973 a 1976, Felix Theiss foi prefeito de Blumenau e a situação do hospital não havia mudado, desde quando era Secretário de Finanças. Logo no início do mandato, na Prefeitura, recebeu uma ligação da fornecedora de leite do Santo Antônio, a Cia. Jensen, que se localizava na Itoupava Central, ameaçando o corte no abastecimento por falta de pagamento. A dívida foi sanada e evitou-se o corte no fornecimento de leite.

Alguns meses depois, outro telefonema com a mesma ameaça. Desta vez do

Matadouro e Açougue Poerner, responsável pelo abastecimento de carne ao hospital. O problema também foi resolvido, mas Theiss aponta ser esta uma forte lembrança do começo da gestão relacionada ao Hospital Santo Antônio.

Houve um período muito ruim, mas que foi reestruturado. O então prefeito lançou um edital, procurando um gerente administrativo financeiro para o hospital. Queria tirar a administração da mão de médicos e de administradores que não estavam bem preparados.

Nesta época, foi contratado Marcos Wippel, administrador que trabalhava num hospital de Joinville. Ele precisou apenas de alguns meses para colocar o hospital em dia e a partir daí o Santo Antônio começou uma “vida nova”. “Em todos os anais da história do Santo Antônio, pode-se notar que no período de 73 a 76 ele foi saneado financeiramente”, conta Theiss.

Ainda a Escola de Auxiliar de Enfermagem do Hospital Santo Antônio existente na época era muito honrada no município. Havia uma dotação orçamentária específica para a Escola.

Marcos Wippel foi diretamente responsável pela recuperação do hospital. No início o administrador não fora bem recebido por quem já estava no Santo Antônio, por querer organizar a instituição e fazer mudanças, encontrou resistências.

Foi Marcos Wippel quem introduziu a mentalidade de que os consultórios dos médicos não poderiam ocupar vagas de novos quartos dentro do hospital, que deveria funcionar como um hotel aos pacientes.

Além das dificuldades financeiras enfrentadas, havia problemas em formar equipe para trabalhar na instituição, pois naquela época havia também a instalação de diversas novas fábricas no município. Os maiores concorrentes da mão de obra eram as indústrias. Manter o quadro de funcionários, não ter rotatividade alta, era um drama.

Estava entre os obstáculos encontrados por Wippel a substituição do quadro de colaboradores por pessoas com mais qualificação, principalmente pela fama que o hospital possuía de atrasar os pagamentos.

Após a gestão de Theiss, como prefeito, Marcos Wippel permaneceu ainda por um período na administração do hospital, mas depois a deixou. A partir daí Theiss analisa que o Santo Antônio teve momentos de “altos e baixos”, principalmente por motivos de injunções políticas.

Para ele o crescimento do Hospital Santo Antônio se deve a série de melhorias realizadas com a conclusão da obra de reestruturação, ocorrida em 2007.

Ele observa que em época de eleições as maiores promessas são realizadas na área da saúde. E avalia as discussões sobre se a

cidade comporta, ou não, mais um hospital. Acredita que sim, mas ressalta que a maior preocupação deve estar em mantê-lo. “Está na hora de haver um empenho diferente em relação aos hospitais, se o SUS não paga é preciso fazer tabelas mais justas para os hospitais não morrerem. Blumenau precisa muito do Hospital Santo Antônio. A área da saúde ainda é carente”.

Um laço afetivo com o hospital

A mãe de Felix Theiss tinha no Hospital Santo Antônio uma segunda casa. “Somos de uma família de dez filhos legítimos e ela adotou trigêmeos no Santo Antônio que são meus irmãos”. A freira, Irmã Fidelis, ligou para sua mãe e disse a seguinte frase: “Dona Hilda, quem tem dez pode ter treze. Há três anos esperando por ti aqui”. Hilda então conversou com o marido e Felix Theiss ganhou mais três irmãos.

Tempos depois, também, por meio do Hospital Santo Antônio, os pais adotaram mais duas meninas. “Meus pais com quinze filhos tiveram duas histórias atreladas ao Santo Antônio. E minha mãe tinha um apego muito grande às Irmãs”, descreve.

Ele acredita também, que pelo menos seis de seus irmãos de sangue tenham nascido no HSA, que já naquela época era referência em maternidade. Além da maternidade, o Santo Antônio é referência hoje em ortopedia, oncologia e cirurgia

bariátrica.

Felix Theiss, atualmente, possui uma empresa de consultoria empresarial e está envolvido com o Hospital Santo Antônio na prestação de um serviço voluntário de desenvolvimento de lideranças, que iniciou em 2009 e tem continuidade em 2010.

Há alguns anos, Theiss, também, foi paciente do Hospital Santo Antônio. Passou por uma cirurgia e elogia o médico Lorival Hari Hubner Saade. Ainda exalta a gestão administrativa que o médico fez na diretoria do Santo Antônio por um período, por ter conseguido aliar corpo clínico e corpo funcional.

Theiss destaca ainda o padrão de qualidade que o Hospital Santo Antônio tem a oferecer aos pacientes que o procuram. “O hospital está com outra característica, está com um conceito muito alto e possui um processo de gestão moderno”, relata.

“Uma grande experiência profissional”

Em 1973, Marcos Wippel foi contratado para ocupar o cargo de diretor Administrativo do Hospital Santo Antônio. Antes de iniciar as atividades, no Santo Antônio, ele exercia o cargo de diretor no Hospital Municipal São José, em Joinville.

Ele foi contratado pelo prefeito da época, Felix Theiss, com a finalidade de reestruturar o Santo Antônio. Wippel então

se mudou para Blumenau com a família.

Encontrou sérios problemas na instituição, como grandes dificuldades financeiras. O repasse efetuado pela Previdência Social era muito baixo.

As primeiras medidas tomadas, para promover melhorias no hospital e para que as dificuldades financeiras fossem superadas, foi organizar o setor administrativo. Para isso foi necessário o remanejamento do pessoal do administrativo.

Na época em que administrou o Santo Antônio foi instalada uma mini UTI e colocadas rampas para o andar superior. Antes da edificação das rampas, os pacientes eram transportados pelas escadas. Ainda o Setor da Maternidade foi reformado e foram realizadas algumas outras melhorias na ala

Infantil.

Wippel recebeu apoio do Conselho da Fundação Hospitalar de Blumenau, em especial de Alfredo Iten, que a presidia na época. Iten, também, foi diretor gerente da empresa industrial Garcia e da empresa Cremer, em Blumenau, e vice-prefeito da cidade no governo de Felix Theiss. As freiras também prestaram importante auxílio na época.

Ele deixou o Santo Antônio em 1983, quando retornou a Joinville para administrar novamente o Hospital São José, a convite do Prefeito Witth Freitag. Wippel afirma guardar os dez anos em que atuou no Hospital Santo Antônio como “uma grande experiência profissional”.

Capítulo 8



*A história por quem
iniciou a atuação
no Santo Antônio na
década de 70*



Lavanderia

Na década de 70 outros funcionários e médicos estiveram presentes na construção da trajetória do Hospital Santo Antônio. E por meio da história e da visão deles é possível conhecer um pouco mais sobre a instituição.

Entre a Secretaria Municipal de Saúde e o Hospital Santo Antônio

O médico especialista em pediatria e saúde coletiva Sérgio Schaefer estava em Brasília, no ano de 1969, quando recebeu convite de políticos Blumenauenses para tornar-se Secretário Municipal de Saúde.

Apesar de ser natural de Brusque, Dr. Sérgio foi para Brasília atuar como assessor de saúde pública na Secretaria de Saúde.

Uma das exigências para que viesse a cidade era permanecer clinicando. Então, em 1970, quando Blumenau passou a ser governada por Evelásio Vieira, Dr. Sérgio assumiu a Secretaria de Saúde e, também, começou a atuar no Hospital Santo Antônio.

Quando o médico veio para o município, recorda que o Hospital Infantil estava em construção. Juntou-se ao também pediatra Affonso Balsini e responsabilizou-se por auxiliar na idealização da obra, dando ideias para a divisão dos setores.

A intenção de Dr. Affonso Balsini e da ginecologista Dra. Anna Cechet era transformar todo prédio em um hospital universitário. Esta ideia também foi encampada por ele, mas não deu certo.

Após a inauguração do Hospital Infantil ele abriu consultório no Santo Antônio. Os pediatras atendiam no primeiro pavimento e no segundo eram feitas as internações. Havia ainda outros setores com serviços de apoio.

Devido à cisão ocorrida entre os médicos que lá atuavam, nesta época, Dr. Sérgio ficou no Hospital Santo Antônio por pouco tempo, aproximadamente cinco anos. Depois outros rumos foram tomados, com a desativação gradual do Hospital Infantil.

Passou então a atender no Hospital Santa Isabel, mas, após alguns anos abriu uma clínica particular. Gostava muito de neuropediatria e fez um curso para atuar nessa área.

Nos anos 90 também começou a ministrar aulas no curso de medicina na Universidade Regional de Blumenau (FURB). Já está aposentado, mas atua como voluntário no ambulatório da universidade.

Dr. Sérgio não passava muitas horas dentro do Santo Antônio, pois os serviços da Secretaria de Saúde o absorviam quase completamente. Envolveu-se mais com o término da construção do Hospital Infantil e a organização de sua estrutura.

A comunidade mais carente sempre procurava o HSA, e o hospital foi o esteio dessa população. Naquela época era diferente por causa dos Institutos: INPS, Inaps. Cada categoria de trabalhador possuía

um “Instituto” e quem pagava tinha direito à assistência. Em 1988, o Sistema Único de Saúde (SUS) universalizou os atendimentos.

Atuação na Secretaria

Como Secretário de Saúde, Dr. Sérgio Schaefer atuou em favor da comunidade. Criou os Centros Sociais que se transformaram em creches e pequenos consultórios médicos. “Foi o começo dos Postinhos de Saúde”, descreve.

Quando chegou a Blumenau, havia alguns ambientes em bairros da cidade de assistência social, chamados Diretoria de Assistência Social. E aproveitou para colocar nesses ambientes a assistência médica. Assim, iniciaram os Centros Sociais que, aos poucos, tiveram o número ampliado. Em cada bairro havia um Centro Social que prestava assistência social e médica.

Foi importante ter estendido para os bairros a atenção primária à saúde da população, onde também funcionavam creches. Os médicos tinham dupla função, pois atendiam as crianças da creche e a comunidade. No início era um pediatra, depois passou a ser um clínico geral. Ainda dentro da Secretaria Municipal de Saúde teve oportunidade de desenvolver, também, a área de promoção social.

Em 1983, depois de 13 anos, Dr. Sérgio se afastou da pasta. Além do mandato de Evelásio Vieira, foi Secretário de Saúde no

governo de Felix Theiss, Renato Vianna e metade da administração de Dalto dos Reis.

A cozinha do Hospital Santo Antônio

Por 30 anos Alaíde Spengler atuou como cozinheira do Hospital Santo Antônio. Todos os dias, partia do município de Gaspar, onde mora, para trabalhar em Blumenau.

O turno no hospital era das sete horas da manhã às quatro horas da tarde, durante a semana, mais dois domingos e dois sábados por mês. Constantemente, havia necessidade de fazer hora extra. Várias vezes as freiras mandavam a ambulância buscá-la em casa, porque não havia quem cozinhasse.

As funcionárias da cozinha almoçavam ao meio-dia, depois de já terem servido todos os pacientes. Às 10 horas tudo tinha que estar pronto, o almoço no hospital começava a ser servido às 11 horas.

Em 1972, quando começou, cozinhou para cerca de 200 pacientes diariamente e para os colaboradores do hospital. Com o tempo o número aumentou, mas Alaíde diz nunca ter encontrado dificuldade em controlar as quantias necessárias, inclusive quando havia crises e era preciso economizar.

Num dia preparava carne de gado, no outro frango, no outro peixe, nunca havia repetição. E a sobremesa era servida todos os dias. Apesar de haver dificuldade nunca

faltou comida. Em algumas ocasiões, não havia carne para servir aos funcionários da instituição. Então fazia ovo, molho com batatinha. O hospital não tinha condições de gastar tanto, mas os funcionários acabavam gostando. Sempre havia fartura de verduras e uma sobremesa.

Quando Alaíde começou a trabalhar no Santo Antônio, o boi vinha pela metade e era preciso entrar no frigorífico para cortá-lo. Separava as partes da carne para bife, para assar, osso para sopa; havia muita economia. Aprendeu muito com as freiras, apesar de já ser cozinheira quando entrou no hospital. Antes de cozinhar para o Santo Antônio, Alaíde trabalhou no restaurante de uma empresa. Outro aprendizado que deve às Irmãs foi a utilização das panelas grandes de pressão.

Era Alaíde quem fazia as compras de alimentos do hospital que, dependendo das condições financeiras, eram realizadas mensal ou semanalmente. As compras eram realizadas conforme entrava o dinheiro.

As verduras eram colhidas frescas na horta mantida pelas freiras num terreno do hospital. A plantação não sobreviveu às enchentes de 1983 e 1984. Depois, as verduras passaram a ser compradas toda segunda-feira pela manhã, uma Kombi vinha trazê-las de um sítio.

A preocupação em fazer economia era constante. Alaíde fazia as compras, onde era mais barato. Quando havia comemorações

com os funcionários do hospital era ela quem preparava os doces e salgados. Isso também ajudava a economizar. Ela se orgulha dos belos arranjos de frutas elaborados para as festas de final de ano.

Nos anos 80 o HSA contratou uma nutricionista para acompanhar o trabalho na cozinha. A partir da entrada da profissional, houve diversas mudanças, mas a nutricionista também concordou com o que já era feito.

Manter a limpeza da cozinha sempre foi fundamental, assim como acondicionar com cuidado as verduras e legumes. Tudo era corrigido para estar sempre correto e depois que veio a nutricionista melhorou ainda mais. O clima sempre foi de harmonia na cozinha do Hospital Santo Antônio. As funcionárias trabalhavam contentes.

Alaíde não atuava mais, quando o hospital adquiriu o certificado do PAS – Programa Alimentos Seguros. O Hospital Santo Antônio foi a primeira instituição de saúde em Santa Catarina, e a segunda no país, a possuir o PAS. O hospital passou por um processo de reestruturação e adaptação durante todo ano de 2007 e atingiu os 300 itens de conformidade que garantem a segurança na alimentação dos pacientes com excelente pontuação.

O programa propõe para as empresas a implantação de procedimentos adequados de boas práticas e ferramentas gerenciais, que facilitam a organização da estrutura de produção, capacitação dos funcionários,

organização do espaço interno e seleção dos fornecedores. Por atingir toda a cadeia de alimentos, o PAS é composto de uma parceria abrangente que reúne instituições com foco de ação desde o campo até o consumo final do alimento.

Alaíde era a única cozinheira do hospital, mas o setor não ficava sozinho. À noite funcionárias preparavam e serviam os lanches designados por ela. Havia uma lista indicando as necessidades especiais de cada paciente. E informações de quantos eram os pacientes diabéticos, normais, que precisavam de comida sem sal, que estavam com sonda, assim por diante.

Durante a enchente ocorrida em Blumenau, na década de 80, a salvação foi trazida pelos ares. A comida veio através dos helicópteros do exército. Em 1983, as águas carregaram metade da estrutura da cozinha, foi preciso mudar para o outro lado da rua. Mesmo passando por crises e dificuldades, o Hospital Santo Antônio nunca deixou de ajudar a comunidade e nem de atender.

Alaíde já precisou internar-se na instituição mais de uma vez. Além de elogiar o atendimento reconhece que a comida do hospital, também, é boa, mesmo não sendo mais preparada por ela.

Em 2002, ela se aposentou, mas há cinco anos sua filha trabalha na instituição, no Setor da Central de Materiais Esterilizados (CME).

Uma funcionária para todos os setores

No dia 02 de maio de 1972, Luizita dos Santos começou a trabalhar no Hospital Santo Antônio a convite da Dr. Helga Mathias Mayer, única neurologista que havia em Blumenau na época. Antes disso, já tinha atuado no Hospital Santa Catarina e na Maternidade Elizabeth Koehler.



Cozinheira do HSA, Alaíde Spengler, entre as funcionárias do hospital



Cozinheira do HSA, Alaíde Spengler e as funcionárias da cozinha

Trabalhar em hospital era o sonho dela. “Quando minha mãe me deixou, lembro de ter chorado muito, de alegria. E quando você faz algo de que gosta, faz bem feito e com muito amor”.

Quando entrou no Santo Antônio, Luizita foi entrevistada pela Irmã Maria José. As freiras eram bastante rígidas e mantinham a ordem no hospital.

Luizita começou como técnica em eletroencefalografia e atuou por 19 anos com a Dr. Helga. Em 1973 foi para o Rio de Janeiro e fez curso de um mês nessa área. Antes disso, era apenas prática e lá aprendeu a trabalhar com cinco aparelhos diferentes.

Apesar de gostar muito do trabalho, a função entristecia Luizita. Havia muitas crianças com deficiência mental e hidrocefalia. E foi por este motivo que decidiu nunca ter filhos. Tinha muita pena dessas mães, porque elas se dedicavam demais.

Para fazer um eletroencefalograma era preciso colocar 20 fios na cabeça do paciente que deveria estar imóvel e era trabalhoso fazer com que as crianças com deficiência ficassem quietas.



Luizita medicando criança para fazer eletroencefalograma

A agenda era lotada, pois o atendimento era para toda região do Alto Vale, Joinville, Itajaí, entre outros municípios. O único aparelho de eletroencefalograma era aquele, que veio com a FURB para o município.

Quando César Nascimento assumiu a direção administrativa do Santo Antônio, em 1993, Luizita foi convidada para chefiar a higienização do hospital, mas sempre procurava auxiliar em todo setor que necessitasse. Muitas vezes fazia os eletros de manhã, datilografava os laudos ao meio dia e à tarde substituía as telefonistas.

Luizita, também, costumava se envolver na organização das festas comemorativas. Todas as mulheres dos médicos recolhiam fundos para as festas e os funcionários ajudavam, depois os próprios funcionários começaram a organizar os eventos.

No ano da enchente de 1984, o hospital não tinha condições de fazer a festa de Natal. Luizita então percorreu todos os setores motivando os funcionários. Além disso, buscou apoio para conseguir o churrasco, o local para a festa e o transporte para a reunião de final de ano.

Em 1997 se afastou do hospital, retornou no ano de 2001, na função de supervisora de hotelaria do hospital. Um ano mais tarde acumulou a função de higienização e depois de dois anos também assumiu o setor de rouparia, costura e higienização externa, que envolvia o cuidado com os jardins e plantas

do hospital. Antigamente a Irmã Matilde cuidava da Capela e do jardim, que era bonito e grande.



Jardim do Hospital Santo Antônio nos anos 90



Luizita era também responsável pelos cuidados com o jardim do hospital

Foi ainda por dois anos membro da diretoria da Associação da Prefeitura, durante a presidência de Marcos Baron. E faz parte da diretoria do Sindicato dos Servidores de

Saúde, desde setembro de 1993. Foi o ano em que se aposentou por tempo de trabalho, 30 anos.

Em maio de 2010, Luizita fez 38 anos como funcionária da instituição, mas desde abril de 2009 está afastada do Hospital Santo Antônio para tratamento de saúde. Recorda com carinho de quando fez 35 anos de serviço e recebeu uma homenagem.

As dificuldades financeiras

O envolvimento do Santo Antônio com a política do município era inevitável. Os funcionários estavam sempre indo até a Prefeitura fazer pedidos, na gestão de vários prefeitos, também fazendo manifestos na rua XV de Novembro. Todos os atendimentos gratuitos da cidade eram realizados no Hospital Santo Antônio e isso trazia dificuldades financeiras.

Paravam ambulâncias de Itajaí, trazendo pacientes para o Santo Antônio. Na época de temporada, quando havia acidentes de final de ano, quando viam que o paciente era DP (sigla que significa 'Deus Paga'), mandavam para o Pronto Socorro do HSA.

O médico Marco Antônio Wanrowsky, que iniciou fazendo estágio no Hospital Santo Antônio, trabalhava na instituição e em algumas empresas da cidade, por esse motivo conseguia diversos benefícios. Até mesmo ela, quando o hospital precisava

de panos de limpeza, ou tinha outras necessidades, pedia doações.

“As empresas de Blumenau recebiam pedidos de roupa de cama para hotéis, e não sei se não passavam no controle de qualidade, mesmo sendo peças boas, mas eles davam para gente, então cortávamos a parte do carimbo com a logomarca personalizada e aproveitávamos. Tudo era aproveitado”, diz.

Hoje o hospital já tem condições de fazer compras. Na pediatria tem tecidos com desenhos de personagens infantis.

A roupa de cama de um hospital tem pouca vida útil, porque é lavada com produtos químicos fortes, então há sempre a preocupação em renovar a roupa.

Nos últimos tempos a situação melhorou, inclusive em relação ao recebimento dos pagamentos, mas houve uma época em que os funcionários do hospital ficaram até três meses sem receber. Passaram dificuldades também quando uma parte do hospital desbarrancou e a instituição ficou sem funcionar por um tempo.

Muitas vezes os funcionários tinham que pagar o ticket de almoço e comiam “arroz com ovo” para poder dar comida aos pacientes internados. Mas, em diversas ocasiões a comunidade blumenauense ajudou o Santo Antônio.

Durante a diretoria administrativa de Luiz Carlos Fonseca de Mello, foi feita uma

reunião para fechar o hospital. Foi quando a comunidade e a classe política se uniram para levantá-lo novamente. A atuação de Dr. Mello na administração do hospital é elogiada por ela. “Ele era muito consciente”, descreve.

Mesmo com oportunidades para deixar o Hospital Santo Antônio, Luizita diz ter permanecido na instituição por escolha e por amor. Ela reconhece que em todos estes anos aconteceram coisas boas e coisas ruins e reflete: “mas onde não é assim?!”.



Luizita dos Santos e Ivonete, colegas de trabalho, no HSA

“Uma instituição sólida, que só tende a crescer”

“Apesar das dificuldades esta é uma instituição sólida, voltada ao atendimento público que só tende a crescer” - esse é

o pensamento de Osnildo Gesser Muller, funcionário do Hospital Santo Antônio desde 1976.

Hoje ele é gerente de Recursos Humanos do HSA. No setor atuam dez funcionários, mas nem sempre foi assim. Osnildo entrou para trabalhar no Departamento Pessoal, hoje denominado de RH. Na época era o único funcionário do setor.

A estrutura era completamente diferente. As folhas de pagamento eram feitas de forma manual e posteriormente datilografadas. Inclusive os cálculos eram realizados manualmente, pois não havia calculadora. Quando começou, a instituição possuía cerca de 287 funcionários. O setor era precário, mas o avanço da computação deu outro rumo a tudo isso. E agora realmente contempla o que o hospital oferece à comunidade.

Quando ele iniciou, os consultórios dos médicos eram dentro do hospital. Esta prática foi excluída, pois o espaço foi ficando pequeno. Hoje o hospital tem atendimento médico apenas de serviços especializados. Também havia funcionários que moravam na instituição, além das Irmãs Franciscanas de São José.

As dificuldades financeiras no início eram diversas e praticamente todos os recursos vinham da Prefeitura Municipal, pois o Santo Antônio era um hospital que atendia exclusivamente a população sem recursos. Havia uma época em que o

pagamento não era feito em moeda, mas troca de mercadorias por atendimentos.

A evolução da instituição, porém, ocorre “degrau a degrau”. Os anos de 1976, 1977, 1978 são considerados bons por ele, mas depois não foram cumpridas algumas obrigações trabalhistas, com atrasos do pagamento do Fundo de Garantia, entre outras. “Com isso, o hospital teve um déficit cada vez maior e hoje ainda estamos pagando parcelamento da época de 2001/2002 e 1980 a 2000, intercalados, não toda época. Está praticamente no final”.

Outra fase crítica foi quando aconteceram as enchentes de 1983 e 1984. Parte da estrutura do lado do rio foi levada totalmente pelas águas, principalmente em 1983, quando até o almoxarifado central do hospital foi levado por inteiro. A lavanderia, também, foi gravemente afetada e estava sem condições de uso.

Além disso, as cheias obrigaram a desativação de todo o prédio do hospital que ficava ao lado do rio Itajaí Açu, durante aproximadamente seis meses, por temor que algo pior ocorresse. Foi agrupado um serviço de atendimento hospitalar onde era a ala de Pediatria, do outro lado da rua. Depois de adequações e até reformas todo atendimento foi passado para lá. Ninguém mais era atendido, a não ser quem já estava internado no hospital.

Logo após a enchente de 1984 ficou afastado do Santo Antônio pelo período de



um ano. Nesse tempo atuou como dirigente sindical e Juiz Classista. Ainda faz parte da diretoria do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Blumenau, desde 1981.

Nos anos 80 o hospital teve um princípio de incêndio no centro cirúrgico. Como foi localizado pôde ser rapidamente contido e não houve prejuízo com relação a quem estava internado, também, houve pronto atendimento do Corpo de Bombeiros.

Na década de 90, a entrada principal do Santo Antônio foi demolida, para erguer a laje, onde no futuro seria construído o novo hospital. Para isso foram removidos os setores de Pronto Socorro, área de imagem e radiologia, ala de internação denominada “ala São José” e área administrativa.

Osnildo já foi paciente do hospital, quando teve que fazer uma cirurgia de apendicite às pressas. E elogia o atendimento e as estruturas oferecidas pelo Santo Antônio. “O atendimento é humanitário e dentro, do que tem possibilidade de oferecer, é de alto nível”, destaca. Também três dos quatro filhos dele nasceram no hospital. Um deles apenas não nasceu no Hospital Santo Antônio, porque é de 1983 e na época da enchente o hospital estava desativado, então foi obrigado a procurar outra instituição.

Ressalta ainda a estrutura da UTI Pediátrica do HSA, que foi a primeira implantada no interior do Estado. “Sabemos que todos os hospitais querem e precisam

de uma UTI Pediátrica”.

Durante o dia o trabalho é o local onde se passa a maior parte do tempo e é impossível não criar laços fortes de amizade e inclusive afetivos nestes lugares. Hoje há mais rotatividade, mas a lógica de antigamente era permanecer no mesmo emprego por bastante tempo.

Com 34 anos de atuação no Hospital Santo Antônio, a instituição é a segunda casa de Osnildo. “Respiro Fundação Hospitalar de Blumenau, me complementei no hospital e quero continuar por muito tempo. Aprendi muito aqui em todos os sentidos”, afirma.

Na época das máquinas de escrever

Rita Maria Marcolla é superintendente de internação do Hospital Santo Antônio. Ela coordena uma equipe de 38 funcionários dos setores: recepção geral, recepção do Pronto Socorro, recepção do Centro Obstétrico, Internação, Ortopedia e telefonia. Observa ser complicado lidar com o ser humano, resolver conflitos, mas sempre tenta trabalhar em equipe.

Os problemas que aparecem são resolvidos de forma particular, com cada funcionário, por meio do diálogo. Todos os setores pelos quais ela é responsável possuem três turnos e funcionam 24 horas, com exceção da ortopedia.

Inicia a rotina de trabalho às sete horas da manhã, o horário mais movimentado devido

às cirurgias eletivas. Em média ocorrem 20 cirurgias eletivas por dia. Esse horário permite que acompanhe os funcionários do período noturno. Há uma forte parceria no trabalho apesar das dificuldades.

Quando começou a trabalhar na recepção do HSA, no dia 1º de agosto de 1975, tudo era mais tranquilo. Era o tempo em que as freiras comandavam a instituição, a época das máquinas de escrever. Era completamente diferente.

Naquela época os médicos iam para casa e eram chamados, quando necessário. “Hoje os médicos não podem nem piscar”, compara.

Como o espaço da recepção era pequeno, o encaminhamento das guias para autorização dos atendimentos do SUS também era feito por ela. Os setores de contabilidade, faturamento e até a telefonista dividiam a mesma sala. Mas na época também não havia tantos recursos para tratamento dos pacientes como agora. Nem havia tantos profissionais.

Naquele tempo o IML funcionava no hospital, então o legista ficava de sobreaviso à noite, e era chamado para ver todos os pacientes em óbito. Várias vezes ela era encarregada de acompanhá-lo até o necrotério, que ficava numa parte baixa do terreno. Confessa que morria de medo.

Trabalhou durante a enchente, nos anos 80, quando as dificuldades eram imensas.

O hospital estava lotado, sem comida, sem água. Não havia luz nem telefone. Era preciso trabalhar 24 horas por dia, pois quem estava dentro do hospital não tinha como sair. No início da enchente, a empresa Sulfabril prestou auxílio ao Santo Antônio, mas depois também foi tomada pelas águas.

Quando todos os estoques no hospital já tinham acabado, Rita foi junto com outros funcionários até o alto do morro onde está localizado o Restaurante Frohsinn para pedir mantimentos e outros itens que estavam em falta no hospital, aos helicópteros que passavam. Amarraram um pano vermelho num bambu e acenaram para um helicóptero pedindo sangue e comida. E receberam.

Outra lembrança de tragédia que guarda na memória é de um soterramento no distrito do Garcia. Um morro desabou, matando diversas pessoas e os bombeiros traziam os corpos para o hospital.

Apesar de já ter presenciado tantas tristezas, ela gosta do que faz. E ressalta a importância do Hospital Santo Antônio para a comunidade carente.

Rita salienta o quanto o Santo Antônio cresceu em todos estes anos e exalta os títulos recebidos. Também destaca o atendimento prestado a toda região e aos 14 municípios do Médio Vale do Itajaí. Acredita que o hospital esteja vivendo a melhor fase desde que entrou na instituição, em 75.

Quando fez 30 anos de “casa”, Rita

se aposentou, mas sentiu que ainda não era hora de parar. “O que faço é muito gratificante”, declara.

150 anos e função clara no Vale do Itajaí

Em 1976, o cirurgião cardiologista Newton Mota veio do Rio Grande do Sul para Blumenau trabalhar na UTI do Hospital Santa Isabel. E foi por meio do cardiologista Sérgio Coimbra, que atendia no Hospital Santo Antônio, que Dr. Mota passou também a atuar no HSA. Quando precisava de colaboração em casos mais graves que envolvessem cuidados de UTI, que não havia no Santo Antônio, os pacientes eram transferidos para o Santa Isabel, mas um primeiro atendimento era feito no Santo Antônio.

A imagem na época era de que o Hospital Santo Antônio era destinado aos pobres, o Hospital Santa Isabel à comunidade católica e o Hospital Santa Catarina à comunidade luterana, mas, já era feita medicina de qualidade no Santo Antônio como nos outros dois hospitais. O Santo Antônio não deixava nada a desejar. Havia dedicação extrema de todos os médicos, um corpo clínico forte e organizado.

Desde aquela época, o HSA destinava-se a prestar o serviço de Pronto Socorro no município, por ter assumido uma fatia maior dos atendimentos de emergência. O Santo Antônio é extremamente necessário para Blumenau.

O nível de administração realizado no Hospital Santo Antônio é visto com satisfação pelo médico. Os créditos pelo trabalho de recuperação administrativa do Santo Antônio vão para o atual gerente geral do hospital, Siegfried Heinrich Hildebrand.

A atuação do presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Saúde, Ingo Ehlert, que também foi presidente do Conselho Municipal de Saúde e teve atuação bastante forte no Santo Antônio na época da implantação da Central de Ambulâncias também é exaltada. “Ele tem um valor inestimável para o Santo Antônio”.

Foi Dr. Newton Mota, em 1989, quando Secretário de Saúde, quem convidou Ehlert para atuar na centralização do controle das emergências na cidade. Além disso, ambos participaram do treinamento dos soldados do Corpo de Bombeiros para o trabalho de atendimento pré-hospitalar. A Secretaria teve forte participação na consolidação do pré-hospitalar dos bombeiros. Com o tempo, a Central de Ambulâncias limitou-se a remoções e fisioterapia, porque as emergências são atendidas pelo Corpo de Bombeiros e Samu. Mas, a necessidade do Santo Antônio ser o regulador do encaminhamento das emergências é inexorável e é inevitável que no futuro o Santo Antônio tenha este controle.

Em 1988 Dr. Mota parou de atuar no Santo Antônio. Neste período houve a estruturação da UTI pediátrica no HSA e

também da UTI adulta. Nessa época, mais médicos passaram a compor o quadro do hospital e Dr. Mota foi convidado para ser Secretário de Saúde de Blumenau.

Enquanto trabalhou no Hospital Santo Antônio, a dedicação técnica de alguns colegas que atuaram no hospital chamou atenção, porque “vestiam a camisa”.

O vínculo com o Hospital Santo Antônio se estreitou, quando assumiu a Secretaria Municipal de Saúde, no ano de 1989, no governo de Vilson Kleinübing. Ao aceitar o convite, condicionou que entre as ações da pasta estivesse a estruturação do hospital. A primeira missão foi colocar na prática o que já estava no papel, um novo Santo Antônio, porque a parte física dele era o problema. O corpo clínico era irrepreensível, não precisava mudar nada, mas precisava um novo hospital.

Surgiram então dificuldades para executar o que foi planejado. O hospital foi derrubado, o projeto estava pronto e teve continuidade até a laje, mas não foi possível entregar em quatro anos de governo. O mandato como Secretário de Saúde durou até 1992. Ele recorda a sensação de tristeza toda vez que passava pela rua Itajaí e olhava a obra incompleta.

Quando João Paulo Kleinübing, porém, venceu as eleições, no ano de 2005, convidou-o para assumir novamente a pasta, Dr. Mota vislumbrou a possibilidade de concluir o que havia iniciado. Ocupou o

cargo de secretário de novo nos anos de 2005 e 2006.

O que havia sido construído até a laje foi por meio de verba federal e parte estadual. Diversas foram as dificuldades financeiras enfrentadas no primeiro mandato como secretário, hoje o hospital sobrevive por ter verbas públicas consolidadas do Estado e Município, o que não havia naquela época.

Para a continuação da obra, houve um processo licitatório das contas dos servidores da Prefeitura Municipal. Dr. Mota atribui os créditos do processo ao procurador jurídico do município da época, Mércio Felsky. Desta forma, o Santo Antônio foi concluído.

Após a obra finalizada, em 2007, a sensação foi de “missão cumprida”. O Santo Antônio é respeitado e é um hospital de qualidade. As ampliações do hospital deverão continuar, é necessário projetar agora o futuro. “Em matéria de saúde é preferível chegar um ano antes do que um minuto tarde”, avalia Dr. Mota.

Com 150 anos o Santo Antônio já possui função clara no Vale do Itajaí: é o hospital de referência do SUS. E possui talvez a maternidade mais qualificada da região. Em 1992 já estava concluído um Centro Obstétrico bem equipado que se consolidou.

Filhos de familiares dele já estiveram internados no Santo Antônio e os pais ficaram impressionados com a qualidade oferecida pelo hospital. A qualificação do

corpo de plantonistas e a área física tornaram a UTI Infantil e Neonatal do Santo Antônio referência do Estado.

Diversas pessoas de outros municípios procuram a UTI Infantil para internação. A UTI Pediátrica é um orgulho para a cidade. Para implantar a UTI Pediátrica, em 1989, quando o neurocirurgião, Dr. Luiz Carlos Fonseca de Mello, era o diretor administrativo, o hospital contou também com o apoio da Secretaria de Saúde.

Ao avaliar a trajetória do Hospital Santo Antônio, tantos desafios enfrentados, Dr. Newton Mota declara: “fico feliz em ver este ancião com cara nova aos 150 anos”.



As instalações da instituição e alguns funcionários que atuavam na década de 70



Capítulo 9



*Nos anos 80:
Enchente, novas e
importantes mudanças*



Sede nova

Acontecimentos relevantes marcaram a década de 80 para o Hospital Santo Antônio. Uma grande enchente atingiu a cidade de Blumenau e destruiu parte das instalações da instituição, obrigando à desativação do hospital em setembro de 1983.

Os jornais da época noticiaram que, com base em um laudo técnico, apresentado por engenheiros da faculdade de Engenharia da FURB, o prefeito Dalto dos Reis decidiu desativar o Santo Antônio. Com isso, o município ficou sem 220 leitos hospitalares na época. Permaneceram ativos apenas a ala Infantil e um Pronto Socorro.

Situações “assustadoras” vividas durante a enchente

O médico anestesilogista Josemar Batista de Oliveira relata que, em 1983, na grande enchente ocorrida em Blumenau, já era diretor clínico do Santo Antônio e passou por situações assustadoras. Não sabe se hoje faria o que fez naquela época. Recém-casado, conta ter ficado duas semanas sem ir até sua residência, sem nem sequer saber notícias. Na enchente o hospital ficou ilhado, não dava para seguir sentido rua Itajaí nem para o Centro, quem estava lá ficou limitado naquele espaço.

Dr. Josemar assinala ter exercido variadas funções no hospital dentro daquele período: encanador, coveiro, médico obstetra. Trabalhou muito. Como na época havia uma ampla cozinha, o hospital virou local

de refeições para quem morava na região. Começou a faltar alimentos e não havia energia elétrica.

O médico e alguns soldados do Exército foram até o Restaurante Frohsinn, que fica num morro nas proximidades do hospital, buscar alimentação. Desmontaram a janela, ele entrou no Restaurante Frohsinn, tirou toda comida perecível, remontou a janela, deixou um bilhete identificando quem retirou a comida e levou-a para o hospital. Mais tarde o proprietário do restaurante o procurou e lhe agradeceu ter aproveitado os mantimentos, que desta forma não se estragaram no local.

Explica também ter sido “coveiro” durante a enchente de 83, porque quando dois pacientes internados faleceram não havia como tirá-los do hospital para levá-los até o cemitério. Então ele e um soldado cavaram um buraco. Dr. Josemar solicitou à Construtora Hahne, que fica próxima ao Santo Antônio, que fizesse duas caixas de madeira, identificou os pacientes e enterrou-os. Também recolheu um corpo encontrado na beira do rio Itajaí-Açu, sem identificação. Fotografou e enterrou-o no hospital, quando a enchente passou os corpos foram identificados e entregues às famílias.

Com a desativação do Santo Antônio, após a enchente foram organizadas duas passeatas, às cinco horas da tarde, no sentido contrário da rua XV de Novembro,

para chamar atenção. Isso trouxe uma repercussão muito grande na época. E o prefeito Dalto dos Reis, com a pressão não só do corpo clínico, da Associação Médica e da comunidade, abriu o hospital, mas em dimensões reduzidas. O hospital passou a funcionar apenas onde ficava o setor de Pediatria. A ala pediátrica do hospital tornou-se um hospital geral.

Mais tarde se conseguiu, com auxílio do então senador Jaison Barreto, realizar

um enrocamento ao fundo do hospital, que serve para imunizá-lo de desastres causados por enchentes. Enrocamento é um tipo de barragem de terra ou rocha que funciona de modo a reter a água.

Após esses fatos o município cresceu bastante e mesmo com dificuldades o Hospital Santo Antônio está avançando. Hoje é um hospital que pratica procedimentos de alta complexidade, de referência. O hospital



Destruição causada no HSA pela enchente de 1983

ainda está iniciando a formação de médicos residentes na ortopedia e obstetrícia. E isso é motivo de orgulho.

Dr. Josemar é formado pela Universidade de Brasília, fez residência na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e, como declara, “teve o prazer de vir trabalhar em Blumenau”, no Hospital Santo Antônio, dia 1º de fevereiro de 1978.

Foi o terceiro anestesiológista contratado pelo Santo Antônio. “O primeiro foi Celso Hoffmann da Silva e o segundo Edmar Koelbel”. Hoje trabalha no hospital num grupo composto por 17 anestesiológistas e diz que a intenção é completar o quadro com 20 profissionais.

Quando chegou, o HSA era um hospital pequeno, com número limitado de leitos, com procedimentos de pouca complexidade, mas muito humano. E que vem num crescente fantástico, principalmente nos últimos dez anos. O hospital sempre lutou com muita dificuldade, mas avança com o decorrer do tempo.

Sempre houve médicos que “vestiram a camisa do Santo Antônio”. Cita pessoas que lutaram pelo hospital como: “Dr. Osionildes Conte Martinez, Dr. Carlos Seara, Dr. Ronaldo Della Giustina, Dr. Oscar Leitão Filho, Dr. Agobar Fagundes, Dr. Affonso Balsini”.

Dr. Josemar confessa que, diversas vezes, se privou do tempo com a família para atuar pelo hospital, mas recebeu reconhecimento público e a gratidão de vários pacientes por isso. Também ocupou o cargo de diretor técnico do Santo Antônio na década de 90.

Teve participação na obra da estrutura da nova UTI adulta, inaugurada em 2010. Por ter sido presidente da Unimed Blumenau de 2002 a 2006 e vice-presidente de 2006 a 2010, auxiliou na viabilização das verbas para construção “da melhor UTI do Estado de Santa Catarina”.

Também diz estar positivamente surpreso com a Comissão Pró-Construção do Hospital Santo Antônio, por ter a intenção de continuar as melhorias na instituição. Quer ver o sucesso do Santo Antônio.

A medicina mudou muito, quando havia o Hospital Infantil eram internadas em torno de 70 crianças. Mas o número de internações diminuiu desde esta época pelas evoluções como: vacinações em massa, melhora do tratamento de água que chega às residências, noções de higiene transmitidas à população.

A UTI Pediátrica implantada no Hospital Santo Antônio foi um marco por ter sido a primeira do Vale do Itajaí. Acrescentou qualidade ao hospital e a referência no serviço de obstetrícia. Também o setor de

ortopedia tem tido grandes avanços. E ver este avanço satisfaz os profissionais que gostam do hospital.

Mas existem áreas que ainda precisam evoluir. O hospital necessita de especialidades na área clínica, devido à gravidade dos pacientes que atende. Isso é um processo que o hospital tem que buscar. “Para trabalhar no Santo Antônio nas condições que já trabalhei e que trabalho hoje; antes era um voo no escuro, hoje com a aparelhagem que há é um céu de brigadeiro”, considera.

Também avalia a boa estrutura do Pronto Socorro do Santo Antônio, mas lamenta que em todo país este setor seja confundido com Ambulatório Médico, onde as pessoas vêm com doenças crônicas.

Os dois filhos dele nasceram no Santo Antônio. Natural de Goiânia, Dr. Josemar tem amor por Blumenau e principalmente pelo Hospital Santo Antônio, que faz parte da sua vida. “Deixei boa parte de minha juventude neste hospital. Representa muito para mim, se eu não vier aqui todos os dias parece que falta alguma coisa”.

Novas e importantes mudanças no HSA

No ano de 1985 importantes mudanças foram introduzidas no Hospital Santo Antônio; a nova sala para serviço

de eletroencefalografia, a construção e ampliação no prédio de internações para instalação da nova cozinha, quartos dos plantões médicos e UTI.

O número de cirurgias eletivas do Hospital Santo Antônio cresceu em 1986 devido ao acordo firmado entre a administração do hospital, na época de Ingo Fischer, e a equipe de anestesiológicos, autorizando a execução das cirurgias eletivas. Os anestesiológicos daquele tempo eram: Edemar Koelbel, Josemar Batista de Oliveira, Celso Hoffmann da Silva e José Mitsuo Yoshioka.

Em 1988 foram reformadas a ala Ana Néri e lavanderia e iniciaram as obras da ala São Camilo. No mês de agosto do mesmo ano entrou em funcionamento o Centro de Processamento de Dados do Hospital.

Dois fatos importantes marcaram 1989. Neste ano foi realizada uma campanha para angariar fundos para o hospital, com o mote “SOS Santo Antônio”, e foi construída a Central de Ambulância.

O serviço da Central de Ambulância

Em janeiro de 1989, Ingo Ehlert foi convidado pelo então Secretário de Saúde, Dr. Newton Mota, para centralizar os serviços de ambulância na cidade. Naquele momento

iniciava sua ligação com o Hospital Santo Antônio.

Havia uma ambulância no Hospital Santa Isabel, outra no Hospital Santa Catarina, duas ambulâncias no Hospital Santo Antônio, uma no INSS, que era o antigo INAPS, na rua Sete de Setembro, e uma ambulância na Prefeitura. As pessoas iam até a Câmara de Vereadores para solicitar o veículo da Prefeitura, se não havia o da Prefeitura corriam atrás de outra. Dr. Motta criou um sistema para centralizar as ambulâncias em Blumenau e denominou de Central de Ambulâncias.

O órgão foi criado junto ao Hospital Santo Antônio para ficar desvinculado da Prefeitura e das questões políticas, o que gerou bastante polêmica na época. Ehlert foi então contratado pelo hospital para coordenar este serviço de ambulâncias.

A comunidade percebeu o bom atendimento da Central e o órgão acabava sendo solicitado para todas as situações. Como não havia carros para todas as

chamadas havia sempre quem era a favor, que gostava do serviço, e quem era contra, porque não conseguia ser atendido.

Foram épocas difíceis, também, porque a manutenção dos carros era realizada pela Prefeitura, na oficina do Executivo. Ainda surgiram outras dificuldades para manutenção da estrutura da Central de Ambulâncias, que funcionava 24 horas. Mesmo assim a Central foi um dos grandes avanços da cidade.

Naquela mesma época, Dr. Newton Mota conseguiu com que o Corpo de Bombeiros de Blumenau fizesse os primeiros trabalhos de atendimento pré-hospitalar com ambulância. Esse atendimento existe até hoje com muito mais profissionalismo e eficiência. Ehlert ajudou no treinamento dos primeiros soldados e bombeiros. Posteriormente foi criado pelo Governo Federal o Serviço de Atendimento Médico de Urgência (Samu) para transporte de pacientes. “O Samu hoje seria a Central de Ambulâncias de ontem”, aponta.



A Central de Ambulância, onde Ingo Ehler atuava

Na época trabalhavam apenas com motoristas, e o Samu atua com uma equipe completa de profissionais, o que o torna muito melhor. A Central de Ambulância só transportava paciente que, muitas vezes, já precisava de um atendimento de primeiros

socorros, mas não havia estrutura para isso. Mas, foi o início.

O serviço da Central de Ambulância existe até hoje, mas não está mais vinculado ao Hospital Santo Antônio. O órgão funciona agora dentro da Secretaria Municipal da

Saúde. Ehlert guarda as memórias com carinho e sente-se honrado por ter participado da criação desse importante serviço, mesmo tendo, algumas vezes, que sacrificar a vida particular pelo ofício. Trabalhava à noite no hospital Santa Isabel, cuidava do Sindicato e da Central de Ambulância. Foi uma época mais difícil, mas em que pôde fazer algo pela sociedade de Blumenau sem intenção política. Sente-se satisfeito em poder ter feito parte desta história do serviço de ambulância em Blumenau no atendimento pré-hospitalar.

Além de funcionário do Hospital Santo Antônio, Ingo Ehlert é presidente do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Blumenau. Também é funcionário do Hospital Santa Isabel, desde outubro de 1977, mas está licenciado para exercer a função no sindicato. Tem formação de técnico em radiologia e auxiliar de enfermagem.

Houve um período, quando trabalhava na Central de Ambulâncias e já era presidente do Sindicato, em que foi afastado e licenciado do cargo. Permaneceu afastado do HSA até o mês de agosto de 2009, quando o presidente Conselho Curador do Hospital, Álvaro Bruch, convidou-o para assumir a coordenação do Instituto Catarinense de Desenvolvimento da Saúde (ICDS), que é o instituto de educação do Hospital Santo Antônio. Antes do convite Ehlert já havia realizado algumas ações para desenvolver a qualificação dos profissionais de enfermagem. “Na minha concepção nada

passa senão pela educação”, costuma falar.

Nos anos de 1994 a 1997 se envolveu na profissionalização dos atendentes de enfermagem, que eram práticos, para que fossem profissionalizados para auxiliares de enfermagem e, posteriormente, para técnicos de enfermagem. Neste período o Ministério da Saúde fez um trabalho neste sentido, inclusive com aplicação de investimentos financeiros. Foi convidado, junto com um grupo da Universidade Federal de Santa Catarina, para participar da profissionalização dos atendentes em todo Estado e foi subcoordenador deste trabalho, na regional de Blumenau, uma vez que o trabalho foi dividido em várias regionais no Estado. Participou, então, de seminários pedagógicos e se inteirou da educação e qualificação.

Quando o ex-presidente do Conselho Curador do Hospital Santo Antônio, Luís Carlos Schmidt de Carvalho Filho, apresentou o projeto de Lei para implantar o instituto de educação do Hospital Santo Antônio, fez questão de se envolver ativamente nas discussões, em virtude dos conhecimentos conquistados na experiência adquirida na década de 90.

A experiência obtida na profissionalização da enfermagem oportunizou que se tornasse também

conselheiro no Conselho Regional de Enfermagem e abriu portas para o autoconhecimento. Quando participou do treinamento e reciclagem dos enfermeiros do Estadual, para que pudessem ter capacitação para educar e mudar o quadro do atendente para auxiliar de enfermagem. Teve diversos seminários pedagógicos com orientação psicológica de profissionais renomados de todo país. Isso o fez mudar a forma de ser como cidadão, modificou alguns conceitos que tinha e a forma de tratar pessoas. Esses conceitos que aprendeu, fizeram-no ser conselheiro e hoje ser coordenador do instituto.

A mudança da enfermagem em Santa Catarina para a profissionalização, que vem a partir de 1995, alterou também o olhar de sindicalista que Ehlert possui. Reforçou sua luta na defesa dos direitos dos trabalhadores, mas, além disso, o fez ver o cidadão como um todo. Defender o trabalhador, mas ver um cidadão que recebe o atendimento do profissional da enfermagem. Hoje quer trabalhar para que o profissional de

enfermagem não vá ao Sindicato somente exigir direitos, que veja o outro lado da história. Não analisa só os direitos e deveres dos trabalhadores, olha para o contexto da sociedade.

O processo de contribuição para viver numa sociedade melhor acontecerá à medida que todo grupo de empregados for mais profissional e tiver treinamento para possuir a visão de um atendimento mais humanizado. Antigamente não havia pessoas qualificadas e os enfermeiros saíam da faculdade com o objetivo de trabalhar, mas hoje eles têm também um olhar diferente. Além disso, os próprios médicos agora se integram a uma equipe multiprofissional com enfermeiros, nutricionista, fisioterapeuta, fonoaudiólogos, psicólogos. Os cuidados com o paciente e não apenas com um número estão começando a tomar força e a partir do momento em que os profissionais se unirem haverá uma saúde diferente, mas ainda há um longo caminho para percorrer.

Capítulo 10



*Inauguração
das instalações da
U.t.i. pediátrica e outras
conquistas dos anos 90*



Foto de Zenaide

Na década de 90, o Hospital Santo Antônio deu um passo muito importante para a evolução do atendimento à comunidade: inaugurou as instalações da UTI Pediátrica. Um médico que atrelou a vida profissional ao Santo Antônio, participou ativamente da implantação da UTI Pediátrica e de diversos fatos da história da instituição, é o ginecologista e obstetra Marco Antônio Wanrowsky.

Uma vida atrelada ao Hospital Santo Antônio

Foi no Hospital Santo Antônio que o então estagiário de medicina, Marco Antônio Wanrowsky, fez sua primeira sutura. As lembranças do nervosismo ainda estão na memória do experiente ginecologista e obstetra.

Natural de Florianópolis, Dr. Marco Antônio Wanrowsky mora em Blumenau desde 1972. Ele se formou na Universidade Federal de Pelotas, mas durante o período em que era acadêmico, em 1978, foi até o hospital solicitar um estágio voluntário.

Atendia no Pronto Socorro do Hospital, principalmente no período da manhã. Lembra que naquela época a coordenadora do Pronto Socorro era a Irmã Sebalдина, temida por todos. “Naquela época havia as Irmãs e a clausura no hospital. Todos diziam que a Irmã Sebalдина era muito brava, mas comigo sempre foi gente boa”, recorda.

As primeiras cirurgias que realizou

foram como auxiliar do médico Agobar Fagundes, por quem possuía grande admiração e respeito. Quando tinha cirurgia ele o chamava. “Dr. Agobar Fagundes foi uma pessoa ímpar na saúde em Blumenau e um amigo excepcional”. Certa vez foi chamado por Dr. Agobar para uma cirurgia e quando chegou o médico já estava entrando. O estagiário foi então higienizar as mãos. Estava lá fazendo a escovação, fazendo a técnica de 15 minutos, quando foi entrar ele tinha terminado a cirurgia. Isso nunca esqueceu. A experiência e rapidez do médico sempre o impressionaram.

Depois de formado, em 1985, Dr. Marco Antônio fez opção para atuar no Hospital Santo Antônio. Estava servindo o exército em Florianópolis, mas vinha aos finais de semana. Começou a trabalhar definitivamente no Hospital Santo Antônio em 1986 e está até hoje. Orgulha-se por poder dizer que o Santo Antônio é o único hospital do qual faz parte do corpo clínico.

No ano de 1989 em uma das “reuniões do cafezinho”, em que se discutiam os problemas e as possíveis soluções para melhorar o hospital, foi sugerido seu nome para eleição da diretoria clínica e técnica do hospital. Em 1989, tornou-se diretor clínico e técnico do Santo Antônio, sendo o mais novo do corpo clínico. O hospital tinha como administrador Dr. Luiz Carlos Fonseca de Mello. Naquela época foi criado o projeto ‘SOS Santo Antônio’, com o objetivo de

arrumar fundos para construir a UTI Infantil.

Dr. Carlos Augusto Santos Borba, que trabalhava com ele na época, dizia ser muito difícil fazer uma UTI, pois existia somente uma em Florianópolis, no Hospital Joana de Gusmão e uma em Lages. Dr. Marco Antônio respondia saber das dificuldades, mas acreditava que se houvesse o envolvimento de todos poderiam conseguir. Foi feito rifa, pedágio nas sinaleiras, entre outras ações. E em janeiro de 1990, sem dinheiro público, foi inaugurada a primeira UTI Infantil no interior do Estado de Santa Catarina. Além do Dr. Mello e de todo o corpo clínico, o projeto SOS Santo Antônio ainda teve o auxílio dos integrantes do Lions Clube, Rogério Muller e sua esposa, que ajudaram muito nessa importante conquista.

O motivo para a escolha da construção de uma UTI Infantil foi por ser obstetra e na época trabalhava muito com alto risco. O hospital também passava por necessidades, o respirador mais próximo que havia funcionando ficava em Florianópolis. Ali foi o embrião do hospital Amigo da Criança. A UTI Infantil do Santo Antônio nasceu de uma vontade quando todos acharam que era difícil e de fato foi. Então alguns pensavam que por ser um hospital muito carente e só atender o SUS, o Santo Antônio não conseguiria. Mas, ele nunca fez distinção entre “hospital de rico, hospital de pobre”. “Tem hospital que atende bem, tem hospital que atende mal e se depender do nosso pessoal do Santo

Antônio sempre vamos querer atender bem”.

No início dos anos 90 foram feitas passeatas para conseguir recursos da Prefeitura, e mesmo com todas as dificuldades financeiras o Hospital Santo Antônio nunca fez greve. O hospital sempre procurou atender, o que gera orgulho em todo o corpo clínico, enfermeiros, funcionários do administrativo, pessoal de apoio, da limpeza, da cozinha. “Tenho muita honra e prazer por ter convivido intensamente com eles. Essas pessoas construíram o hospital. Meu maior prazer na parte médica é ter visto isto acontecer e na parte política ter participado desta desenvoltura”, declara Dr. Marco Antônio.

A dedicação dos que atuavam era tanta que havia a participação dos funcionários para confecção da roupa de cama do hospital. Quando foi feita a maternidade nova ele também trabalhava na Artex e a empresa doava tecidos, eram retalhos novos. Saía da empresa com sacos de retalhos atrás do carro e levava para a funcionária do hospital, Luizita dos Santos. Então houve uma época em que toda a roupa da maternidade foi feita com doação de tecidos de retalhos da Artex, que eram costurados no próprio hospital.

Vários funcionários iam além da carga horária e faziam serviços voluntários. O diretor clínico e técnico não recebia para a função. Havia uma parceria muito grande. “Eu sempre dizia que a enfermagem é a mão direita do médico, porque a gente opera e

a enfermagem cuida. E, além disso, precisa do apoio: cozinha, limpeza, lavanderia, então não dá para fazer um hospital sozinho. É uma equipe, não há maior ou menor importância. E o Santo Antônio sempre teve essa engrenagem funcionando”.

E foi a partir do momento em que surgiu uma UTI Infantil no hospital mais carente de recursos da cidade que ele começou a se desenvolver cada vez mais. O Santo Antônio, apesar de ser o hospital mais antigo de Blumenau, não cresceu tanto quanto os outros, então era preciso se diferenciar em algo. Ele começou a ter uma vocação materno infantil, chegou até a ter uma ala só infantil, com o Dr. Affonso Balsini. O que precisava era fazer a UTI e transformar o Hospital Santo Antônio em referência em obstetrícia e pediatria.

O trabalho que se iniciou em 1989, com ele na diretoria técnica do hospital, e que contou com o auxílio da administração, todo corpo clínico, funcionários e comunidade, conseguiu fazer história no hospital. A empresa Sulfabril doou respirador infantil, a Albany, a incubadora; tudo por intermédio dos médicos do Santo Antônio, que também atendiam nas fábricas. Além disso, os médicos compraram a bomba de infusão. Os profissionais mais antigos que estão até hoje no Santo Antônio começaram a trabalhar o dia inteiro na UTI, ganhando menos de 50% do que deveriam. A ajuda coletiva das pessoas se transformou no que é hoje a UTI Infantil do Hospital Santo Antônio.

Ainda nesta época ocorreu o início da implantação da UTI para adultos, que começou como uma unidade intermediária. Foram os médicos que a transformaram na UTI consistente que é hoje, porque na época só quem tinha UTI organizada era o Hospital Santa Isabel, a do Santo Antônio surgiu um pouco antes que a do Hospital Santa Catarina, que depois se organizou também.

Outra luta de Marco Antônio Wanrowsky, na diretoria clínica e técnica do hospital, foi pagar os médicos de Pronto Socorro. O Santo Antônio foi o primeiro hospital da região que começou a remunerar, mensalmente, os médicos de Pronto Socorro e organizar o serviço.

Aproximadamente em 1992, outra vitória alcançada foi a presença do pediatra nas salas de parto 24 horas. Ele afirma ter sido o primeiro hospital da região do Vale do Itajaí ligado ao SUS a possuir o benefício. Logo depois da UTI isso foi instituído, o que foi um ganho excepcional. Outra ação enquanto ainda era diretor do hospital foi trazer médicos para atuar dentro das salas de parto.

O hospital também avançou, quando foi adquirido o primeiro aparelho público de vídeo para endoscopia digestiva e posteriormente foi conquistado o aparelho de ultrassom. Todos trabalhavam com o objetivo comum de ver o Santo Antônio evoluir. Sempre tudo que aconteceu foi devido ao trabalho coletivo.

Então a eficiência em relação ao recém

nascido “mudou da água para o vinho”, pois já havia UTI Infantil, Pediatria 24 horas e alguns anos depois foram surgindo outras melhorias. Estas e outras levaram o Hospital Santo Antônio a ser referência em alto risco e Hospital Amigo da Criança. Além de ter obstetras e pediatras de alta qualidade, o Santo Antônio, desde 1990, trabalhou nisso.

A atuação de todas as administrações foram importantes para o crescimento do Santo Antônio. Em 1994 Dr. Marco Antônio se manteve atuando no hospital, mas deixou a direção. A partir deste ano começou a representar a saúde na Câmara de Vereadores.

O médico vereador

Outra maneira pela qual o médico Marco Antônio Wanrowsky participa da história do desenvolvimento do Hospital Santo Antônio é na Câmara Municipal. Candidatou-se para vereador em 1992, quando era diretor do hospital, para representar a área da saúde. Mesmo sem a intenção de ser parlamentar e sem ser filiado a nenhum partido colocou o nome à disposição. Em 1993 foi eleito pelo PSDB e afirma não ter se arrependido. No ano de 2010 está em seu quinto mandato.

Em 1997, Marco Antônio ocupou pela primeira vez a presidência da Câmara de Vereadores de Blumenau e teve oportunidade de auxiliar com recursos o hospital. Nesse ano o dinheiro que sobrou na conta foi usado para a sala de parto do Santo Antônio.

Em 2004, novamente como presidente da Mesa Diretora, foi devolvido ao Executivo o dinheiro economizado pelo Legislativo blumenauense, através de um planejamento financeiro. Os recursos foram utilizados para obras na área de saúde e para o Hospital Santo Antônio. Os primeiros recursos para limpar a laje, refazer os projetos para a ampliação do hospital, foram oriundos das economias do Legislativo nesta época.

A história dele na política está totalmente ligada ao Santo Antônio. “Na área política sempre consegui buscar recursos no Estado, aumentar na Câmara o auxílio repassado. Meu mandato de vereador tem tudo a ver com a saúde pública, senão jamais teria sido candidato”, reflete o médico.

Um hospital em constante crescimento

O Hospital Santo Antônio também levou Dr. Marco Antônio a ser professor do curso de medicina da Universidade Regional de Blumenau. Como era diretor clínico, foi convidado para participar da comissão de implantação do curso de medicina, junto com os diretores dos outros dois hospitais do município. Na época ficou sob a responsabilidade do Santo Antônio a obstetrícia, ginecologia e pediatria.

Mesmo com toda evolução, o Hospital Santo Antônio tem muito ainda a crescer. A instituição tem como conquistas: a parte materno infantil, ortopedia, oncologia e clínico cirúrgica. O Santo Antônio é um hospital que cresce cada vez mais, hoje com residentes

médicos, alunos da FURB, corpo clínico e administração eficientes, além do Conselho Curador.

Cada hospital do município tem um objetivo. “O Santa Isabel está na alta complexidade de transplante, de cardiologia, o Santa Catarina tem outra missão de saúde, é um hospital da comunidade evangélica, privado, e o Santo Antônio ficou na materno infantil, ortopedia e agora oncologia”.

O fundamental no Hospital Santo Antônio ainda é o elo que mantém com a comunidade. O Santo Antônio é considerado o hospital da comunidade e isso é muito importante, nunca pode ser perdido, pois este vínculo é histórico.

O desafio de montar uma UTI Infantil

Na época em que a UTI Pediátrica foi implantada o diretor administrativo do hospital era o médico neurocirurgião Dr. Luiz Carlos Fonseca de Mello. Ele chegou a Blumenau em 1979, convidado pelo colega Dr. Cezar Zillig, para exercer a especialidade em dois hospitais, entre eles o Santo Antônio.

Dr. Mello conta como era o Hospital Santo Antônio, desde que começou a atuar nele, o desafio de montar uma UTI Infantil e o motivo de ter deixado a instituição, no ano 2000.

Nos anos 80 tornou-se diretor clínico do hospital. Foi eleito pelos colegas do corpo clínico e passou a representar os interesses

dos médicos junto à direção administrativa.

Naquela época o hospital quase não possuía pacientes particulares, ou de convênio. O que o hospital tinha era o atendimento dos pacientes de SUS e uma ala toda dedicada ao antigo Funrural, que era o Fundo que dava atendimento às pessoas da área rural. Era esta a clientela do hospital. O Santo Antônio funcionava com Centro Cirúrgico, Pronto Socorro e atendia a camada da população menos favorecida economicamente.

Estava entre os problemas daquele período a falta de dinheiro do hospital para pagar seus compromissos. Essa foi uma das razões que fez Dr. Mello ir, diversas vezes, até ao prefeito Renato Vianna, para buscar recursos. Naquela época ele não tinha uma relação muito amistosa com a administração, porque a administração usava subterfúgios. Era uma batalha constante.

O hospital vivia em escassez financeira e com as contas vencidas. Por consequência disso, o administrador estava em constante dificuldade e um dos meios para se livrar das dívidas era usar o dinheiro dos médicos. Mas Dr. Mello cuidava para que isso não acontecesse. E a instituição vivia na dependência do poder público.

Naquela época ainda funcionava no Santo Antônio o Hospital Infantil, idealizado pelo Dr. Affonso Balsini, que na verdade eram alas de internação de pediatria. Ali havia somente o Raio-X para atender. E no

outro lado da rua, cortado pelo rio Itajaí-Açu, funcionava o restante do hospital: consultórios médicos e centro cirúrgico. O hospital funcionava dividido pela rua. A passarela surgiu somente muito tempo depois.

Na época das enchentes ocorridas em 1983 e 1984, em que parte do hospital desbarrancou, o Secretário de Saúde era Dr. Fernando Vianna achou que politicamente seria bom que o Santo Antônio fosse desativado, para mostrar a carência do hospital e, com isso, deveriam vir recursos. Dentro desta estratégia o hospital foi fechado. Nesta época, Dr. Mello já tinha deixado a direção clínica do hospital, mas permanecia no corpo clínico. Tentava trabalhar do jeito que era possível, mas as dificuldades permaneciam.

Em 1989, no governo do prefeito Vilson Kleinübing, Dr. Mello tornou-se diretor administrativo do hospital, a convite do então Secretário de Saúde, Newton Mota. Aceitou para tentar melhorar a situação dos médicos que estavam descontentes com a administração do hospital na época. E sendo um deles na administração da instituição conseguiu auxiliar, contando também com o apoio do prefeito Vilson Kleinübing e do Secretário de Saúde. As dificuldades existiam, mas ninguém jamais recebeu atrasado.

“Quando nós assumimos o hospital, ele devia para os credores, coisas que remontavam há cinco, seis meses de

atraso de fornecedores de medicamentos, fornecedores de soro e de alimentos. Nós vivíamos numa situação de penúria”, conta. O Hospital Santo Antônio sempre foi dependente da Prefeitura, enquanto atuou na instituição e era preciso ter “estreita afinação” com o poder público para manter o hospital aberto.

Em 1989, o HSA passou por mais uma situação crítica. Não havia esparadrapo, luva, medicações básicas, como plasil. Foi então tomada uma atitude extrema. O Conselho Curador foi comunicado que o hospital seria fechado. Não era possível assumir responsabilidades com a vida dos doentes se não havia capacidade para atendê-los.

A instituição tinha que comprar remédios pelo preço que os fornecedores queriam vender, porque eram maus pagadores. Vendiam para o hospital com altos preços, porque quem vendia sabia que não ia receber tão cedo e era preciso comprar por preços exorbitantes para manter o hospital aberto. A situação chegou a tal ponto que a solução tomada por Dr. Mello foi fechar as portas. Isto foi um impacto, mas não podia continuar daquela maneira.

Essa era a mesma época do Plano Collor, pacote econômico que bloqueou todos os ativos financeiros dos brasileiros. Mas, os órgãos públicos tinham condições de receber o dinheiro antigo. Com essa abertura conseguiu-se que empreiteiros da Prefeitura doassem dinheiro para o hospital,

para ajudar em troca dos ativos recebidos. O hospital funcionou nesta ocasião como uma espécie de intermediário entre os empreiteiros que precisavam receber dinheiro e a Prefeitura. Eles então concordavam em pagar um deságio do dinheiro em benefício do hospital, para conseguir receber algo que não conseguiriam de outra forma. E foram estes recursos que permitiram a reabertura do hospital.

Ao começarem a trabalhar, novamente, foram desenvolvidas algumas mudanças no Santo Antônio. Foi quando houve a reestruturação da UTI de adultos e a criação da primeira UTI Infantil do interior do Estado. “Os médicos de outros hospitais não imaginavam que o HSA teria condições de fazer uma UTI Infantil. Ninguém acreditava que fariamos uma UTI Infantil, mas nós fizemos”.

Começaram devagar, num espaço reduzido, tendo apenas um respirador, sem credenciamento do SUS e ganhando o repasse comum de internação, mas na época haviam chegado ao hospital quatro pediatras com muita vontade de trabalhar que abraçaram a ideia da UTI: Egídio Negri, Edison Oliveira, Ronaldo Della Giustina e Sérgio Meira. Esses quatro jovens vindos da residência médica de pediatria que fizeram em Florianópolis, no Hospital Joana de Gusmão, chegaram cheios de vontade e foi dada a eles a possibilidade de trabalhar em uma UTI Pediátrica.

Dr. Mello lembra-se de um fato interessante: “Um desses médicos, um dia, disse-me que estava chegando de Florianópolis, tinha alugado um apartamento aqui, mas não tinha sofá em casa. Ele falou – ‘tenho cama, fogão, mas não tenho sofá, será que posso receber um dinheiro adiantado para comprar um sofá?’. Eu autorizei a retirada antecipada, porque precisava mostrar para aqueles jovens que o trabalho deles era valorizado”.

O médico descreve que em sua gestão como administrador do Santo Antônio havia diálogo. Teve os colegas ao seu lado e não contra, porque estavam remando na mesma direção, mesmo com todas as dificuldades que existiam, inclusive quando o hospital foi fechado, em 1989.

Para a construção da UTI Infantil foi realizada uma campanha chamada ‘SOS Santo Antônio’, marcante para Dr. Mello. Diversas pessoas se envolveram para auxiliar. Não pertencia ao hospital, mas ajudou muito com seu dinamismo, o Dr. Amauri Cadore, que mais tarde veio a se tornar secretário de Saúde do município. A comunidade também auxiliou e o casal Rogério e Rosângela Muller, que pertenciam a Clube de Lions.

Além disso, foi realizada a rifa de um veículo para trazer condições financeiras para estruturar as UTIs infantil e adulta. O hospital estava em dificuldade e precisava dar um salto de qualidade. Quem comprou boa parte dos números da rifa foi a empresa

Albany, onde Dr. Mello também atuava. Como a Albany havia comprado diversos bilhetes um desses acabou sendo sorteado.

Com a reestruturação da UTI de adultos, que antes não funcionava da maneira ideal em termos de pessoal, médicos e funcionários de enfermagem, era necessário possuir um aparelho, fundamental para UTIs por dosar oxigênio e gás carbônico no sangue. Era preciso ter os exames de gasometria. Havia necessidade deste aparelho, mas não havia dinheiro para comprá-lo. Dr. Mello confessa ter feito então algo que não faria na vida pessoal, mandou comprar um aparelho de segunda mão sem possuir nenhum recurso no momento da compra. O aparelho chegaria em 15 dias e não havia recursos. Então, percorreu as indústrias que tinham dado apoio político financeiro para a eleição de Vilson Kleinübing e a doação da quantia para este aparelho foi conseguida na Cremer, naquela época comandada pelo senhor Lothar Schmidt. A Artex também ajudou. E desta forma foram comprados alguns equipamentos para o funcionamento das UTIs.

A reestruturação da UTI antiga, a criação da UTI nova e a melhoria na estrutura física do Pronto Socorro aconteceram em 1989. Ainda na administração de Dr. Mello foi realizado o projeto para construção do novo prédio HSA e a primeira laje foi construída.

Em 1990 ele passou a administração da instituição para a enfermeira Solange

Wink. Dr. Mello possuía consultório dentro do Hospital Santo Antônio e afirma ter deixado a direção administrativa por estar com dificuldade de conciliar o cargo com a vida profissional.

Trabalhou no hospital até o ano de 2000 e alega ter saído por não conseguir realizar sua especialidade de uma forma que o contentasse, pelas dificuldades que a instituição ainda possuía. Apesar de já ter uma infraestrutura melhor do que no passado, ainda não era suficiente para atender suas necessidades como especialista, nem a exposição do risco que os pacientes tinham.

Não havia tomografia no Hospital Santo Antônio. Os doentes eram levados para fazer o exame no Hospital Santa Isabel, e não havia transporte entre hospitais a não ser a ambulância do próprio hospital. Os doentes graves tinham que ser levados e trazidos sob risco de sofrer uma parada cardíaca no trajeto e isso era responsabilidade direta do médico que precisava desse exame. Mas, se acontecesse alguma coisa com o doente transportado de uma maneira que não era a ideal, ele seria penalizado e enquadrado do ponto de vista penal e ético.

Ao avaliar o risco que corria, Dr. Mello resolveu deixar o Hospital Santo Antônio para exercer sua especialidade apenas no Hospital Santa Catarina, até então ele trabalhava em ambos. Mas ficou por 21 anos no Hospital Santo Antônio trabalhando, nunca deixou de atuar como médico de 1979

a 2000.

A medicina em 1979 não era tão diferente da do ano 2000, entretanto as exigências eram maiores e a Promotoria Pública obrigava a mais vigilância no cuidado com os doentes.

Pediatras recém saídos da residência iniciaram a atuação no Hospital Santo Antônio no final da década de 80. Eles acompanharam e auxiliaram para tornar possível o sonho de instalar uma UTI Infantil no hospital. São médicos que até hoje mantém a mesma dedicação para atuar no setor.

“O Santo Antônio quis que a Pediatria crescesse na cidade”

Foi através de uma colega de faculdade, em Florianópolis, que o médico pediatra Edison Oliveira iniciou a residência no Hospital Santo Antônio, em Blumenau no ano de 1986. Conheceu a cidade e gostou dela. Ele fazia os plantões aos finais de semana.

Em 1988, Dr. Edison Oliveira foi para São Paulo se especializar em neonatologia, mas continuava vindo para Blumenau aos finais de semana para dar plantões. Em 1986 convidou os colegas Sérgio Meira e Egídio Negri para dar plantão também no município. E em 1988, chamou Dr. Ronaldo Della Giustina, que fazia especialização em São Paulo, para dar plantão no Santo Antônio.

Os quatro pediatras, então, começaram

a trabalhar na implantação do serviço de Unidade de Terapia Intensiva dentro do Santo Antônio. Os médicos Luiz Carlos Fonseca de Mello e Marco Antônio Wanrowsky, que eram respectivamente diretor administrativo e diretor clínico do hospital na época, se empenharam para que a UTI Pediátrica se tornasse realidade. O Santo Antônio foi um hospital que quis que a Pediatria crescesse na cidade.

A UTI começou em um quarto do setor da pediatria, enfrentando diversas dificuldades, mas aos poucos houve crescimento. Enquanto a unidade se ampliava, o hospital passava por várias administrações, vários diretores clínicos, técnicos, todos apoiando e hoje há este serviço bem montado.

A oportunidade de participar e acompanhar o desenvolvimento da UTI Pediátrica do Hospital Santo Antônio para ele foi maravilhosa. Acredita que a Pediatria do hospital começou realmente a crescer em função da própria UTI, porque havia o suporte. E o médico gosta de trabalhar assim.

Apartir da implantação da UTI Pediátrica, setores como berçário, maternidade, e pronto socorro começaram a crescer. “Claro que ficamos contentes, porque tivemos participação nisso e ainda temos”.

No início tiveram que ser travadas várias as lutas para aquisição de equipamentos, mas atualmente tudo flui com mais facilidade. Há alguns anos era muito difícil conseguir as coisas. A ambulância da Central do hospital

tinha que dar conta do transporte dos pacientes, diversas vezes sem condições, porque era preciso atender e salvar vidas. Hoje é mais tranquilo para os médicos trabalharem.

No período em que a enfermeira Solange Wink estava na administração do hospital, eles atuaram para implantação do 'alojamento conjunto'. Nele, todos os recém-nascidos que não tiveram nenhum impedimento clínico permanecem com a mãe durante 24 horas por dia. Outra conquista foi a presença do pediatra na sala de parto. Isso já existia, mas para Blumenau era algo novo na época. Saber que há esta estrutura montada na cidade é importante para comunidade.

Dr. Edison já ocupou a direção técnica do hospital por dois meses, mas prefere atuar como médico. Atualmente coordena a UTI Pediátrica e Neonatal do Santo Antônio junto com Dr. Egídio Negri e Dr. Ronaldo Della Giustina.

Hoje, o Santo Antônio é o lugar onde o médico passa mais tempo. Quando não está no consultório está na UTI do Santo Antônio. Dr. Edison tem dois filhos que nasceram no Santo Antônio. A filha mais velha nasceu na maternidade antiga, na época não existia 'alojamento conjunto'.

A evolução do hospital é ressaltada pelo médico, que salienta a melhoria de equipamentos, área física e destaca a humanização e dedicação dos funcionários.

"As pessoas gostam de trabalhar no Santo Antônio", observa. Também exalta o bom relacionamento com todos os diretores que passaram pelo hospital.

Sente-se bem trabalhando na instituição e declara que tudo que possui deve ao hospital, por ter sido o local ao qual mais dedicou o início da vida profissional. "Com o Santo Antônio tenho esta sensação de ser minha casa".

Uma instituição em constante evolução

O primeiro contato que o pediatra nefrologista Sérgio Marcos Meira teve com o Hospital Santo Antônio foi em 1987. Ainda estava fazendo o último ano da residência, quando começou a atuar no Pronto Socorro da Pediatria. Vinha trabalhar na instituição aos finais de semana, geralmente fazia plantões de 36 horas. Atendia 24 horas no sábado e 12 horas no domingo, quando retornava a Florianópolis.

Ao observar a carência da Pediatria no atendimento dos recém nascidos, os pediatras plantonistas uniram-se para implantar algo diferente que somasse ao hospital e à cidade. Nasceram várias crianças prematuras e os profissionais não tinham condições de dar atenção especializada a elas.

A intenção era criar uma Unidade Intermediária, que prestasse assistência especializada e desse cobertura 24 horas para as crianças. Naquela época não existia

um médico que ficasse direto ao lado das crianças internadas. Não havia nenhuma UTI na cidade, por isso a ideia começou com uma Unidade Intermediária, que em curto prazo se tornaria uma UTI.

A UTI Pediátrica do Santo Antônio foi a terceira do Estado. Antes só havia em Florianópolis e Lages, então, esta equipe acabou sendo pioneira na formação de uma UTI Neonatal e Pediátrica. Começou com três leitos, mas com o passar dos anos aumentou para seis, porque a procura aumentava não só da cidade, mas da região também. Até pais de crianças de outros Estados procuravam o HSA.

Com a implantação da UTI Pediátrica foi necessário formar uma equipe para atuar nessa função. Houve um treinamento para toda a equipe. No início foi gradual, o hospital não tinha estrutura para oferecer médico e enfermagem 24 horas, então, às vezes, funcionava 12 horas. Até se formar uma equipe levou aproximadamente um ano.

Nesses 20 anos consecutivos de atividades, a estrutura cresceu, possui agora 20 leitos e o dobro da equipe de profissionais. Foi um avanço tanto para o hospital, quanto para a cidade e região. O apoio recebido para implantação da UTI Pediátrica por meio do município e do diretor administrativo do hospital na época, o médico neurocirurgião Luiz Carlos Fonseca de Mello, são lembrados por Dr. Sérgio, assim como a ajuda do ginecologista e obstetra Marco Antônio

Wanrowsky. “Eles acreditavam na equipe, na ideia e viam a necessidade. Hoje a obra é um exemplo na região”, cita.

O médico atuou no Pronto Socorro do HSA por sete anos. Quando a UTI foi implantada, passou a trabalhar nos dois setores, mas com a sobrecarga de horário foi preciso optar. Escolheu permanecer exclusivamente na Unidade de Tratamento Intensivo, pois não era possível conciliar os dois trabalhos, era preciso prestar dedicação exclusiva à UTI. Até hoje trabalha na UTI Neonatal do Santo Antônio.

Depois que a UTI Neonatal tornou-se referência, Dr. Sérgio já atendeu crianças que nasceram com 600 gramas. Destaca que, antigamente, os bebês com este peso não sobreviviam, mas, atualmente, têm probabilidade de viver de forma boa. Elas precisam ter todo acompanhamento, mas estas crianças têm qualidade de vida. Para comparar os extremos que acontecem em uma UTI mostra também casos de bebês recém nascidos no Hospital Santo Antônio com 6,3 quilos, de mães diabéticas.

Em todos esses anos de atuação, conseguiu observar a mudança do paradigma existente a respeito do hospital. Antigamente, o Santo Antônio, por ser público, era considerado apenas para pessoas mais carentes, mas, com o passar dos anos, acabou tornando-se referência para os convênios também. Isso é atribuído aos resultados apresentados pelo hospital. Todo o

hospital se remodelou, outras especialidades cresceram, como a parte de clínica cirúrgica, cirurgia bariátrica, laboratórios, radiografia, oncologia e ortopedia. Várias especialidades se desenvolveram e, com elas, o hospital.

A estrutura se moderniza cada vez mais para oferecer as melhores condições. O Santo Antônio foi um dos hospitais que cresceu mais rapidamente, porque andava estagnado. Começou a investir em todos os sentidos e o resultado veio.

O principal foco da biografia do Hospital Santo Antônio é a evolução obtida pela instituição. O Santo Antônio tem uma história reconhecida não apenas pela atuação em Blumenau, mas também no Vale do Itajaí. Hoje em dia é um hospital de referência que atende 70% a cidade de Blumenau e as cidades vizinhas.

Além disso, o hospital teve a preocupação de sempre acompanhar as evoluções tecnológicas e se informatizar, mesmo com um orçamento enxuto. Por realizar a maioria de atendimentos do SUS o hospital tem recursos limitados.

Outro fator que impulsiona o crescimento do Santo Antônio é o corpo clínico. “Quando comecei a atuar no hospital o corpo clínico era composto por cerca de 60 médicos”. Ele também é um usuário do hospital e sempre que precisa prestigia os profissionais. Na época em que chegou à cidade, em 1987, havia cerca de 40 pediatras no município, hoje este número já cresceu muito.

O desafio de atuar no hospital é sempre manter a qualidade e uma equipe, pois o trabalho não é individual. Apesar das dificuldades do hospital, ou da rotatividade de funcionários, nunca se pode desistir. “Tenho prazer de trabalhar no Santo Antônio, me sinto à vontade”.

Dr. Sérgio tem um vínculo forte com o Hospital Santo Antônio por ter sido onde, recém saído da residência médica, pôde colocar em prática os planos e aprendizados obtidos. “Tudo de melhor que a gente tinha implantou no Santo Antônio. Às vezes demorava um pouco mais, mas conseguíamos mostrar através dos números a necessidade de melhorar”.

Santo Antônio: “um amor antigo”

Natural do Rio Grande do Sul o médico Egídio Negri graduou-se na Universidade de Santa Maria. Formou-se em medicina em 1983, trabalhou por quatro anos como clínico geral e depois decidiu se especializar em pediatria. Fazia residência em Florianópolis, mas aos finais de semana vinha para Blumenau dar plantão no Hospital Santo Antônio.

Em 1990 já era funcionário do HSA. Quando entrou no Santo Antônio, no final dos anos 80, a UTI Infantil onde atua, hoje em dia, estava sendo implantada. Fazia plantão no Pronto Socorro, atendia as Enfermarias e

as Salas de Parto.

O Santo Antônio tinha uma área de Pediatria grande, mas já havia sido maior anteriormente. O que levou os médicos a abrir a UTI é que havia diversos pacientes graves. Naquela época se levava para o hospital o paciente depois que já estava doente há vários dias.

Apesar do aumento da população, antigamente chegavam aos hospitais pacientes mais graves, porque convalesciam nas residências. Atualmente há o atendimento no posto de saúde e ambulatórios e dificilmente os pais chegam ao hospital com uma criança em estado avançado de uma patologia, a não ser as muito agudas, mas antigamente era diferente.

Era estressante chegar ao Pronto Socorro, sabendo que havia pacientes precisando de internação, mas não havia vagas, os leitos eram poucos.

A estrutura do Hospital Santo Antônio era pequena e tornava-se complicado tratar pacientes mais graves. UTI só havia em Florianópolis e Lages. Em Lages era uma UTI menor, então dificilmente conseguia-se vaga, e, em Florianópolis, só eventualmente.

Quando Dr. Luiz Carlos Fonseca de Mello era diretor administrativo e Dr. Marco Antônio Wanrowsky, diretor clínico do hospital, surgiu a vontade de fazer com que a instituição recebesse o título de alto risco em obstetrícia, mas não havia Unidade

de Tratamento Intensivo. Então foi aberta a UTI com quatro leitos, em duas Enfermarias improvisadas. Conforme o andamento, percebeu-se a necessidade de construção de mais leitos e foi feita uma reforma. Surgiu uma UTI com oito leitos, mas que funcionava com 12, porque precisava.

Várias vezes havia poucos funcionários para atender. Às vezes havia quatro funcionários para 12 pacientes.

No início, a UTI não estava credenciada ainda e o hospital arcava com todos os custos. Trabalhavam com mais de 50% acima da capacidade, mas era melhor ter um paciente dentro da UTI do que no corredor. Hoje está mais tranquilo. Já existem 20 leitos só no hospital, antigamente não havia 20 para todo Estado.

A UTI surgiu naturalmente com a necessidade, cresceu e melhorou gradualmente na questão de equipamentos e tecnologia. Depois da construção do novo prédio, erguido em 2007, a situação melhorou bastante. Agora está bom, com duas UTIs, a Neonatal e a Pediátrica, ambas com dez leitos. A finalização desta obra foi marcante e faz com que Blumenau seja um município privilegiado no setor da saúde.

As dificuldades financeiras pelas quais o hospital passava, quando começou a trabalhar afetavam o pagamento dos salários. Mas, é problemático para uma instituição sobreviver atendendo 95% do Sistema Único de Saúde (SUS) e nos últimos anos a

situação melhorou.

Antigamente ainda era difícil conseguir o material e os medicamentos necessários para tratar o paciente, o que já foi superado.

Em 2000 o médico atuou como diretor clínico do Hospital Santo Antônio por dois anos. Foi uma época muito complicada. Não funcionava escala de sobreaviso, plantão, hoje já está bem melhor. Apesar de nunca ter sido ligado diretamente à política, Dr. Egídio observa que a instituição já foi bastante usada politicamente, mas quem toma as decisões é o Conselho Curador. “O hospital mudou nos últimos anos, tem mais credibilidade”.

A convivência com os colegas e funcionários do hospital sempre foi boa e atualmente o contato torna-se menor, porque os profissionais da área da saúde geralmente possuem mais de um emprego. Naquela época os encontros e reuniões eram mais frequentes.

Quando veio para Blumenau, Dr. Egídio trabalhou em outro hospital paralelamente ao Hospital Santo Antônio, mas confessa ser fácil se apegar ao HSA. “Talvez porque você fique mais tempo lá dentro. Eu trabalho mais tempo dentro do hospital do que fora, sempre gostei. É um amor antigo. No Santo Antônio não me sinto estranho, parece que estou na minha casa”.

No ano de 1991 os ambulatorios médicos foram demolidos, cedendo local para as obras do novo Pronto Socorro. A

enfermeira Solange Wink teve participação ativa nesta fase, pois na época ocupava a direção administrativa do Santo Antônio.



Período difícil

A gaúcha Solange Wink veio para Blumenau em 1971. Graduada em enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com especialização em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia, ela também foi por 20 anos professora de técnicas de enfermagem do primeiro curso de Medicina da Fundação Universidade Regional de Blumenau, além de ter lecionado no curso de enfermagem e em outros da área da saúde.

Trabalhou no Hospital Santo Antônio, de 3 de setembro de 1990 a 1º de junho de 1994. Foi um período curto, porém, muito marcante. Acabara de sair de uma experiência de quase 20 anos como chefe de enfermagem do Hospital Santa Catarina para assumir a direção administrativa do Santo Antônio. O convite para o trabalho veio do Dr. Luiz Carlos Fonseca de Mello. Aceitou porque já estava um pouco cansada de ser chefe de enfermagem, que é meio como ser a mãe de família, que tem que resolver os problemas de todos: pacientes, médicos, enfermeiros, familiares e da administração.

Todavia, logo que assumiu o novo cargo, uma grande mudança no Brasil trouxe à tona muitos problemas para o hospital. A década de 1990 foi marcada pelo processo de descentralização do setor de saúde no Brasil. A esfera municipal tornou-se a principal responsável pela gestão da rede de serviços dessa área e, portanto, pela prestação direta da maioria das ações e programas de saúde

do Brasil. Para o Hospital Santo Antônio, foi uma transição difícil. “Não tínhamos recursos para nada; não havia dinheiro nem para comprar medicamentos”, lembra Solange.

Em meio às dificuldades financeiras, o que seria uma boa solução também trouxe obstáculos. O projeto para a reforma do Hospital Santo Antônio foi aprovado durante a gestão dela na instituição. Entretanto, para que os recursos viessem existiam algumas diretrizes do Ministério da Saúde que precisavam ser cumpridas. Eram determinações que exigiam decisões difíceis, como a demolição do prédio, onde ficavam os antigos ambulatórios médicos. Mexer com isso foi bastante complicado, mas era algo que precisava ser feito. Quando o dinheiro público aparece, existe um prazo para aplicá-lo e era preciso abrir espaço para a construção do novo Pronto Socorro. E, assim, o prédio antigo veio abaixo.

Essa decisão foi muito criticada e, para piorar, após a demolição a nova obra ficou por muito tempo apenas na fundação e na estrutura do piso térreo. O novo Pronto Socorro só foi inaugurado em 2007, quase 15 anos depois de Solange já ter saído do Hospital Santo Antônio.

Além das dificuldades administrativas, outro momento doloroso no Hospital Santo Antônio pelo qual passou foi quando o HSA recebeu cerca de 25 vítimas de um desbarrancamento no bairro Garcia. Todos eles morreram soterrados e os corpos

foram levados para o hospital para serem identificados.

Entre as coisas boas do período em que esteve na instituição, a enfermeira lembra a aquisição do gerador elétrico, dos equipamentos da lavanderia e do desenvolvimento da UTI. Foi também durante as atividades de Solange que o Hospital Santo Antônio passou a contratar os médicos do Pronto Socorro como funcionários. O hospital foi um dos primeiros a contratar dessa forma e isso foi muito bem visto pelos médicos. Eles passaram a poder contar com aquilo, ter 13º. salário, férias.

A ideia era acabar com a falta de credibilidade do hospital e melhorar o atendimento para a comunidade. Para isso, os médicos precisavam estar mais comprometidos com o hospital. E foi isso que ocorreu. A partir daí, o Pronto Socorro do Hospital Santo Antônio começou a se desenvolver e melhorou muito. Uma das primeiras ações foi contratar um clínico geral para atender adultos e pediatras para as crianças, o que também era uma novidade no Pronto Socorro naquela época.

A melhoria no atendimento e o serviço especializado de pediatria no PS contribuiu para outro avanço no Hospital Santo Antônio: na UTI Pediátrica. Ela já existia e já era muito bem conceituada e isso só ficou melhor.

Foi também durante o trabalho de Solange no HSA que o andar da maternidade foi aberto. Ele já estava pronto, mas estava fechado. Abri-lo, também, ajudou a qualificar o Santo Antônio em obstetrícia.

Outra decisão daquela época foi a retomada da Escola de Auxiliar de Enfermagem do HSA. Em 1971, o Santo Antônio tinha uma Escola de Auxiliar de Enfermagem que era muito boa e respeitada, mas ela saiu do hospital por um período. Com o auxílio da Secretaria de Educação da época foi trazida de volta.

“As coisas boas, ajudar as pessoas, é o que se espera de um hospital e isso nós fazíamos todos os dias”, conta a enfermeira com mais de 40 anos de profissão, com a serenidade que só a maturidade proporciona. “Podia ter feito melhor? Certamente. Mas, eu fiz o que podia, o meu melhor. Eu não era de ficar protelando as coisas e isso foi muito positivo”.

Apesar de ter saído do Hospital Santo Antônio em 1994, Solange manteve os laços com a instituição. Lecionando na FURB, voltou várias vezes com seus alunos ao hospital e sempre foi muito bem recebida.

Aposentada, encontrou outra forma de auxiliar a saúde e a vida das pessoas. Há 15 anos exerce a atividade de acupunturista.

Cada melhoria do Santo Antônio era uma vitória

Quem também iniciou a atuação no Hospital Santo Antônio na década de 90 foi Dilene Jahn Mello Santos, que desde 1994 é Gerente de Enfermagem da instituição. Por tudo que viveu nesses anos de trabalho, para ela, a palavra que define o Santo Antônio é superação.

Em julho de 1991, Dilene começou a trabalhar na UTI Geral do HSA. A enfermeira que a levou até a porta da unidade de tratamento, pediu que esperasse um pouco, porque voltaria para dar explicações e não voltou mais. Era uma fase precária do hospital, com falta de medicamentos, material.

As dificuldades financeiras enfrentadas pelo hospital motivaram o ingresso, em 1992, no voluntariado do Santo Antônio, pois dessa forma conseguia recursos para tratar os pacientes da UTI.

Após um ano e meio de atuação na Unidade de Tratamento Intensivo, deixou o Santo Antônio para trabalhar em outro hospital, mas permaneceu no voluntariado da instituição. E elogia a assistência prestada pelos voluntários do HSA.

Em 1993 retornou ao Hospital Santo Antônio a pedido da enfermeira Solange Wink. Voltou como enfermeira do Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), nesse cargo passava em todos os setores e tinha uma visão maior.

Trabalhou por dois anos no CCIH. Nesta época teve a oportunidade de atuar de perto com a enfermeira Solange Wink, que “foi uma pessoa bastante positiva para o Hospital Santo Antônio, pois cobrava qualidade dos funcionários”.

Depois desse tempo, atuou no Pronto Socorro. O setor era bastante precário. Atendia um volume muito grande de pacientes sem condições, só havia uma sala de emergência, não havia chuveiro para dar banho em paciente, os adultos e crianças eram atendidos na mesma sala. Não havia toldo do lado de fora, então chovia nos pacientes.

Na época havia ajuda dos administradores, da comunidade de Blumenau, mas, sobretudo dos funcionários. O que sempre superou mesmo foi a equipe de colaboradores do HSA. A satisfação era mais importante que o poder, eles queriam resultado.

Em 1993, Dilene também chegou a ministrar Fundamentos de Enfermagem, na Escola de Auxiliar de Enfermagem que funcionava dentro do Hospital Santo Antônio. E hoje mostra admiração pela implantação do Instituto Catarinense de Desenvolvimento da Saúde (ICDS) dentro do hospital.

Enumera as diversas pós-graduações e capacitações realizadas para serem utilizadas no trabalho feito no hospital. “Fiz pós-graduação em administração

hospitalar, gerenciamento de enfermagem, administração em serviço de saúde. E todas essas teorias de aula foram trazidas para praticar dentro do Hospital Santo Antônio”.

Chegou um momento em que a administração da instituição sentiu necessidade de expor as dificuldades pelas quais passavam. Então começaram a fazer reuniões com a Secretaria Municipal de Saúde, Conselho Municipal de Saúde, encaminhar alguns artigos para comunidade, mostrar alguns números.

Esta medida auxiliou o hospital. Quem era internado gostava do atendimento, mas quem utilizava o Pronto Socorro não gostava, porque não tinha a segunda impressão e mostrando o lado do HSA era mais fácil as pessoas entenderem. O canal aberto com a Secretaria e o Conselho de Saúde permanece.

Mesmo tendo trabalhado por bastante tempo em enfermagem de Pronto Socorro e de UTI, Dilene está desde 1994 na gerência de enfermagem do HSA. “Eu só cheguei à gerência, porque queríamos melhores recursos para administrar nossos setores. Sempre fui muito voltada a ter condições de trabalho. E sou a enfermeira que está por mais tempo nesse cargo”.

Como enfermeira da linha de frente, o pensamento está voltado a atender bem o paciente, mas quando se está na administração é preciso saber que mesmo

atendendo cem pessoas a atenção prestada à primeira deverá ser a mesma à última atendida. É preciso ter condições de material e medicamento para todos e para isso é necessário gestão, planejamento.

A gerência de enfermagem abrange além dos assuntos da enfermagem, a área de Raio-X, nutrição e toda a copa, além da equipe multiprofissional: fisioterapeuta, terapia ocupacional, fonoaudiólogo e psicólogo. A enfermagem foi agregando outros grupos.

Quando precisou ser paciente

Houve um ano em que Dilene deu folga aos enfermeiros no dia de Natal e passou o feriado de plantão no hospital. Nessa época, havia uma paciente jovem com fístula digestiva, ambas ficaram apegadas e conversavam bastante. A moça faleceu. Este fato marcou muito a vida dela.

Dilene jamais poderia imaginar que, alguns anos depois, sofreria do mesmo mal e ficaria internada por seis meses no Hospital Santo Antônio. Fístula digestiva é conceituada como o estabelecimento de uma comunicação anormal entre o tubo digestivo e qualquer outra víscera oca intra-abdominal ou em cavidade livre (fístula interna), ou, ainda, com a superfície cutânea (fístula externa), através da qual ocorre drenagem de secreção digestiva.

Foi operada primeiro em outro hospital, que na época já possuía o recurso de vídeo, mas depois pediu para ser trazida ao Santo Antônio. Queria ir para o “seu hospital”. Foi extremamente bem atendida por todos e foi onde, principalmente, sentiu-se segura. “Tenho certeza de que só sobrevivi porque estava no Santo Antônio”, ressalta.

Naquela ocasião pôde analisar diversas ações corretas e algumas falhas e pensava que como gerente de enfermagem do hospital somente ela poderia modificar o que deveria ser melhorado.

Quando recebeu alta, teve que deixar o hospital de cadeira de rodas e recorda que os funcionários ficaram na porta do quarto em que estava para bater palmas, o que a emocionou muito.

Durante a internação também recebeu o apoio de uma psicóloga do Hospital Santo Antônio, o que diz ter sido fundamental para recuperação. Deste atendimento psicológico surgiu o “Projeto Bela Vida”, um salão de beleza que funciona dentro do hospital. Cabeleireiras voluntárias atendem dois dias por semana, como forma de melhorar a autoestima das doentes. Isso serve para diminuir o tempo de internação e estimular as pacientes.

Outro projeto do qual se orgulha chama-se “Acolhimento” e funciona no Pronto Socorro. Determina que os pacientes em estado mais grave tenham prioridade

no atendimento. Como enfermeira do PS sempre ia do lado de fora olhar coloração, pele, olhos, pupilas, verificava sinais vitais, chamava para atendimento os doentes que estavam em pior estado, e os médicos aceitavam. E hoje isso é denominado de ‘Acolhimento’ e é feito por médicos.

Atualmente o Hospital Santo Antônio trabalha para conseguir a “Acreditação Hospitalar”, da Organização Nacional de Acreditação (ONA), para atender com qualidade às necessidades dos clientes. Dilene é multiplicadora líder para alcançar os níveis exigidos. O projeto envolve os mais de 500 funcionários que atuam no Santo Antônio e as empresas que prestam serviços terceirizados ligados aos pacientes.

Superação diária

Por reconhecer as dificuldades para aquisição de cada móvel, ou equipamento do hospital, valoriza a economia e o cuidado com a instituição. Diz que a vida dela é o Hospital Santo Antônio. E que quando chegou faltava tudo no hospital. Quando subiu a rampa do Pronto Socorro, não havia segurança nenhuma, havia colchões e pacientes no chão. As macas eram estreitas, sem grades. Hoje não se compram mais macas assim, tudo já é padrão no Setor de Compras, então é muito mais fácil.

As tomadas dos quartos ficavam embaixo da cama, quando a norma exige

que fiquem acima. Era preciso puxar a cama para usar a tomada. Um hospital não pode ser apenas bonito, mas deve oferecer segurança aos pacientes, o que o Santo Antônio tem.

A maioria dos elevadores do hospital não funcionava. Mas, aos poucos, tudo ia sendo conseguido e cada melhoria era uma vitória. Foi degrau por degrau. “Nós pensávamos assim, vamos subir este degrau bem firme para não ter mais que descer”.

Atualmente, apesar de ainda necessitar de benfeitorias, os sonhos daquela época foram realizados aos poucos. Hoje todos os setores na frente do posto de enfermagem têm um carro de emergência, treinamento e capacitação dos funcionários.

Antigamente não havia cama no Pronto Socorro, hoje há o lado masculino e feminino, e adultos separados da ala infantil. Não havia o básico no hospital, mas se ele fechasse naquela época pessoas que necessitavam iriam morrer.

A passarela também é motivo de felicidade. Antigamente era preciso atravessar a rua ventilando e massageando o paciente da UTI. Houve uma época em que foi comprado um guarda-sol de praia para proteger o paciente.

O Hospital Santo Antônio não é procurado somente por usuários do SUS e quanto mais convênios atender, melhor conseguirá atender o SUS.

A persistência fez o HSA chegar aonde está e os objetivos viáveis traçados pela instituição irão fazê-la crescer ainda mais. “O Hospital Santo Antônio hoje tem condições de trabalho, plano de retorno bom, metas, os salários estão sempre em dia e há 17 anos não era assim. Não temos que provar nada a ninguém, mas temos que ser responsáveis e ter disciplina”, aponta Dilene.

O hospital e a política

Em 1996 foi criada a Lei que instituiu o Conselho Curador do Hospital Santo Antônio. Esta Lei determinou que o Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Blumenau representasse os funcionários do Hospital Santo Antônio no Conselho. Desde então, o presidente do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Blumenau, Ingo Ehlert, representa o Sindicato no Conselho Curador.

Por ser público o Hospital Santo Antônio sempre foi utilizado em questões políticas. O hospital sempre é vinculado ao município. Todos os prefeitos que administraram a cidade fizeram promessas. Sempre se vincula a saúde de Blumenau ao Hospital Santo Antônio. Então, ele é diversas vezes usado indevidamente, ‘politiqueiramente’. Mas, nos últimos anos isso mudou, depois da criação do Conselho Curador.

No ano de 2005, com fim do mandato

da diretoria, houve nova eleição. Como não havia candidato naquela reunião, candidatou-se para o cargo de presidente e foi eleito pelos conselheiros presentes. Assumiu a presidência com o compromisso de mandato interino pelas circunstâncias políticas do momento, nesta mesma reunião o administrador também entregou o pedido de demissão. Naquela data Ehlert assumiu a presidência do Conselho Curador e a administração do Hospital Santo Antônio, com compromisso de que o Conselho contratasse um administrador com conhecimento e experiência na área hospitalar e realizasse em momento oportuno, novas eleições.

O administrador com experiência foi contratado no mês seguinte e a nova eleição foi realizada cinco meses depois, ocasião em que o advogado Luís Carlos Schmidt de Carvalho Filho foi eleito presidente do Conselho Curador e que terminou o mandato em curso.

Toda influência política sobre o Hospital Santo Antônio prejudicou o bom funcionamento ao longo dos anos. E por este motivo, somente após 150 anos, o hospital mostra uma identidade. “Só depois de 150 anos o Hospital Santo Antônio está dizendo quais são seus objetivos”.

Ehlert aposta no bom senso do Conselho Curador e acredita que seja necessária esta convivência, porque mesmo sendo uma grande instituição, o Santo Antônio ainda depende de auxílio financeiro

dos órgãos públicos Municipal e Estadual.

Melhoria na gestão administrativa

Com a missão de aprimorar a gestão do Hospital Santo Antônio e dar fim ao déficit financeiro acumulado pela instituição, o advogado Luís Carlos Schmidt de Carvalho Filho assumiu a presidência do Conselho Curador do HSA em 2005. Atualmente atua no Conselho Curador como secretário.

Durante dois mandatos, quatro anos no total, ele e os demais membros do Conselho contribuíram para o acerto das contas do Santo Antônio. Quando assumiu, em agosto de 2005, era um momento conturbado, quando não havia efetivamente caixa para pagar salários, para fazer recolhimentos tributários, previdenciários. E o que o Conselho fez foi ajustar esses fluxos de pagamento, renegociar algumas dívidas circulantes de curto prazo, transformá-las em dívidas de médio prazo, longo prazo, e estancar as demandas trabalhistas que vinham com muita intensidade.

O planejamento passou a ser institucionalizado. Hoje, além de aprovar o planejamento anual em novembro ou dezembro do ano anterior, já são discutidos os investimentos para o período de três a cinco anos, e quais os serviços que pretendem trazer para o hospital a médio e longo prazo.

O hospital faz o que está ao seu alcance

no desenvolvimento da saúde, mas com uma série de premissas. Por exemplo, hoje não se abre nenhum serviço que não seja sustentável. Isso não quer dizer que tudo precisa se pagar sozinho. Se o município tem interesse, é fechado contrato e o município deve cobrir o déficit provocado pelo SUS. Os serviços são abertos para atender a essa demanda, mas ele tem que estar assegurado, tem que estar garantido. Não adianta tirar o déficit do serviço e transformá-lo em um déficit financeiro, porque ele inevitavelmente vai ocasionar o fechamento do serviço.

O advogado assumiu a presidência do Conselho Curador muito jovem. Na época, tinha 25 anos. “Foi um trabalho de amadurecimento fantástico, de lidar com pessoas, estar no meio daquela fogueira de vaidades, lidando com médicos, com políticos e com todas as dificuldades financeiras no meio para complicar ainda mais a situação”, relembra. “E a gente conseguiu”, comemora.

O maior obstáculo do período, segundo o ex-presidente do Conselho Curador do HSA, foi manter a vontade de fazer o melhor em um cenário nada favorável. A grande dificuldade que enfrentaram, enfrentam e continuarão enfrentando pela natureza do hospital, é conseguir planejar expansão, melhorias, não deixar de sonhar com o crescimento das pessoas que estão lá dentro, profissionais e a própria instituição como um todo com essa premissa de que um serviço é aberto e ele não vai se pagar. Para conseguir isso é

preciso buscar campanhas de arrecadação, parcerias.

O Conselho teve muita coesão durante todo esse tempo e o maior mérito dele foi ter conseguido que as entidades, que sempre auxiliaram e estiveram à disposição, trabalhassem efetivamente em favor do hospital. Houve serenidade de enxergar além, perceber qual era a missão do Hospital Santo Antônio. Foi realizado um trabalho interessante. “Só me orgulho e faria tudo de novo, com certeza, com a mesma dedicação. Mas, não se pode ficar indefinidamente e a alternância no comando da instituição é salutar”, afirma Carvalho, que em seu mandato estabeleceu no estatuto do HSA o impedimento da reeleição permanente no Conselho Curador.

Hoje a instituição está plenamente preparada para passar por uma sucessão municipal, uma troca de prefeito, de governador, sem nenhum tipo de estresse em relação aos valores que são destinados a ela. Hoje, o hospital não faz favor para o município e o município não faz favor para o hospital. A instituição presta seus serviços da melhor forma possível, mas por outro lado exige a parceria, exige o apoio financeiro. Até porque o SUS, infelizmente não banca o total.

Entre as ações desenvolvidas no hospital na década de 90, em 1997 teve início a campanha “Santo Antônio pela Vida”. Os recursos eram arrecadados por

meio de autorização de débito mensalmente na fatura de energia elétrica. O objetivo era melhorar o espaço físico insuficiente e comprar equipamentos adequados. Nessa época foram inauguradas as obras na UTI Pediátrica, no primeiro andar do hospital, no Pronto Socorro e nas recepções, além da cozinha, Raio-X, internação e radiologia.

O restaurante do hospital, a sala de treinamento e o jardim interno foram reformados em 1999. Ainda neste ano o Santo Antônio recebeu o certificado de Entidade de Fins Filantrópicos, conforme Resolução nº 160 de 25 de junho, concedido pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS).

Auxílio da comunidade blumenauense ao Hospital

Carente em todos os sentidos, o Hospital Santo Antônio sempre recebeu auxílio da comunidade blumenauense. Em 1992 algumas senhoras se uniram na própria instituição para fundar o voluntariado do Hospital Santo Antônio.

No início, o voluntariado, além de trabalhar no suporte emocional aos pacientes, auxiliava na angariação de recursos para suprir necessidades do hospital.

Até 2006, o grupo chamava-se “Voluntários da Saúde”. A partir de 2009 começou a se organizar de forma diferente

e ganhou a denominação de “Clube do Voluntário do Hospital Santo Antônio”.

A atual presidente do Clube do Voluntário é Vera Lúcia Gonçalves. Ela passou a integrar o grupo em 2002, por meio da amiga Edith Emília Voigt. Edith hoje é tesoureira do voluntariado, mas já atuou como presidente de 2003 a 2006 e participa desde 2000. A assistente social do Hospital Santo Antônio, Lourdes Censi, é quem coordena o Clube.

Nos anos de 2000, 2001 e 2002 os integrantes do serviço voluntário solicitavam doações para o hospital. Era preciso suprir o básico. Faltava tudo: talheres, pratos, lençóis para tirar os pacientes da maca. Ao saber de mães sem condições de fazer enxoval para o bebê que iria nascer várias vezes os voluntários ajudavam. A Casa da Amizade também sempre ajudou muito o hospital, além de outras entidades.

Depois de 2002 começaram a ser promovidos eventos e o lucro era revertido ao Santo Antônio. Os voluntários buscavam doações do que seria servido, mas eles mesmos cozinhavam e vendiam os tíquetes dos eventos.

Com a atual administração na Prefeitura Municipal não houve mais necessidade de arrecadar fundos para o Hospital Santo Antônio, então o voluntariado pode dedicar-se totalmente ao paciente. Agora tudo que arrecadam depositam para quem necessita de fraldas a remédios. A ajuda financeira

hoje é para o paciente carente. Quando há ofertas para o hospital o Clube aceita, mas atualmente o Santo Antônio não passa a necessidade de outras épocas.

O Clube do Voluntário realiza também um trabalho direcionado à autoestima do paciente. Hoje o voluntariado promove ações como bazares e o Salão Bela Vida. Além disso, elas integram o projeto do hospital 'Gestação de Risco', no qual as voluntárias desenvolvem trabalhos manuais de artigos para enxoval de bebê com gestantes internadas. Há também o "Projeto Colinho", em que os voluntários dão colo na UTI Pediátrica para os bebês.



Foto Clube do Voluntário

Uma equipe de decoração enfeita o hospital e faz lembrancinhas para todas as datas comemorativas. Há dois anos os pacientes também podem contar com a capelania. Uma capelã está à disposição para prestar suporte espiritual. Entre os projetos da capelania está o canto nos corredores do hospital toda semana.



Foto Projeto Bela Vida

Além disso, uma contadora de história visita periodicamente a Pediatria e foi criado um projeto chamado "Biblioteca Ambulante", uma distribuidora de revistas de Blumenau fornece exemplares aos pacientes do hospital semanalmente, para que possam ter momentos de distração e lazer.

Todo novo voluntário passa por um curso e treinamento para saber como se portar dentro de um hospital. O voluntário precisa ter disciplina. Além disso, o comprometimento é fundamental para fazer este serviço. Atualmente o Clube do Voluntário do Hospital Santo Antônio possui 50 integrantes.

No voluntariado os pequenos atos fazem a diferença, como, por exemplo, poder alimentar um paciente. Os voluntários podem ser o elo entre enfermeiros, médicos e pacientes, pois conhecem o hospital. Eles trabalham para confortar e trazer autoestima para o paciente. Fazer com que ele esteja no hospital, mas esteja bem.

Aposentada, Vera recorda ter relutado para tornar-se voluntária do HSA por temer hospitais, mas hoje confessa ser apaixonada pelo serviço. “Sempre que entro neste hospital estou ganhando algo. Cada vez que posso ouvir um paciente recebo e aprendo tanto que isso fortalece minha vida”.



Fotos obras de reforma no HSA

Um amigo do Hospital Santo Antônio

Há nove anos também ocorre um Baile Beneficente em prol do Hospital Santo Antônio. O evento conta com a colaboração efetiva do empresário Julio Hiromiti Fukakusa, presidente da Empresa Via Blumenau Indústria e Comércio Ltda.



Júlio Fukakusa

O primeiro Baile ocorreu na administração do Dr. Carlos Seara Filho. A renda foi destinada para conclusão da passarela que interliga as duas unidades do hospital, nas cabeceiras não havia cobertura e isso criava reações negativas às pessoas que a utilizavam, pois ficavam expostas ao sol, chuva e vento.

Nesses nove anos a Via Blumenau, consciente, preocupada e solidária com suas responsabilidades sociais, participa, integralmente, de ações em favor do Hospital Santo Antônio, que prioriza os atendimentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) mensalmente.

A parceria tem contribuído, significativamente, na melhoria estrutural e tecnológica do hospital e, conseqüentemente, na qualidade dos serviços prestados à comunidade de Blumenau e região, sendo mais de 20.000 atendimentos mensais.

Com os recursos dos bailes foram adquiridos respiradores e desfibriladores para UTI, berços aquecidos para a unidade de

cuidados intermediários neonatal, monitores cardíacos, equipamentos para cozinha e serviço de copa. Também foi possível realizar a reforma da antiga sala de fisioterapia.

O evento proporcionou, ainda, em 2006, a reforma da cozinha, treinamento de pessoal e mudança de procedimentos, o que tornou possível receber a certificação do Programa de Alimentação Saudável - PAS

Além disso, as edições do Baile Beneficente em favor do HSA, sempre promoveram alegria e integração entre a comunidade, colaboradores e amigos. Esse tem sido o grande objetivo alcançado.

Também são colaboradores do Baile várias empresas da cidade e outros amigos do Hospital Santo Antônio, especialmente o Bela Vista Country Club e o empresário Carlos Girolla, da Megaforth Indústria e Comércio Ltda.

Cada dia mais feliz em poder contribuir para esse grande objetivo que valoriza a vida, Fukakusa vê o Hospital Santo Antônio como uma instituição que luta a cada minuto para salvar todos os pacientes que chegam. "Quero ter saúde e propósitos sublimes para continuar contribuindo para o desenvolvimento desse amigo querido HSA".

Fotos equipamentos comprados com recursos do baile



Respirador



Berço aquecido



Bomba de Infusão



Forno Combinado



Carrinhos de Copa



Monitor Cardíaco



Desfibrilador

Capítulo 11



Em 2000, Santo Antônio conquista título “Hospital Amigo da Criança”



Unidade de cuidados neonatais

O Hospital Santo Antônio foi a primeira entidade do Vale do Itajaí a conquistar o título de “Amigo da Criança”, em 5 de setembro de 2000, por aplicar e desenvolver procedimentos, eventos e projetos que divulgam os dez passos que promovem o aleitamento materno.

A Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC), idealizada pela UNICEF e Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1990, tem como objetivo promover, proteger e apoiar o aleitamento materno. Isso só é possível por meio de mudanças na conduta e mediante a adoção dos dez passos para o sucesso do aleitamento materno.



Os dez passos para promoção do aleitamento materno são: ter uma norma escrita sobre aleitamento materno, que deve ser, rotineiramente, transmitida a toda a equipe de cuidados de saúde; treinar toda a equipe de cuidados de saúde, capacitando-a

para implementar esta norma; informar todas as gestantes sobre as vantagens e o manejo do aleitamento; ajudar as mães a iniciar a amamentação na primeira meia hora após o parto; mostrar às mães como amamentar e como manter a lactação, mesmo se vierem

a ser separadas de seus filhos; não dar a recém-nascidos nenhum outro tipo de alimento, ou bebida além do leite materno, a não ser que seja indicado pelo médico. Praticar o alojamento conjunto e permitir que mães e bebês permaneçam juntos 24 horas por dia; encorajar o aleitamento sob livre demanda; não dar bicos artificiais ou chupetas a crianças amamentadas ao seio; encorajar a formação de grupos de apoio à amamentação, para onde as mães devem ser encaminhadas logo após a alta do hospital ou ambulatório.

Os principais benefícios desse importante título são: a redução da mortalidade infantil, o fortalecimento no vínculo mãe-bebê, o favorecimento no desenvolvimento da criança, a humanização no atendimento materno-infantil e a economia de recursos materiais.

Quem coordenou esta iniciativa até ser implantada no Santo Antônio foi o médico pediatra Dr. Tarcísio Lins Arcoverde. Em 1992, praticamente, não havia ações de incentivo ao aleitamento. A partir de 1995, começaram a treinar os profissionais que trabalham no hospital, mudar as normas e rotinas, implantar a iniciativa Hospital Amigo da Criança e, em 2001, o hospital foi reconhecido pela Unicef.

Desde esse período o Santo Antônio possui apoio de um Banco de Leite Humano. O projeto da Secretaria Municipal de Saúde, que funciona na rua Itajaí, é uma referência

que faz o atendimento da dificuldade das mães para amamentar, após a alta do hospital. Apesar do Banco de Leite Humano não pertencer ao Santo Antônio existe um convênio, uma troca de serviços entre ele e o hospital.

Há no HSA, também, um posto de coleta que é o Centro de Incentivo ao Aleitamento Materno (CIAM). Na iniciativa Hospital Amigo da Criança um dos passos é estimular a formação de grupos de apoio e encaminhar as mães para serviços que possam apoiá-las e a referência é o Banco de Leite Humano. A mãe é orientada a procurá-lo na dificuldade.

Além do Banco de Leite Humano servir como referência no apoio à mãe que está amamentando, também faz a coleta, o processamento e a distribuição de leite humano pasteurizado, com controle de qualidade. O leite coletado no domicílio é processado no Banco de Leite e encaminhado para o hospital. Em seguida, é armazenado no Lactário e encaminhado para a UTI para alimentar os bebês prematuros. Após a introdução do leite humano pasteurizado na alimentação desses bebês prematuros nas UTIs, nota-se a redução do número de infecções, diminuição do tempo de permanência deles nas UTIs e uma melhor evolução dos bebês.

O trabalho de parceria entre o Hospital Santo Antônio e a Secretaria Municipal de Saúde no incentivo ao aleitamento materno e no funcionamento do Banco de Leite

Humano é constante.

O hospital ainda ministra palestras para mães, curso de gestante, treinamento de profissionais de saúde, apoio a mãe que está amamentando e a mãe que está com o bebê na UTI. Todo esse sistema foi sendo aperfeiçoado e o atendimento das mães com dificuldade de amamentação, também, melhorou muito. A ampliação desses serviços e o crescimento do hospital com outros serviços podem ser notadas.

Dr. Tarcísio, muitas vezes, participa do curso de gestantes, pois sempre há palestras do pediatra. Periodicamente há um curso de reciclagem para os funcionários. Pela iniciativa Hospital Amigo da Criança, os novos funcionários devem ser capacitados com o curso de 20 horas em aleitamento. Então, a cada seis meses é organizado um curso para ministrar estas aulas.



Curso de gestantes

O início da vida em Blumenau pelo Hospital Santo Antônio

Dr. Tarcísio Lins Arcoverde graduou-se

na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1987. Naquela época vários médicos do Rio de Janeiro vieram atuar em Blumenau e, diversas vezes, Dr. Tarcísio visitava colegas que trabalhavam no município.

Em 1992, foi apresentado ao médico pediatra do Pronto Socorro do Hospital Santo Antônio. Foi quando recebeu convite para trabalhar como plantonista do setor. Como o Rio de Janeiro já vivia uma situação de violência, ele tinha interesse em morar em uma cidade menor. Decidiu vir para Blumenau e começou sua vida na cidade pelo Hospital Santo Antônio.

Iniciou como plantonista do Pronto Socorro do HSA, depois passou a ser pediatra plantonista da sala de parto e berçário. Também já passou pela coordenação do berçário. Hoje atua na Unidade de Cuidados Intermediários Neonatais. Apesar de ter trabalhado como pediatra para Prefeitura Municipal, Universidade Regional de Blumenau (Furb) e aberto consultório particular, ele sempre manteve atuação no Santo Antônio. E hoje em dia seu principal vínculo hospitalar é com o Hospital Santo Antônio.

Quando começou lá, a estrutura do hospital era ainda pequena. O Pronto Socorro e a Pediatria funcionavam no prédio antigo. O processo de fundação de toda parte nova estava iniciando, depois ela foi paralisada. Havia apenas uma escala de plantão de pediatria.

Das dificuldades pelas quais o hospital passou, em 1992, além da obra de reforma do hospital estar estagnada, existia a dúvida com relação ao pagamento de folha de pessoal. Sempre havia certa preocupação dos funcionários e, hoje isso não existe, apesar de, por ser um hospital que presta serviço quase que exclusivamente ao Sistema Único de Saúde, ainda precisar de subsídios da Prefeitura para arcar com alguns compromissos.

Diversas melhorias ocorreram desde aquela época. Desde aquele tempo já existe UTI Neonatal, UTI Pediátrica, plantão na sala de parto, dois plantonistas na pediatria. Toda área física da pediatria melhorou muito com a ampliação no prédio novo. Houve um importante crescimento na parte de atendimento na pediatria. A parte de berçário foi ampliada, tinha um berçário que funcionava anexo ao alojamento conjunto antigo, atualmente, há uma Unidade Intermediária Neonatal.

Outros setores do hospital também cresceram, foi ampliada a UTI geral, ortopedia e implantado o serviço de oncologia. Todo o hospital está tendo um aumento nos serviços, tanto pediátricos, como clínicos e cirúrgicos. E todo esse investimento no hospital agora tem uma repercussão no atendimento à população.

Atualmente, os plantões que faz no hospital são voltados para área de neonatologia, no atendimento ao recém-

nascido na sala de parto. O Santo Antônio é o único hospital que tem plantão de pediatria 24 horas por dia somente para o atendimento ao recém-nascido na sala de parto e berçário. No Santo Antônio foi implantada uma escala de plantão, como é uma maternidade de alto risco, referência materno infantil, há necessidade de ter um pediatra de plantão para atender os bebês no momento do nascimento. Isso contribui para redução da mortalidade infantil.

O hospital possui convênio com a Universidade Regional de Blumenau (FURB) e recebe alunos do último ano de Medicina e também da Enfermagem. “Atuo principalmente com os alunos de Medicina na parte de neonatologia. Também recebo alunos que passam visita na unidade de cuidados intensivos neonatais (UCIN), alojamento conjunto e fazem plantão na sala de parto”, aponta.

Apesar de todas as reformas pelas quais o Santo Antônio passou, o médico observa haver constante necessidade de investimentos no hospital. E no momento, o sonho é a nova maternidade e sala de parto. Em termos de qualidade e oferta de serviço o Santo Antônio ampliou muito e deve agora continuar, principalmente na parte materno infantil.

O desejo futuro é implantar o “Projeto Canguru”, no qual as mães permanecem com o bebê prematuro no hospital. Para isso é preciso ter uma área física, onde a mãe

possa ficar hospedada.

O Santo Antônio ainda tem este laço que muitos profissionais abraçam pela questão mais humana do hospital, de ter o desafio de atender o SUS com qualidade, qualificação profissional, vários especialistas. O investimento em recursos humanos que se dedicam ao hospital é que o faz crescer.

Quanto aos laços de amizade criados, o Santo Antônio foi o hospital que melhor o acolheu em Blumenau no ponto de vista de relacionamento. “Para quem é de fora é difícil vir para uma cidade nova, principalmente naquela época. O Hospital Santo Antônio me acolheu e abriu as portas para minha atuação profissional em Blumenau”, descreve.

Outro fato marcante é que as suas duas filhas nasceram no HSA. Foi uma escolha dele, não só por ser o hospital em que mais atua, mas por considerar o hospital com melhor serviço materno infantil, tanto no incentivo ao aleitamento materno, quanto de UTI neonatal. “Minhas duas filhas nasceram ainda na maternidade antiga, as duas são ‘filhas do Santo Antônio’”, diz.

No ano de 2000 foi realizada a construção da passarela para o transporte de pacientes hospitalizados. Com 50 metros de extensão e mais de três metros de largura a obra liga os dois blocos do Hospital Santo Antônio.



Passarela em construção

Em 2001, o Hospital Santo Antônio recebeu a colaboração do governo Estadual com a doação de camas, respiradores e berços aquecidos. A partir do mês de agosto do mesmo ano houve a troca de superintendência e administração do hospital. Quem assumiu a diretoria administrativa foi o médico Carlos Seara Filho.

No ano de 2002 o estatuto da Fundação Hospitalar de Blumenau foi alterado. Entre as mudanças, o fim da figura do superintendente e a criação de mais cinco cadeiras no Conselho Curador, colegiado com poderes para ditar a política e a estratégia de gestão da instituição.

Em 2005, o Hospital Santo Antônio teve nova troca de gerência e em abril 2005,

Siegfried Heinrich Hildebrand, tornou-se gerente geral do Hospital Santo Antônio. Mas, a atuação dele na área da saúde teve início em 20 de julho de 1977, em Joinville, cidade onde nasceu.

Hildebrand já conhecia a história do hospital, antes de começar a trabalhar lá, e por possuir experiência não temeu a responsabilidade que tinha pela frente. Analisa que quando se atua na área da saúde, independentemente da organização, é preciso vocação. Observa que o desafio é sempre salutar.

Quando veio para o Hospital Santo Antônio, foi necessário realizar algumas ações para criar união entre o grupo de colaboradores. Com o apoio do Conselho Curador, o hospital contratou um consultor hospitalar para fazer o planejamento estratégico e também o planejamento físico da construção. Hoje o Hospital Santo Antônio tem um plano estratégico definido e, também, na parte física. Tudo que se faz no hospital é baseado neste plano diretor.

Além disso, um grande passo da instituição foi a obra de reestruturação iniciada no começo de 2006 e entregue em junho de 2007. Esta obra foi realizada por meio da Prefeitura Municipal, que fez a licitação da folha do pagamento dos servidores públicos. A partir disso houve um incremento significativo que mudou radicalmente o Hospital Santo Antônio. Para Hildebrand o Santo Antônio possui dois

históricos: um antes e outro depois desta construção.

Em 2010 o hospital terá as estruturas ampliadas, pois o terceiro andar do prédio ficou à espera de novas obras. Deve haver mais sete leitos de UTI adulta e 29 leitos de internação.

Em 2005, o hospital dependia muito dos recursos financeiros repassados pela Prefeitura e Governo do Estado. A receita própria do hospital na época era de 49% e 51% vinha por meio de doações, de convênios e subvenções. Mas isso foi revertido nesses cinco anos com o auxílio do corpo clínico, direção técnica e Conselho Curador. Hoje o hospital vive de 80% de receita própria e 20% de subvenções do Município e do Estado. Outro fator importante é a ajuda prestada pela sociedade ao hospital.

Ele reconhece que os auxílios dos Governos Municipal e Estadual são de grande relevância, mas considera a ajuda do Governo do Estado como um reconhecimento à má remuneração do Sistema Único de Saúde (SUS).

Nesses cinco anos, desde o início da administração no Santo Antônio, foi conseguido credenciamento da ortopedia de alta complexidade e de oncologia. Atualmente, o hospital é responsável pelo serviço de oncologia de Blumenau. Hoje o Santo Antônio já faz as cirurgias oncológicas e 100% das quimioterapias do Sistema Único de Saúde. Será ainda construído um espaço

específico para realização de radioterapia.

É impossível atuar na instituição sem criar laço afetivo e “vestir a camisa” do Santo Antônio. Isso é atribuído a todas as melhorias conseguidas. O Hospital Santo Antônio é muito visado pela comunidade e geralmente quem atua nele depois de algum tempo trabalha mais por vocação do que pela própria remuneração. O sucesso todo de aumento de receita e diminuição de despesas só foi possível, porque os colaboradores e corpo clínico vestem a camisa do hospital.

Essa dedicação dos colaboradores tem trazido cada vez mais qualificação ao Hospital Santo Antônio. Atualmente, a instituição está em processo de “Acreditação Hospitalar”, da Organização Nacional de Acreditação (ONA), para atender com qualidade tudo o que os clientes precisam. A necessidade foi notada há um ano e, hoje, os funcionários estão interessados em obter resultados e ter esse título. Em setembro de 2010, o hospital passará por uma avaliação e, se receber a acreditação, será o primeiro de Santa Catarina a atender pelo Sistema Único de Saúde a obter o título.

O hospital, também, aposta na metodologia de treinamento para os funcionários. Com a criação do Instituto Catarinense de Desenvolvimento da Saúde (ICDS), em 2009, é possível especializar os colaboradores.

Além disso, junto com a Universidade Regional de Blumenau (FURB), o Santo

Antônio desenvolve programas de especialização técnica em atendimento de UTI, Pronto Socorro e Raio X.

O desenvolvimento pelo qual o Hospital Santo Antônio passa é decorrente de ações conjuntas, pois para administrar um hospital, é necessária uma equipe. Hildebrand elogia a atuação do diretor técnico, Osionides Conte Martinez e do Conselho Curador do Santo Antônio. “Sozinho não consigo nada. O Santo Antônio é um hospital abençoado por Deus”, aponta.

O desafio da Diretoria Técnica do Santo Antônio

Há cinco anos o ginecologista e obstetra Osionides Conte Martinez é diretor técnico do Hospital Santo Antônio. Mas, a atuação dele no hospital iniciou em 17 de julho de 1986. Trabalhava em São Paulo e veio para Blumenau, através do contato com médicos da região.

Recorda que o hospital era precário, mas, sempre gostou de desafios. Começou logo depois das grandes enchentes. Quando chegou iniciou com a equipe de pediatras e outros médicos a formar alguns serviços, como o materno infantil. Resolveram fazer a primeira UTI Pediátrica de Blumenau. Foi muito difícil, mas hoje ela é um modelo e uma das mais bem referenciadas do Estado, tanto que recebe pacientes de toda Santa Catarina e até de fora.

Quando começou o hospital ainda não havia plantonistas na área de ginecologia, mas já havia vocação para pediatria, desde a época do Dr. Affonso Balsini. Era o único hospital pediátrico que havia na cidade.

Após a desativação da Maternidade Elisabeth Koehler, o Santo Antônio passou também a ser referência para o Sistema Único de Saúde (SUS) na ginecologia. Existem grandes ginecologistas no hospital e hoje a instituição é referência para gravidez de alto risco.

Diretoria técnica

O cargo de diretor técnico é complicado, pois exige grande comprometimento com o hospital, e Dr. Osionides acredita que ocupá-lo é uma vocação. “Temos lutado com muita bravura. Acho que Deus me deu uma vocação para ter vida dentro deste hospital e fazê-lo crescer”.

Nesses 24 anos em que atua no Santo Antônio observa que nos últimos cinco foi possível ver o que era sonho se desenvolver. Acredita que esse mérito é do gerente geral, Siegfried Heinrich Hildebrand e de toda equipe que está com ele.

Emociona-se ao ver que o hospital “representava tão pouco diante dos demais da cidade e hoje se iguala a qualquer um deles”. Quando começou a atuar na instituição, havia um estigma no município e o Santo Antônio não tinha uma conotação

positiva. E quando Hildebrand assumiu como gerente geral, juntamente com um consultor, a situação foi modificada. O estigma foi mudado e o Hospital Santo Antônio não era mais o terceiro da cidade a ser lembrado e sim mais um. Foi por isto que se batalhou.

Tem orgulho de ver o hospital crescer com todas as dificuldades econômicas pelas quais passa. E acredita que antes de finalizar sua gestão as deficiências na área clínica serão sanadas. Outro sonho a ser realizado é possuir um serviço de imagem.

Classifica a nova UTI adulta como o marco de uma nova fase do hospital. Salaria que os aparelhos e diárias de uma UTI são muito caros, por esse motivo o setor é um grande desafio. O próximo passo será a construção de uma maternidade e um hospital verticalizado. Esta é a meta dele para realmente contribuir com a melhoria da cidade.

A baixa remuneração dos médicos está entre as dificuldades para gerenciar um hospital, segundo Dr. Osionides. São poucos os recursos fornecidos pelo Governo Federal ao Sistema Único de Saúde (SUS). E a medicina vive ainda, para alguns convênios, uma tabela da Associação Médica do ano de 1992. Passaram-se 18 anos e essa tabela ainda vigora dentro da prática médica. É uma pena que o médico seja uma figura esquecida pelo governo e isso tem repercutido em toda sociedade. O fato se reflete na escala de fechamento de plantões do hospital. “Temos

que lutar, embora tudo seja contra nós, vamos vencendo. E temos um lema no hospital 'se Deus é por nós ninguém será contra nós'".

Sobreviver com o SUS é complicado. O hospital luta com verbas públicas, 92% do atendimento dele é SUS. E o Pronto Socorro é prejudicado por atender consultas que poderiam ser realizadas em postos de saúde

de bairros.

Dr. Osionides, que participa da história do hospital, percebe o crescimento da instituição. "O que falta no mundo de hoje são mais homens com o poder de não se corromper, colocar o foco em um ideal e lutar para alcançá-lo. E temos visto alguns colegas no Santo Antônio fazendo isso mesmo".

Capítulo 12



*Uma obra
esperada por 12 anos*



Ambulância do JHSA e o motorista tio Marcos

Quando o atual prefeito de Blumenau, João Paulo Kleinübing, assumiu a administração do município pela primeira vez, no ano de 2005, identificou como um dos compromissos do mandato a retomada e conclusão das obras do Hospital Santo Antônio. O pai dele, quando prefeito iniciou a obra que ficou parada por praticamente 12 anos, sem que nenhum novo tijolo houvesse sido colocado em cima da laje.

No governo de Vilson Kleinübing, em 1989, o projeto estava pronto, parte do hospital foi derrubada e a construção erguida até a laje. Surgiram dificuldades para executar o que foi planejado e a obra foi paralisada.

“O hospital Santo Antônio tem uma história de grandes serviços prestados a Blumenau. Está no coração dos blumenauenses”, descreve João Paulo Kleinübing.

O fato de passar pela rua Itajaí e se deparar com a obra inacabada da instituição chamava toda comunidade a um desafio. Havia esta percepção, este senso de urgência, para tornar possível a fase que o hospital vive hoje.

Uma das primeiras ações do Prefeito, em 2005, foi viabilizar a conclusão da obra do Hospital Santo Antônio. Para isso, houve a busca de uma alternativa por meio de um recurso externo ao Executivo, a licitação das contas salário dos servidores públicos. Buscaram recursos de fora, que foi pago à Prefeitura com o compromisso de ser

integralmente aplicado na conclusão das obras do hospital.

Para acompanhar a renovação das estruturas e serviços do Santo Antônio com transparência e fiscalizar os recursos foi constituída uma Comissão Pró-Construção.

A conclusão da obra é um marco na trajetória da cidade, por ter sido retomada após ter ficado tanto tempo parada, pela qualidade do que foi executado e pelo serviço que o Santo Antônio presta ao município por meio dos profissionais que possui.

Além disso, é um exemplo de como o poder público e a sociedade podem trabalhar em conjunto e haver fiscalização direta e efetiva sobre os recursos aplicados. Uma prova disso é que a Comissão Pró-Construção, constituída para acompanhar a obra, se mantém auxiliando o hospital na gestão de expansão.

O prefeito ressalta ainda a importância da consolidação do modelo de independência e auto-gestão do Hospital Santo Antônio e a regulamentação dos contratos de prestação de serviço em que a sociedade cada vez participa mais da gestão do hospital. “Isso leva toda sociedade a buscar cada vez mais a qualidade oferecida pela instituição”.

Dificuldades existem em todo sistema de prestação de serviço de saúde no país, mas há um grande comprometimento com a cidade tanto por parte da Prefeitura quanto do Santo Antônio na solução dos problemas. O

hospital está com uma situação consolidada e busca independência para obter resultados e isso é muito bom para o município. O Santo Antônio presta um serviço melhor a cada dia.

O HSA é um parceiro importante da Prefeitura na prestação de diversos serviços para comunidade. “Vários mutirões de cirurgia acontecem no Hospital Santo Antônio. Ele é um parceiro não só da Prefeitura, mas da cidade”, analisa Kleinübing.

Comissão Pró-Construção

No dia 13 de junho, data em que se comemora o Dia de Santo Antônio, do ano de 2007, foi inaugurada a renovação das estruturas e serviços do Hospital Santo Antônio.

Para conduzir com rapidez e objetividade o planejamento do empreendimento foi nomeada, pelo Prefeito Municipal, a Comissão Pró- Construção do hospital. Composta por empresários da cidade, os membros trabalharam de forma voluntária e gratuita.

Constituem a Comissão Pró-Construção: Dario Tomaselli Junior (presidente), Ronaldo Baumgarten Junior (vice-presidente), Álvaro Bruch (financeiro), Ronaldo Della Giustina (médico-técnico) e Adécio Salvalágio (advogado).

Em abril de 2005 iniciaram os trabalhos. O projeto existente para execução da obra do Hospital Santo Antônio já estava ultrapassado.

Além disso, havia poucos recursos. Por esses motivos a comissão entrou em contato com diversos profissionais da cidade, que num esforço conjunto e por um preço simbólico, apresentaram modernas propostas para serem realizadas. Os projetos foram pagos com as economias do orçamento da Câmara de Vereadores.

A construção se iniciou em janeiro de 2006, o que pôs fim a espera de 12 anos. A obra foi possível devido ao repasse de aproximadamente R\$ 9 milhões pela Prefeitura Municipal à Comissão Pró-Construção do hospital. O valor resultou da licitação das contas dos servidores públicos, vencida pela agência bancária HSBC.

A Comissão

O presidente da Comissão Pró-Construção, Dario Tomaselli Junior, assinala que a ligação que possui com o Hospital Santo Antônio se deve à grande amizade que tinha com o empresário Ronaldo Baumgarten. “Ele havia recebido um convite do prefeito para presidir a comissão, conversou comigo e aceitei a função de vice- presidente”, conta.

Com o grupo formado: ele, Ronaldo Baumgarten, Álvaro Bruch, Ronaldo Della Giustina e Adécio Salvalágio, começaram a desenvolver o trabalho de levantar os dados e buscar todos os tipos de projetos. Depois disso, contrataram o arquiteto Heitor Madrigano, da Madrigano Hospitalar

No início deste caminho, Ronaldo, que presidia à comissão, ficou doente e no mês de fevereiro de 2006 faleceu. Tomaselli recorda que o amigo sempre pediu que ele continuasse com os trabalhos. “Era vontade dele que eu presidisse a Comissão e nisso todo o grupo foi unânime”. O lugar da vice-presidência foi ocupado, então, pelo filho Ronaldo Baumgarten Junior.

Uma das maiores dificuldades do grupo foi se adaptar a uma obra realizada por licitação pública. A fiscalização era constante. Houve uma série de problemas. Tiveram que desmontar, pedir para refazer diversas partes de novo, recusaram. O engenheiro Bruno Ricardo Franzmann foi contratado para acompanhar a obra em tempo integral e conferir a qualidade conforme o memorial descritivo. A servidora pública Sandra Mara Schultz também fez esse papel.

A Comissão queria uma obra de qualidade, bem feita, bem acabada. Por se tratar de um hospital que atende, basicamente, à camada mais humilde economicamente da população, queriam que tivessem um hospital do mesmo padrão de quem tem melhor poder aquisitivo. Também enfrentaram problemas com a construtora. Nesse momento a Comissão Pró-Construção trabalhou muito unida.

E essa união faz com que a Comissão se mantenha na supervisão de outras melhorias no HSA, como a construção

dos leitos da UTI adulta e de internação, realizadas em 2010.

Difícilmente se consegue reunir um grupo como esse, com empenho e dedicação. Conseguiram ter bons resultados, porque foi feito um bom trabalho desde o início. Fez-se uma obra de qualidade, que continua. Além disso, Tomaselli sente-se satisfeito por ter a oportunidade de realizar algo em favor da comunidade. “Tive com esse grupo a chance de ajudar a fazer um trabalho muito importante que atende diversas camadas da sociedade. Estou me realizando e pretendo continuar”.

Com esse envolvimento de construção e ampliação do HSA, Tomaselli foi também convidado para fazer parte do Conselho Curador do hospital. Desde 2009 ele representa a Acib no Conselho.

Atualmente, presidente da Acib, Ronaldo Baumgarten Junior teve a chance de crescer com a experiência. Participar da construção de parte do hospital o engrandeceu, porque o levou para dentro de uma realidade que ele desconhecia. Conheceu um hospital antigo, improvisado, onde as pessoas tinham que esperar do lado de fora para serem atendidas no Pronto Socorro. Hoje, pode se orgulhar de ter ajudado a transformar esse cenário em um local moderno, com instalações confortáveis, que trouxeram mais dignidade para os usuários.

A história do Hospital Santo Antônio estará para sempre vinculada à família

Baumgarten, não apenas pelo convívio diário durante anos com as questões ligadas à instituição, mas pela homenagem prestada ao pai de Ronaldo Baumgarten Junior. Todo o planejamento da comissão era para que a nova ala se chamasse Vilson Kleinübing. No dia da inauguração, achou estranho chamarem sua mãe para descerrar a placa que exibiria o nome do setor. Enganaram-no todo tempo. Apenas neste momento é que tomou conhecimento da bela homenagem que fizeram ao seu pai, colocando o nome dele no novo espaço.

O pai dele pôde ver apenas a “fase do papel”. Isso porque, durante a construção propriamente dita, já estava muito doente. “Mas, o mais importante para ele, foi ter recebido a confiança para liderar este processo e ter recebido carta branca para atuar”, afirma.

Hoje, Baumgarten Junior atua de maneira institucional, na busca de recursos e no relacionamento político. Com bom trânsito entre deputados e senadores, tenta intermediar a inclusão de verbas no Orçamento da União.

Adélcio Salvalágio foi chamado para fazer parte da Comissão Pró-Construção do Hospital Santo Antônio pela necessidade da inclusão de um advogado no grupo. Mas, no início não havia função definida, apenas a coordenação dos trabalhos era realizada pelo empresário Ronaldo Baumgarten e havia ajuda mútua.

A Comissão tinha uma meta, que era construir o Hospital Santo Antônio e quando Ronaldo montou a equipe, o prefeito assegurou a ele que não precisaria se preocupar com os recursos. Salvalágio lamenta que Ronaldo Baumgarten tenha acompanhado o grupo por pouco tempo.

As reuniões eram realizadas, semanalmente, na Baumgarten Gráfica, no começo tinham pouca experiência, mas, aos poucos, os rumos da obra foram sendo traçados. O trabalho teve várias frentes. Primeiro, a definição do projeto. Se o hospital manteria sua vocação, que é ser referência pediátrica, ou se iria para outro segmento. Foi decidido que permaneceria na linha da vocação da pediatria, mas também que deveria possuir um bom Pronto Socorro e atender as pessoas com dignidade, a Comissão se preocupou muito com isso.

O primeiro projeto do hospital havia sido elaborado por um arquiteto de Joinville. O profissional elevou os custos para dar continuidade aos trabalhos e o grupo decidiu então partir para outras contratações. Decidiram contratar profissionais da região.

O arquiteto Renato Jung também integrava o grupo no início, mas depois passou a prestar serviço para realização da obra e deixou a Comissão. Ele assumiu o projeto arquitetônico junto com o arquiteto Heitor Madrigano.

A comissão possuía grandes preocupações: fazer uma excelente obra,

pelo menor preço possível, sem comprometer a qualidade. “Todos os projetos custaram R\$ 60 mil, que conseguimos com um repasse da sobra dos recursos da Câmara Municipal”, declara.

Foi uma exigência do grupo que todos os projetos tivessem aprovação dos órgãos competentes. Ao cumprir esse requisito foi descoberto que o terreno do hospital, apesar de ser uma área pública, não estava regularizado, o que teve de ser feito.

Depois dos projetos prontos veio uma nova etapa, a administração dos recursos. A solução foi fazer uma licitação para contratar a empresa que executaria a obra. De tempos em tempos era feita uma medição para verificar o serviço realizado e qual valor poderia ser pago. Para isso, uma empresa de engenharia assessorava tecnicamente a Comissão.

No transcorrer da obra foram sendo feitas algumas descobertas e dessa forma realizadas melhorias que beneficiariam todo hospital. Visando ao futuro, foi deixado um espaço para ampliação. A supervisão dessas obras foi também assumida posteriormente pela Comissão. “Nunca tivemos problemas, nos tornamos amigos, temos uma relação de absoluta cumplicidade e honestidade”.

Paralelamente à construção civil, a Comissão iniciou o processo de aquisição de móveis e equipamentos para o hospital. No dia da inauguração estava tudo montado. Houve apenas o período para desinfecção e

o hospital começou a funcionar.

Para Salvalágio, o envolvimento na Comissão é um trabalho prazeroso, que traz um sentimento de gratificação. “Meu propósito é preparar um ambiente que atenda com dignidade as pessoas que procuram o hospital e que o profissional da saúde tenha um bom local para desempenhar seu trabalho”.

Ao conhecer o antigo Pronto Socorro do Hospital Santo Antônio, às vésperas da inauguração da obra nova em 2007, ficou com a sensação de dever cumprido. “Nossa contribuição visou ao auxílio do atendimento digno à comunidade”, descreve.

Os dois filhos de Álvaro Bruch nasceram no Hospital Santo Antônio, um em 1977 e outro em 1984. A partir dessas datas, a instituição passou a fazer parte da sua história. Não imaginava, porém, que um dia ele faria parte da história do hospital, contribuindo na sua administração e acompanhando seu visível crescimento.

A participação dele para o desenvolvimento do hospital iniciou em 2005, quando o prefeito de Blumenau decidiu vender a folha de pagamento da Prefeitura Municipal e destinar o valor da negociação para a construção da nova ala do Hospital Santo Antônio, aproveitando a laje já existente. Bruch recorda ter partido também de João Paulo Kleinübing a ideia e o convite para montar uma Comissão Pró-Construção, a qual passou a integrar. Também recorda as

reuniões feitas semanalmente, a partir de abril de 2005, na sede da empresa Baumgarten Gráfica Ltda., para definir projeto, orçamento, contratação de profissionais.

Foi construído nesta época e entregue em 13 de junho de 2007: Pronto Socorro, Centro Cirúrgico, Pediatria, UTI Pediátrica e Neonatal, Ambulatórios de oncologia e Setor de Quimioterapia.

Em 2009, a Comissão Pró-Construção voltou a se reunir para discutir a viabilidade de construção do terceiro piso, na ala nova, com verbas do hospital. Neste andar está sendo construída nova UTI adulta, com aumento de oito leitos, e nova ala de internação de convênios e particulares. A conclusão está prevista para 2010.

Foi também em agosto de 2009 que Álvaro Bruch, como conselheiro titular, representando a Associação das Micro e Pequenas Empresas de Blumenau – AMPE foi indicado e eleito presidente do Conselho Curador do Hospital Santo Antônio. Ocupará o cargo pelo período de dois anos.

O Conselho Curador é um órgão de deliberação, gestão e representação da Fundação Hospitalar de Blumenau e é formado por um representante de cada uma das entidades integrantes do Conselho Superior de Administração.

Compete ao presidente do Conselho Curador representar a Fundação, ativa e passivamente, judicial e extra-judicialmente,

de conformidade com o Estatuto, Regimento Interno ou Resoluções do Conselho Curador ou Instruções Executivas da Diretoria Executiva. Além de cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o Regimento Interno e as deliberações de seus órgãos; convocar e presidir reuniões do Conselho Superior de Administração, do Conselho Curador e da Diretoria Executiva; propor programação de médio e longo prazos da Fundação; apresentar ao Conselho Curador relatórios anuais de atividades e demonstrações financeiras; submeter para aprovação ou ajustes do Conselho Curador o Orçamento Anual da Fundação e executar demais atribuições inerentes ao cargo.

As estruturas entregues em 2007 e em 2010

A área total de construção, realizada em 2007, foi de aproximadamente 7,5 mil metros quadrados. O prédio com 6.050 metros quadrados foi erguido sobre a laje de concreto existente há 12 anos. A área acrescida inaugurada em 2010, que origina o segundo pavimento, é de aproximadamente 1.800 metros quadrados. A Comissão Pró-Construção é responsável pela supervisão das obras.

No subsolo situa-se o acesso de serviço do hospital e o estacionamento com 56 vagas cobertas e 12 descobertas. Também foi projetada uma nova lanchonete para o conforto dos pacientes, acompanhantes

e funcionários. O pavimento ainda possui áreas voltadas à infraestrutura geral, como casa de máquinas do sistema de tratamento de ar, central de oxigênio, entre outros.

No pavimento térreo, localiza-se a unidade de Pronto Socorro. Com área cinco vezes maior que a antiga, conta com recepção, onde pacientes e acompanhantes são atendidos e orientados. Pacientes graves e ambulâncias que chegam à unidade são dirigidos diretamente ao acesso específico do setor de emergências, evitando o contato com os pacientes e acompanhantes da área de espera. Além disso, a unidade possui áreas diferenciadas para o atendimento de crianças e conta com leitos de observação separados por gêneros no setor adulto.

Ainda nesse pavimento foi implantado um moderno Centro Cirúrgico com cinco salas dimensionadas e equipadas segundo padrões contemporâneos. Conta com 12 leitos de recuperação pós-cirúrgica e toda infraestrutura necessária de suporte aos procedimentos realizados. A sala cirúrgica destinada aos pequenos procedimentos foi estrategicamente separada, o que evita

interferências entre procedimentos de complexidades diferenciadas e contato dos pacientes de pequenas incisões em ambiente cirúrgico.

No primeiro pavimento foi implantado o Centro Integrado de Pediatria, cuja atuação se estende aos limites regionais. Possui moderna Unidade de Internação com 34 leitos, divididos em enfermarias e quartos, com toda infraestrutura de apoio, recreação de pacientes, conforto das mães e acompanhantes. O Centro de Pediatria se complementa com as Unidades de Tratamento Intensivo Neonatal e Pediátrica, com total de 20 leitos completamente equipados para atendimento integral. Há ainda uma unidade de quimioterapia ambulatorial, com poltronas para tratamento.

O segundo pavimento abriga a Unidade de Tratamento Intensivo para adultos, com 15 leitos e uma moderna unidade de internação, com 29 leitos. As obras, que iniciaram em setembro de 2009, foram finalizadas em 2010.



Foto cheque para reestruturação do hospital

Uma sala para exames de mamografia no Hospital Santo Antônio

Foi também em 2007 que o Hospital Santo Antônio passou a oferecer exames de mamografia aos pacientes. O aparelho foi adquirido por intermédio da Rede Feminina de Combate ao Câncer de Blumenau.

Mamografia é o raio-X dos seios em dose baixa e segura. É o melhor instrumento para diagnosticar câncer de mama prematuramente e salvar vidas. Todas as mulheres acima de 40 anos devem submeter-

se à mamografia a cada um ou dois anos.

Em 2006 a Rede adquiriu um mamógrafo para o município, por meio do Instituto Avon, que tem a missão de direcionar o investimento social da Avon no Brasil, como Oscip – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.

Para conquistar o mamógrafo, a Rede Feminina de Combate ao Câncer, em parceria com a Universidade Regional de Blumenau (FURB), inscreveu um projeto que foi aprovado. Nesse período, quem estava à frente da entidade era Odinéia Marchetti. “Foi

uma surpresa para nós. Ficamos em estado de graça, porque com isso conseguimos alcançar os objetivos da Rede: autoexame, exame clínico e mamografia”, diz.

Na época faziam parte da diretoria da Rede: Jurema Maria Winter Almada, Regina Heil, Cristina Grossenbacher, Maria de Fátima Bruch e Regiane Passeti.

O projeto foi mandado para São Paulo. Ao analisar o número de atendimentos realizados por mês, o Instituto acreditou que a entidade comportaria o equipamento e contemplou o município. Dezoito organizações foram selecionadas e a Rede Feminina de Blumenau foi escolhida.

Os profissionais Elizabeth Thibes, médica da Rede Feminina de Blumenau e Romualdo Heil, reitor da faculdade de medicina da FURB na época, foram a São Paulo participar de um workshop do Instituto Avon. Eles levaram todas as avaliações necessárias, os orientadores gostaram da apresentação e o equipamento foi trazido. O valor enviado foi de R\$ 210.000,00 para compra do mamógrafo e da processadora de imagem. Os recursos foram recebidos no dia 27 de março de 2006.

Com a doação do mamógrafo para Rede Feminina de Blumenau, o Instituto Avon fez algumas solicitações. Era preciso fazer panfletagem e conscientizar as mulheres da necessidade de realizar a mamografia. O objetivo maior é detectar precocemente o câncer de mama.

Após a euforia surgiu a preocupação sobre como o equipamento seria mantido.

O aparelho ficou quase dois anos parado na FURB pela dificuldade em encontrar local para instalação. Os representantes do Instituto Avon, Lirio Cipriani e Ângela Fioravante, vieram de São Paulo para reuniões em busca de alternativas para utilização do aparelho. Uma delas era usar a estrutura existente no Hospital Santo Antônio. A instituição possuía espaço físico, mas era necessário adaptar uma sala para proporcionar este atendimento.

Um espaço para realizar exames no Hospital Santo Antônio foi inaugurado no dia 26 de setembro de 2007. A presidente da Rede Feminina de Combate ao Câncer de Blumenau nesta época era Jurema Maria Winter Almada, que acompanhou todo processo de busca por um local para instalar o aparelho. No início ficou estabelecido que seria instalado no Hospital Universitário da Furb, mas não estava pronto e havia um prazo para que o equipamento fosse instalado senão teria que ser devolvido.

Nesta época o Hospital Santo Antônio estava finalizando as obras de reestruturação e no prédio antigo da instituição seria implantado o setor de Raio-X, onde haveria uma sala disponível para o mamógrafo. A ajuda financeira para adaptar o espaço do hospital veio do empresário da Malwee Malhas, Wander Weege. A Prefeitura de Blumenau também prestou auxílio.

Ainda o Gerente Geral do Hospital Santo Antônio, Siegfried Heinrich Hildebrand, prestou apoio para agilizar as obras durante a reforma da sala. “Trabalhamos em parceria, porque sozinhos não conseguiríamos”, observa Jurema.

O Hospital Santo Antônio fornece profissionais para realizar os exames encaminhados pela entidade. A atual presidente da Rede Feminina do município, Aglaê Nazário de Oliveira, explica que o aparelho tem capacidade para fazer 500 mamografias por mês. A Rede Feminina encaminha em torno de 200. O hospital realiza os exames tanto da Rede, quanto do setor público e particulares.



Mamógrafo

Voluntária da Rede Feminina de Combate ao Câncer há 23 anos, Aglaê também é presidente da Rede Estadual, desde fevereiro de 2009. A Rede realiza ainda outras ações em parceria com o HSA, como o setor de apoio, em que voluntárias que prestam atendimento psicológico e emocional na área de quimioterapia do hospital, conversando, lendo orações, ou simplesmente escutando os pacientes.

Em datas comemorativas, também, fazem visitas ao setor de Pediatria e levam presentes. No Natal um coral vai a todas as alas para alegrar os pacientes.

A parceria da Rede Feminina de Combate ao Câncer com o Hospital Santo Antônio tem trazido diversos benefícios. O vínculo é bom para ambos, pois ajuda a prevenir e, se há prevenção, possíveis doenças serão eliminadas.

A Rede Feminina de Combate ao Câncer de Blumenau foi fundada no dia 24 de setembro de 1973 com a intenção de promover atividades direcionadas ao bem-estar e saúde da população feminina, principalmente a mais carente.

Capítulo 13



*Hospital
Santo Antônio:
A história segue*



Emergência do JHSA

São 150 anos de dificuldades enfrentadas, mas, principalmente, de assistência prestada à comunidade não só blumenauense, mas de toda a região. A evolução constante mostra que o fundador do Hospital Santo Antônio, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, teve seguidores na bravura de lutar para instituir uma unidade hospitalar de qualidade. E foram vários. A participação de cada um que, de alguma forma, contribuiu para o crescimento do Santo Antônio trouxe benefícios incalculáveis à população e salvou vidas.

Mas a história da instituição ainda segue. O Hospital Santo Antônio cumpre o papel ao qual foi destinado de forma cada vez mais lapidada. Aperfeiçoa-se cada vez mais ao longo da trajetória e é o que continuará a fazer.

Atualmente, o Hospital Santo Antônio é referência no tratamento de gestação de alto risco, ortopedia de alta complexidade e atendimento materno-infantil. Presta assistência médico-hospitalar com competência a pacientes em tratamento ou internados, sem distinção. Além de realizar grande número de atendimentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Desde 2002, o Santo Antônio é credenciado pelo Sistema Único de Saúde como centro de referência no Vale do Itajaí para realização de cirurgias bariátricas –

cirurgias de redução de estômago. A titulação somente foi possível porque o Hospital Santo Antônio se adequou à Portaria GM/MS 628 do Ministério da Saúde, para acompanhar o paciente no pré e pós-operatório da cirurgia, formando uma equipe para implantar e dar andamento ao projeto.

A preocupação com o bem-estar dos pacientes se reflete no cuidado com a prevenção de infecções e na manutenção de um ambiente hospitalar que prima pela higiene máxima em todos os processos.

O hospital recebe recursos estaduais e municipais, que auxiliam e mantêm os milhares de atendimentos realizados mensalmente.

A Fundação Hospitalar de Blumenau possui como órgão máximo de deliberação o Conselho Superior de Administração. Este Conselho, não remunerado, reúne-se uma vez ao ano e delibera sobre diversos assuntos, homologa orçamentos, planejamentos e relatórios.

O Conselho é constituído por um representante das seguintes entidades: Associação Médica de Blumenau (AMB), Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Associação Empresarial de Blumenau (ACIB), Câmara de Dirigentes Lojistas de Blumenau (CDL), Associação das

Micro e Pequenas Empresas de Blumenau (AMPE), Ordem dos Advogados do Brasil, subseção de Blumenau (OAB/SC), Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Saúde de Blumenau, Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis e das Empresas de Assessoramento, Perícias, Informações e Pesquisas de Blumenau e Região (SESCON), União Blumenauense de Associações de Moradores (UNIBLAM) e um representante dos Sindicatos Patronais de Blumenau, indicado em fórum próprio.

O Plano Diretor, elaborado pela administração, parte do trabalho de uma equipe multiprofissional e tem como principal missão avaliar a situação do hospital para direcionar o crescimento dele a partir das demandas potenciais e possibilidades no contexto local e regional.

Conforme dados do departamento de Recursos Humanos da instituição, a contratação de competentes funcionários aumenta anualmente, assim como a crescente demanda do Hospital Santo Antônio.

O hospital possui atualmente uma equipe multiprofissional composta por distintas áreas de atuação para atender diferentes necessidades. De acordo com os registros do RH, em 30 de abril de 2010 a instituição possuía um total de 541 funcionários no quadro. Compunham o corpo

clínico do hospital 143 médicos de diversas especialidades e os contratados eram: 47 médicos; 34 auxiliares de enfermagem; 34 enfermeiros; quatro farmacêuticos; 13 auxiliares de farmácia; 198 técnicos de enfermagem; duas nutricionistas; 27 serviços gerais de nutrição; 42 funcionários na área de higienização e limpeza; 15 técnicos em radiologia; dois assistentes sociais; uma fonoaudióloga; um engenheiro do trabalho; três técnicos em segurança no trabalho; um terapeuta ocupacional; uma psicóloga hospitalar; além de 116 funcionários nas áreas de administração, recepções, quimioterapia, manutenção, almoxarifado, recebimento de mercadorias, rouparia.

Equipe Multiprofissional

O trabalho em equipe traz novos desafios, exige competências e habilidades. O hospital é uma instituição complexa que envolve grande número de especialidades. O Santo Antônio possui diversos profissionais preparados para tomar importantes decisões e auxiliar na recuperação de pacientes. Em ambiente hospitalar o fonoaudiólogo realiza um completo acompanhamento ao paciente nas fases pré, trans e pós-cirúrgica, de modo precoce e intensivo, garantindo os melhores resultados.

Quando desenvolvida no hospital, a assistência social se dá através de um atendimento individual e familiar, tanto

aos pacientes, quanto aos funcionários da instituição.

A terapia ocupacional tem função de orientar familiares e profissionais de saúde quanto a condutas e acessórios, quando necessário, adequados para a vivência do paciente durante a reabilitação.

A fisioterapia fundamenta ações em mecanismos terapêuticos próprios, com uma atuação pela prevenção e melhoria da qualidade de vida, que vai até a reabilitação de casos graves e prolongados.

Através do psicólogo é possível auxiliar o paciente e a família a enfrentarem o período de internação e a enfermidade. O tratamento motiva o diálogo, o que contribui para a saúde psíquica e auxilia a recuperação física.

A equipe nutricional do Hospital Santo Antônio desenvolve um acompanhamento individual com o objetivo de proporcionar reeducação alimentar e melhoria na qualidade de vida.

A enfermagem possui como função primordial oferecer cuidado integral e personalizado ao paciente, 24 horas por dia, envolvendo desde prevenção até recuperação de enfermidades.

A unidade hospitalar possui ainda uma farmácia para o abastecimento de produtos, o que garante e facilita a assistência técnica, administrativa e contábil.

E muito além da busca pela cura, a

medicina tem a capacidade de promover a integração entre os profissionais da instituição em favor do bem-estar dos pacientes.



Fachada atual HSA,



Emergência

Instituto Catarinense de Desenvolvimento da Saúde

Inspirado no modelo do Hospital Pequeno Príncipe, de Curitiba, no Paraná, o ex-presidente do Conselho Curador, Luís Carlos Schmidt de Carvalho Filho, deu início ao projeto do Instituto Catarinense de Desenvolvimento da Saúde (ICDS) no Hospital Santo Antônio, por meio da Fundação Hospitalar de Blumenau, mantenedora do HSA.

Com o objetivo maior de capacitar

profissionais para a área da saúde, buscando humanização, conhecimento e excelência na qualidade, o ICDS tem como missão tornar-se também uma referência em saúde para Blumenau, região e todo Estado. Alguns cursos são oferecidos em parceria com o Instituto de Administração Hospitalar e Ciências da Saúde/IAHCS, por meio da Escola Superior de Gestão e Ciências da Saúde, credenciada pelo MEC. O Instituto ainda tem projetos de cursos em parceria com a FURB.

Este trabalho serve para resolver um dos grandes problemas do Hospital Santo Antônio que era a grande rotatividade, muitas pessoas vinham para o hospital, aprendiam e iam embora. Ele era, informalmente, um hospital-escola. Com a criação de cursos o aprendizado foi formalizado e o Hospital Santo Antônio transformado em um hospital-escola. E esta é uma meta do ICDS a ser perseguida, ainda não está consolidada.

Mas, o projeto do Instituto Catarinense de Desenvolvimento da Saúde vai além. Ele é essa célula de formação interna, que não serve apenas para fazer treinamento dos funcionários do HSA, mas sim buscar trazer para toda a região esta formação de excelência na área da saúde.

O coordenador do Instituto Catarinense de Desenvolvimento da Saúde desde 2009 é Ingo Ehlert.

O ICDS ainda atua no hospital com a implantação da residência médica; as pós-

graduações; e os cursos de aperfeiçoamento e requalificação dos profissionais e funcionários do Hospital Santo Antônio e demais hospitais de Santa Catarina. Este terceiro projeto elabora cursos para coqueiras, técnicos de enfermagem, serviços de hotelaria em geral, recebimento e atendimento dos clientes dos hospitais.

O Instituto pode promover cursos externos, internos, reciclagem para os funcionários, prover residências médicas, pesquisas. O que é bom para o hospital, inclusive na parte científica e também na parte financeira, porque ao promover cursos haverá um retorno.

Já está em andamento o primeiro curso de pós-graduação em gestão hospitalar, através do Instituto e de acordo com o gerente geral do HSA, Siegfried Heinrich Hildebrand a intenção é lançar ainda mais dois cursos de pós-graduação: Farmácia e Enfermagem.

Por meio do ICDS, o Hospital Santo Antônio acaba fazendo um resgate da competente Escola de Auxiliar de Enfermagem que possuía em décadas passadas, conduzida pelas freiras. O Instituto abre vagas não somente para quem trabalha no hospital, mas para o público em geral, qualificando dessa forma o mercado.

Setores do hospital

A Fundação Hospitalar de Blumenau tornou-se uma instituição que oferece qualidade e conforto para pacientes e

acompanhantes. É possível observar claramente ao avaliar as instalações que possui, atualmente, e os setores do hospital, como:

A Maternidade, que é sinônimo de referência para a região do Vale do Itajaí. Todas as pacientes são acompanhadas pela equipe multiprofissional. O setor é assistido pelo Centro de Incentivo ao Aleitamento Materno (CIAM), que atende, diariamente, as novas mães e auxilia durante as mamadas. Preconiza-se o alojamento conjunto de mãe e bebê para o fortalecimento do vínculo.

O Centro Obstétrico, considerado referência no atendimento obstétrico e ginecológico, realiza consultas, partos e cirurgias. Durante as 24 horas do dia, há plantão de um obstetra e um pediatra, que fazem atendimentos e procedimentos junto com a equipe de enfermagem.

A Unidade de Cuidados Intermediários Neonatais é a ala destinada aos cuidados de recém-nascidos. O bebê internado no setor necessita ainda de atenção especial e, por motivos médicos, não pode ficar no quarto com a mãe.

Pediatria, onde todas as crianças internadas recebem acompanhamento

constante da equipe multiprofissional. Há ainda a 'Sala de Recreação', um espaço dedicado exclusivamente ao bem-estar da criança e o 'Estar das Mães', um ambiente para que os acompanhantes possam fazer refeições, descansar e assistir televisão.



Pediatria



Pediatria recreação



Pediatria recreação

A Emergência atende 24 horas por dia adultos e crianças com sintomas que necessitem de intervenção médica com rapidez. Oferece salas de emergência pediátrica e adulta, salas de suturas, observação infantil e adulta – dividida em leitos femininos e masculinos -, sala de gesso, curativos e radiologia exclusiva para pacientes internos da unidade.



Emergência

O Centro Cirúrgico está equipado para a realização de intervenções cirúrgicas de média e alta complexidade. Realiza procedimentos das especialidades geral

e ortopédica, além das operações de emergência, mantendo sempre o padrão rígido de controle de infecção hospitalar.

A Clínica Cirúrgica é destinada ao atendimento pré e pós-operatório. No setor existe uma ala de isolamento.



Médicos atuando no centro cirúrgico

A Clínica Médica recebe pacientes geriátricos e com patologias clínicas. Profissionais capacitados prestam atendimento responsável e completo, de acordo com as necessidades de cada paciente.

A Unidade de Tratamento Intensivo – UTI Geral – do Hospital Santo Antônio é outro setor que possui serviços de referência na região e recebe pacientes com patologias graves. A área dispõe de profissionais especializados e equipamentos de última geração.



UTI Geral

As Unidades de Terapia Intensiva (UTI's) Neonatal e Pediátrica do Hospital Santo Antônio atendem crianças e recém-nascidos internados com patologias graves, sob cuidados intensivos. As unidades são equipadas com o que há de mais moderno em terapia intensiva. Os médicos pediatras intensivistas realizam plantão durante as 24 horas do dia e atendem conjuntamente com as equipes de enfermagem e multiprofissional.



Unidade de cuidados neonatais

A Central de Materiais Esterilizados (CME) do Hospital Santo Antônio possui controle de qualidade total dos materiais utilizados na instituição. A garantia vem de controles químicos e biológicos dos processos de esterilização, oferecendo segurança na assistência ao paciente.



Central de Materiais Esterilizados

O setor Nirce Bonatti é destinado ao atendimento de pacientes particulares, ou que possuam convênios. São internados pacientes pediátricos e adultos com qualquer patologia: clínica, cirúrgica ou obstétrica.

O Centro de Incentivo ao Aleitamento Materno (CIAM) garante os dez passos para o sucesso do Aleitamento Materno – requisitos básicos para um Hospital Amigo da Criança (UNICEF / OMS). Atua nos setores: Maternidade, Nirce Bonatti, Centro Obstétrico, Unidade de Cuidados Intermediários Neonatais (UCIN) e UTI's Neonatal e Pediátrica.



Centro de incentivo ao aleitamento materno

A Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) é um órgão deliberativo, diretamente subordinado à gerência geral e tem por finalidade o controle e a prevenção de infecções hospitalares.

O setor de Internação Oncológica é destinado ao atendimento de pacientes portadores de neoplasias que apresentem intercorrências, ou necessitem de internação durante a realização da quimioterapia.

O Ambulatório Oncológico, presta continuidade ao tratamento. Recebe pacientes do Vale do Itajaí encaminhados pelas Secretarias de Saúde. Foi projetado de forma a proporcionar um ambiente agradável a quem necessita de atendimento, com ampla recepção e seis consultórios. Ainda possui sala de atendimento para realização

de biópsia.

O setor de Quimioterapia é onde o paciente recebe o medicamento quimioterápico. Possui sala para adultos e crianças, ambiente climatizado, televisão. Oferece atendimento de forma qualificada e humanizada, através de uma competente equipe multiprofissional.

Possui um Ambulatório de Ortopedia. Realiza cirurgias complexas de ortopedia, tem consultório pré e pós- cirúrgico.

A Auditoria de Enfermagem avalia registros feitos pela equipe multidisciplinar, quantidade e qualidade da assistência prestada, detecta falhas e problemas para, a partir disso, propor soluções para minimizá-los, otimizando a assistência prestada. Busca a qualidade do atendimento com conseqüente redução de custo.

O Hospital Santo Antônio usa a experiência dos 150 anos de vida, mas sempre olha para o futuro. Busca modernidade, tecnologia e aperfeiçoamento em termos de recursos humanos, para poder oferecer o melhor para Blumenau.

Bibliografia

Fontes de Pesquisa:

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Informativo Hospital Santo Antônio – Ano 02 – Nº 13 – Julho/Agosto 2004

Site do Hospital Santo Antônio

Acervo da Escola Técnica de Saúde de Blumenau (ETS)

Entrevistas realizadas entre março e junho de 2010

Patrocínio:



Apoio:



Breitkopf
Seu revendedor Volkswagen para
Blumenau, Brusque e região.





INTERSINDICAL
PATRONAL
BLUMENAU E REGIÃO



Malhas
Malwee
gostosa como um abraço

SULFORMS
INDÚSTRIA GRÁFICA

{ pResse }
Comunicação Empresarial

Impressora
MAYER





150 
anos